

# A VOZ DO SARGENTO

DEFENSOR DOS INTERESSES DOS SARGENTOS E EQUIPARADOS DO EXERCITO E DA ARMADA

Pela PATRIA e pela REPUBLICA

DIRECTOR E PROPRIETARIO — Antonio Rodrigues

EDITOR — José Augusto Gomes

ADMINISTRADOR — José da Silva e Sousa

SECRETARIO — Mário da Costa Vasconcellos

PUBLICAÇÃO SEMANAL

Redacção e administração: RUA DA SOPHIA, 166

Composta e impresso na  
Typographia do *Noticias de Coimbra*

ASSIGNATURAS

Continente, trimestre - 300 reis

Ultramar, " - 600 "

ANNUNCIOS — Preços convencionaes

Annunciam-se todas as obras offerecidas á redacção



## A nossa apresentação

CAMARADAS:

Aqui temos o nosso jornal; é pequeno no tamanho, mas forte e grande no sentimento que o inspira, de pôr em pratica o Bem. Esse compromisso que hoje toma perante vós, ha de procurar cumpri-lo em todas as conjuncturas e com a maior lisura que é dado possuir a homens de brio e de caracter.

Promettemos-vos soccorrer os filhos e viúvas dos nossos camaradas fallecidos do exercito e da armada, bem como das classes equiparadas, e isso havemos de realizar integral e honestamente, como o exige a honra e a dignidade; promettemos-vos assumptos que nos possam instruir e educar, e para isso emidaremos os nossos maiores esforços, estudando e analysando assumptos de merecimento, e valendo-nos de individuos de reconhecida competencia; promettemos-vos defender os interesses da nossa classe e equiparados, dentro do que fór de justiça, e isso vos affiançamos que faremos com a maior dedicação, consagrando-lhe o melhor do nosso criterio.

Estae certos tambem que o nosso jornal se não prestará a questões d'ordem discordante, e que procurará sempre, ao contrario d'isso, concorrer para que entre a nossa classe e equiparados, se mantenha a mais firme e pura cohesão.

Para conseguir esta missão tão nobre e tão sympathica, desde já contamos com a nossa decidida e inquebrantavel boa vontade. Restanos o vosso apoio. E' para elle que appellamos, consciós de que não será debalde.

## DATA MILITAR

Faz hoje precisamente 20 annos, que um punhado de bravos, sacrificou nas ruas da invicta cidade do Porto, todo o seu bem estar, e alguns até a propria vida, pela causa da Republica; e, se infelizmente a traição não tivesse vencido, com certeza que Portugal não teria passado pelas vergonhas a que a desbragada monarchia o vinha submettendo, obrigando-o a desempenhar esse papel de oprimido

que ha tanto tempo nos vinha atrophiando.

Não deixaram por isso de ser uns heroes, porque elles iniciaram a marcha para a libertação da Patria, e ella ahí está redimida das affrontas de que estava sendo victima.

A *Voz do Sargento*, ao iniciar a sua publicação, não pode deixar de prestar homenagem aos seus camaradas que morreram no campo da honra, por uma causa tão sagrada, porque morrer combatendo uma monarchia é sempre uma morte gloriosa.

Mas se a monarchia nos infligiu constantes vergonhas e humilhações concorrendo para a nossa decadencia, a gloriosa alvorada de 5 de Outubro, não só veio vingar esses heroes, como veio, tambem, fazer com que possamos occupar na historia do mundo civilisado um logar proeminente e honroso.

Acabou a escravidão da nossa Patria!

Sim, quebraram-se as gargalheiras d'essa escravidão vergonhosa.

As tropas de Lisboa fizeram de Rotunda um parlamento e deram a palavra ás nossas espingardas.

Somos ainda descendentes dos grandes descobridores, que se atiraram para os mares desconhecidos, arriscando a sua vida, afim de augmentarem a nacionalidade da nossa querida Patria, e foi por isso tambem que se proclamou a Republica para a illustrar e engrandecer.

Por isso ella ahí está, tal qual a entendem os homens de hoje, na igualdade civil e independencia do trabalho.

A Republica não é uma coisa nova para nós, porque já ha 270 annos que Portugal a desejou implantar.

E se tal tivesse succedido, nós teriamos sido, desde então, o povo mais grande do mundo, porque a Republica é e será sempre a soberania nacional, posta em acção pela coadjuvação de todos os cidadãos, no governo e na administração do Paiz; e não teriamos tido, entre nós, os alliados dos carrascos que em 1817 fizeram enforcar a figura altamente sympathica d'esse grande militar que se chamou Gomes Freire.

Somos livres e a Republica Portuguesa foi de tal forma recebida, que jamais desaparecerá, porque confiados na propria força das ideias libertadoras e na energia do nosso exercito, já provada em tantos serviços prestados á Patria, certos estamos de que podemos contar tambem com todas as veras da alma popular para a defesa e conservação da nossa querida Republica, que nos restituiu a nossa dignidade de homens e militares que somos.

Não ha melhor prazer do que o de combater pela liberdade d'um povo.

Todo o sacrificio por estas duas sagradas palavras:

**Patria e Republica!**

## Aos mortos de 31 de Janeiro

O' mortos de Janeiro, em paz agora  
Podeis desir na vossa sepultura,  
Está vingada a vossa morte escara.  
E' livre emfim a Patria que vos chora!

E é tão bella é tão branca a nova Aurora,  
Como é bella a immaculada alvura  
Da vossa Alma, de toda a noção pura  
Pelo sangue da vossa extrema hora!

Sangue d'heroes e sangue assim de justos,  
Elle tornou mais bellos e robustos  
Os ramos ideaes da Liberdade,

Essa arvore de que o sangue é a seiva,  
E a terra que elle ensopa a melhor leiva,  
Mas que é o Bem maior da Humanidade!

Coimbra, Janeiro de 1910.

JOAQUIM GOMES.

## Salve 31 de Janeiro de 1911!

Salve data gloriosa e epopeica! Eu vos saúdo, desassombrados heroes de atticos peitos em que o sentimento patriótico se albergava tão arraigado, tão alto, tão sublime que, bem á evidencia, mostrastes ser a divisa de Fénelon — amo mais a minha patria que a mim mesmo — o sentir perenne do vosso coração.

Não ave uma maior votação o plebiscito que, aos frémitos de indignação de todos os patriotas offendidos na sua honra atavica, vós lançastes?

Não vistes o vosso Ideal, puro e immaculado, erguer-se sobranceiro como, alvez, em sonhos — a resultante dos laivos de cynismo duns dirigentes produtores, sem acção, tendo a cada passo que lhes passasse pela mente qualquer solução patriótica que não constituisse antepaís para o continuar dum governo para cuja conquista, muitas vezes, o sangue do povo, dos nossos irmãos, caía por terra em borbotões — vos fez ver o vosso cerebro? — Que importa? — Todas as grandes revoluções da sociedade humana tiveram os seus precursores que, apesar de expostos ao escarneo e martyrio, nem por isso deixaram de compartilhar, ni historia, as glorias dos executores da sua causa.

Para que o poder dos Cezares fosse derrubado, para que os escravos, os humildes, os oprimidos se compertrassem da sua validez, do seu viver humano, foi preciso o aparecimento do Nazareno, o symbolo da Liberdade, Igualdade e Fraternidade. — Foi preciso o sacrificio da sua vida, heroico, sublime?

Consimou-se; mas nos seus successores que conseguiram, em parte,

atingir a méta para que convergiam os esforços e ensinamentos do mestre, lá ficou a semente que, germinando, devia minar o poder dos Cezares, redimir os escravos e rasgar os horizontes duma civilização nova. E se o Ideal, puro e immaculado, não conseguiu realizar o desideratum da Universal Igualdade, por se eivarem dos mais pestilentos cancos, as seitas que á sombra do Ideal sublime, trouxeram a Inquisição—Supremacia e Discordia, nem por isso o sacrificio do grande socialista se nublou.

Se, para o Gama e Cabral darem á nossa querida Patria a gloria que nos ufana, foi preciso o lutar decisivo, o arrojo sem trepidações, os herculeos esforços de patriotas portugueses que, pertinazmente, foram conquistando palmos e milhas de mar, sem conseguirem atingir a ambicionada terra da promessa, nem por isso os esforços desses precursores duma grande gloria, deixaram de ser, pela historia, aureolados.

Assim, para vós que fostes os precursores do grande feito que devia abrir novas e brilhantes paginas na historia patria, em 5 de outubro, hade ir o respeito, a admiração e agradecimento de toda a progenitura portuguesa que conservará, como symbolo de patriotismo, a dolorosa jornada de 31 de janeiro que, para muitos de vós, foi o aniquilamento material e para todos os restantes o inicio de materiaes e moraes soffrimentos que incentivo foram para um pugnar sempre denodado pela causa democratica a dentro e fora das fronteiras da Patria sem que, numa estoicidade levantada, deixassem de fazer convergir, para o mesmo fim, ora a produção dos seus pungentissimos cerebros, muitas vezes o sacrificio das suas fortunas e ainda o da sua preciosa existência. Por isso — eu vos saúdo.

Para vós que, defrontando-vos com cobardes e traidores, fostes materialmente aniquilados, vae com esta saudação, o preito da mais dura angustia que a evocação de entes queridos pode imprimir em todas as fibras do meu coração — é para vós que, continuando a propugnar pela causa que hoje é de todos, detivestes na marcha para o abysmo este velho Portugal, fazendo-o rejuvenescer para nos dardes uma Patria Nova, uma patria em que o ambiente da Igualdade purificará a atmosphera putrida que nos estava diluindo os pulmões sequiosos desse ar puro, —vae o meu respeito, a minha admiração, a minha mais arraigada e profunda sympathia que num impeto de entusiastica admiração, me leva a soltar um caloroso

Vivam os heroes de 31 de Janeiro!

Bragança.

MANOEL MARIA CANTISTA

1.º sargento de infant. 10.



## Recordando

Ha 20 annos, a caminho do exilio, escrevia o inclito cidadão capitão Leitão, chefe da revolta do Porto:

«Bordo do Moçambique, 22-3-91.

Encarcerado como estou n'esta prisão fluctuante, vilipendiado, torturado e julgado pelos esbirros da monarchia, d'aqui mesmo saúdo a minha querida patria.

Para que a religião republicana tenha o exito que todos os verdadeiros crentes desejam, é preciso proceder contra a seita monarchica com o mesmo vigor, como se procedeu contra os jesuitas, e assim a nossa Patria se tornará florescente e respeitada.

Amaral Leitão

Se da aridez da campa, o seu gelado pó pudesse voltar á vida, e ver tornado um facto o ideal da sua Patria florescente e respeitada, muito embora o Povo não tivesse procedido para com a seita monarchica com o mesmo vigor com que Pomal derrubou os jesuitas, no seu orgulho de patriota não deixaria de exclamar:

Ditosa Patria, que taes filhos tem!

## AS GRÉVES

As greves são de uma tão elevada importancia social que devemos ponderadamente apreciar n'uma observação meticolosa todos os factores genéticos que as determinam.

Uma greve é sempre um meio legal de reivindicação de direitos de afirmação de principios.

Mas para estudarmos este phenomeno fisico-psicológico da dinamica das sociedades temos que integral-o no movimento evolutivo do progresso social e analisar a sua importancia difficil e dolorosa no extraordinario momento critico-istorico que atravessamos.

A recente e solucionala greve dos ferro-viarios com todas as reivindicadoras ramificações que se traduziram nos diversos movimentos grevistas que acentuadamente se frizaram em seguida, determinou, como era natural, um profundo desequilibrio na nossa vida economica.

Tanto bastou para que de norte a sul, n'uma harmonia triste, se levantasse um protesto veemente contra o movimento grevista.

Apreciemos a questão.

Porque é que o Povo afirmou o seu desagrado por essa acção prejudicial? Por condenar ou reprimir as greves?

Não!

Os ferro-viarios, como toda essa desconhecida e anonima massa de trigueiros proletarios que n'um esforço constante e vital representam o valor d'uma nacionalidade, foram os colaboradores jenerosos e desinteressados de toda a propaganda benefica e dignificante que teve por conclusão gloriosa e iluminada a proclamação d'uma republica, que se afirmou por esta palavra simples e bela—Justiça.

Portanto era a eles que cumpria n'um dever irrecusavel manterem-se em alevantada espetativa, vijiando cautelosamente o momento oportuno em que era imprescindivel afirmar com clara eloquencia as justas reclamações que as suas bocas esfomeadas em escancare lugubre abriu n'um su-

premo jesto de desafrontada esijencia.

Porque não o fiseram?!

Evidentemente, porque as insuperaveis necessidades do momento, impunham o caminho ultimo, depts d'uma arbitragem amigavel e equitativa.

Teria razão de ser ou esplica-se o protesto popular?

Sim!

Mas como se conjugam estas duas ideias visivelmente opostas?

E' que poucos estudaram ainda o problema em todos os seus variados, pitorescos e interessantes aspetos.

Do patriotismo incontestado d'esses valiosos pioneiros dos idiaes superiores da pura democracia não derivaria logicamente movimento algum que com anticipado proposito fosse ferir a integridade superior da Republica Portuguesa.

Atinjuu e maguou profundamente os interesses sagrados do paiz, mas ele é uma consequencia imediata e fatal da miseria inelemente.

E' o eterno espectro sem solução: O problema economico.

Coimbra, 1-911.

CUNHA NELLO

## O nosso dever

A meu paé, Tito Larcher, fundador do Leiria Illustrado, semanario republicano.

Agora mais do que nunca, precisamos de trabalhar unidos para consolidar a Republica, fazendo assim engrandecer este jardim da Europa, que durante seculos foi votado ao desprezo.

Todo o bom portuguez, dentro da sua esphera d'acção deve concorrer com o seu quinhão de trabalho para a reconstrução do grande edificio da «Republica», desprezando as ruinas d'esse velho edificio demolido pela força d'um povo generoso.

Preparemos os operarios para esta grandiosa obra, abrindo-lhe a escola; pois que satisfazendo as duas primeiras necessidades do homem, «pão e instrução», a Patria redimida, poderá progredir, assentando em leis perfeitamente economicas.

Precisamos d'um povo instruido, pois que só esse terá a comprehensão nitida dos seus deveres, e só elle poderá desenvolver a industria, agricultura e o commercio, preciosas fontes de riqueza e de progresso, e factores importantes para o desenvolvimento do nosso paiz tão arruinado, pela má administração dos governos monarchicos.

E' preciso portanto n'estes primeiros annos muito e muito trabalho da parte do povo e do governo, para em breve erguermos a cabeça perante as nações europeias que agora desprezam o nosso cantinho, outr'ora tão respeitado.

Não esquecer que somos portuguezes, filhos d'uma patria livre; honremos o passado cumprindo o nosso dever, e trabalhemos pela delaza do nosso ideal republicano, porque só elle satisfaz as ambições do povo moderno.

Sejamos fieis á Patria e incansaveis defensores da Republica, que a paz e tranquillidade tanto desejada, em breve resurgirá.

Lisboa, 22 de Janeiro de 1911.

JORGE DAS NEVES LARCHER  
2.º sargento d'infantaria n.º 16

### O novo regulamento disciplinar

No proximo numero faremos algumas apreciações sobre o novo regulamento disciplinar.

## Viúvas e orphãs de sargentos e equiparados

Desnecessario é descrever as necessidades que invadem o lar d'estes modestos servidores da Nação, após esse estertor doloroso em que o chefe de familia se agarra á vida e lueta com a morte, tendo a comprehensão nitida da desgraça que vae ferir sua pobre familia, logo que d'elle se exale o ultimo alento da sua alma de soldado que consumiu o melhor da sua vida como defensor da sua querida Patria.

Que horrivel e dilacerante deve ser para esse desgraçado, o encarar com suas pobres filhas, sabendo que no dia immediato faltará em sua casa o pão, a renda da casa; que as privações irão apparecendo uma a uma, até á fome, essa má conselheira, que quem sabe, lhe levará, esses entes para elle tão queridos, e com elles, o seu nome honrado até á ultima das degradações sociaes!

Como é já horroroso escreve-lo e pensa-lo!

Que horrenda e dilacerante agonia deve ter o desgraçado em taes circumstancias!

A carta de lei de 28 de Junho de 1890, incerta na Ordem do Exercito n.º 14, de 9 de Julho do mesmo anno, concede, com justiça, ás orphãs e viúvas dos officiaes sem montepio, a modesta pensão mensal de 3.000 réis a cada uma; mas n'esse regimen de excepção, essa lei, não desceu até aos sargentos e seus equiparados.

Felizmente esses tempos já lá vão.

Necessario é apaga-los da nossa ideia, porque o raiar do *Sol de 5 d'Outubro*, foi para todos; e com elle nasceu um regimen de Paz, de Justiça, de Liberdade, de Igualdade e Fraternidade, que nos leva a crer, que a Ex.<sup>ma</sup> commissão encarregada de melhorar as circumstancias dos sargentos e equiparados proporá que se torne extensiva a citada carta de lei, ás suas viúvas e orphãs, enquanto não tiverem montepio e direito a pensão do mesmo.

## Musicos militares

E' a primeira vez que, no nosso Paiz, sahe a lume um jornal em que a classe, cujo nome serve de epigraphe a estas modestas linhas, possa fazer ouvir as suas justas petições. Cabe-nos a missão de principiar nas suas columnas, a romper o véu do esquecimento que ha tantos annos a cobre, e por isso procuraremos lembrar com a boa-vontade de que dispomos, que esta classe merece ser olhada de maneira diferente da que tem sido até aqui.

O musico póde ser considerado como tendo duas individualidades: a do militar e a do artista.

Não é somente no desempenho de uma partitura que elle exerce as suas funções, mas tambem com a espín-

garda na mão quando as necessidades da occasião assim o exijam; isto é: nas occasiões difficeis, quando não ha outro recurso de que lançar mão.

E' muito honroso ser chamado a verter o sangue pela Patria em circumstancias taes, mas estamos, na verdade, tão pouco habituados a ve-lo empunhando um espingarda, que este facto, aliás importante, da sua vida militar, nos passa despercebido, e apenas o consideramos na sua condição de artista.

Ha quem affirme que a classe dos musicos pode ser dispensada por inutil. Se assim é, porque a conservam ainda no exercito e na armada? Evidentemente porque, de qualquer forma, se tornou imprescindivel.

Quem tem alma de soldado, presta culto á Divina Arte. A guerra e a musica são duas creações sublimes da Natureza, ligadas por mysteriosos e indissolaveis laços.

No seu rude mistér, o guerreiro necessita de alguma coisa que lhe falle á sentimentalidade, que lhe dulcifique a alma no revez ou que lhe arrebathe os sentidos na victoria.

Nada mais bello que a passagem d'um regimento, em ordem de marcha, bandeira ao vento, banda de musica á frente entoando uma marcha guerreira. Parece-nos ver, como n'um cinematographo immenso, através das brumas da nossa phantasia, a confusão épica de longinquas batalhas, e ouvir a marcha triumphante de milhares de heroes.

O musico é um verdadeiro artista. Se a Patria tem, nas nossas armas, o esteio da sua independencia, nós temos, nas vibrações arrebatadoras de um hymno heroico o esteio da nossa força.

Assim o comprehendeu um distincto official do nosso exercito que, sendo commandante de uma poderosa columna que ia bater o Sul de Angola, fez compôr um hymno e pronunciou: «o soldado avançará, cantando o seu hymno de guerra, em côro, com entusiasmo».

## NOTICIAS MILITARES

Falleceu em Mafra, onde se encontrava frequentando o curso da Escola Central de Sargentos, o nosso camarada e amigo João José de Sampaio, 1.º sargento do regimento d'infantaria n.º 10.

A toda a sua familia, especializando o Sr. Capitão Manoel Teixeira de Moraes, apresentamos a expressão do nosso pezar.

Em serviço de inspecção ao material de guerra do regimento d'infantaria n.º 23, encontra-se entre nós, o Ex.<sup>mo</sup> Sr. Capitão do estado maior de artilharia, adjunto á inspecção do serviço d'artilharia, Henrique de Sousa Monteiro.

Deu parte de doente em Montemor o Velho, onde se achava em diligencia, o Sr. Alferes Quaresma de Paiva. Seguiu para alli afim de assumir o commando da diligencia, e Sr. Tenente Joaquim Rodrigues Baptista.

Seguiu para Arganil, escoltando presos civis que alli vão responder, o 2.º sargento Alvaro Augusto Pereira da Silva.

No rapido das 8 1/2 horas da tarde do dia 29, passaram para o Porto os srs. ministros da guerra e marinha, tendo sido alvos de uma grande manifestação de sympathia que lhes foi feita na estação de Coimbra B.



## SECÇÃO HISTORICA

Esta nossa modesta secção, sem ter a vaidade nem intenções de ir investigar profundamente factos da nossa historia ou a vida dos nossos mais illustres militares, tem comtudo o desejo mais sincero de ser antes de mais nada uma secção educativa.

Sabem todos os nossos camaradas como o estudo da historia militar é despresado nos quartéis e mesmo o pouco interesse que ella tem despertado na nossa classe, embora fosse de utilidade o seu conhecimento e interessante o seu estudo. Pois bem: o nosso jornal vae iniciar com o seu primeiro numero uma secção que despretenciosamente, mas tambem com verdade e clareza, leve a todos aquelles que nos lerem o conhecimento de certos factos notaveis e gloriosos do nosso exercito, ou a vida de illustres militares portugueses ou ainda qualquer cousa tirada a nossa historia que possa merecer attenção e cuja noticia possa de qualquer forma dar proveito.

Assim o nosso esforço corresponda a nossa vontade; e se nestes modestos artigos se não encontrar erudição ou não for vista uma impecavel forma litteraria, ver-se-ha pelo menos uma clara exposição, methodica e verdadeira, elucidativa e simples—consoante a orientação do nosso jornal, que acima de tudo quer ser instructivo e por consequencia proveitoso.

## SMOLENSKO

Como é sabido, após a occupação de Portugal pelo exercito de Junot em 1807, um dos pensamentos de Napoleão Bonaparte foi afastar de cá a parte melhor do nosso exercito com o fim de, principalmente, enfraquecer mais a nação e tirar-lhe um dos meios de resistencia ao seu dominio.

Assim, obedecendo a instancias do Imperador, Junot organisou um corpo de tropas portuguezas que mandou para França e que ficou conhecido pelo nome de *Legião Portuguesa*—valorosa *legião* que seguiu os exercitos imperiaes, acorrentada ao seu carro triumphal, é certo, mas obrigada a combater longe da sua terra ao lado de inimigos da sua patria.

Entrou em varias campanhas a destemida *legião*; e quando Bonaparte decidindo aniquilar a Russia, juntou um formidavel exercito de 640:000 homens, no meio d'elles, obscuramente, marchavam os tres regimentos de infantaria e um de cavallaria de que ella se compunha, na força aproximada de 6:000 homens.

O Regimento n.º 1 era chamado *d'elite* e commandado pelo celebre coronel Francisco Freire Pêgo; o n.º 2 e n.º 3 eram respectivamente commandados por Candido José Xavier e

Manuel de Castro Pereira de Mesquita; e a cavallaria estava sob as ordens do marquez de Loulé.

Era um pequeno mas valioso auxiliar do grande Imperador, esse punhado d'homens. Napoleão bem o sabia; a titulo de os honrar, empregava-os nas situações difficeis das suas batalhas, na certeza de que elles cumpririam briosamente o seu dever, e mesmo, acrescenta Pinheiro Chagas: «as mães portuguezas, sabia elle que lhe não pediriam contos do sangue de seus filhos». (1) O grande exercito aproximou-se da Russia durante o mez de Junho de 1812; começaram os combates em que os Russos mostraram defender-se obstinadamente até que, nos meados de Agosto, no dia 17, o grande Imperador parou em frente de Smolensko, a formosa cidade russa que precisava conquistar para continuar a campanha. O rio Dniéper estava de permeio, estorvando a passagem e não havia ponte. Para se lançar uma ponte era preciso fazer callar a artilharia inimiga e para se fazer callar a artilharia, era necessario um grande sacrificio.

Mas Napoleão não via obstaculos. O seu querer não admittia replicas e deu ordem a Ney, o grande marechal, o bravo dos bravos (2) que commandava o 3.º corpo d'exercito, para lançar uma ponte de barcos. Esta foi a ordem, laconica, simples, singela... Faltava cumpri-la e cumpriu-se. Ney tinha no seu corpo d'exercito os dois regimentos d'infantaria n.º 1 e 2 da nossa legião e para cumprir a ordem do Imperador lembrou-se de nós; «tinha pelos dois regimentos — diz uma testemunha ocular — a mais decidida estima» (3) e como ahi a podia mostrar mais uma vez, deu ordem ao 2.º batalhão do 2.º regimento para atravessar o Dniéper a nado e proteger o lançamento da ponte de barcos.

O commandante do batalhão era o bravo Bernardino Antonio Moniz e a empreza era mais do que arriscada; mas cumpria leval-a ao fim sem desvantagem. A'quelle punhado de homens do occidente foi entregue por assim dizer a decisão do grande combate que o Imperador queria travar no dia seguinte.

Compenetrado bem no seu papel, o valente e temerario batalhão lançou-

(1) *A Legião Portuguesa*, cap. VII.

(2) Ney era um dos marechaes de Napoleão que maior prestigio tinha no exercito francez. Era alcunhado de «o bravo dos bravos» e o seu valor militar evidenciava-se principalmente nas retiradas difficeis.

(3) Theotónio Banha: *Apontamentos para a historia da Legião Portuguesa*, pag. 57.

se a nado sob a fuzilaria dos russos; chegou á outra margem e ahi occupou o ponto onde devia apoiar a extremidade da ponte. Em frente estavam as fortificações dos russos de onde vinha um chuveiro continuo de balas; do outro lado o grande exercito imperial e de permeio a corrente do Dniéper. A situação era pessima; Ney tinha-os enviado á morte infalivel... Bernardino Antonio Moniz conheceu bem o risco; mas, não desanimando, fallou ao batalhão na queirda lingua portugueza; e á bayoneta, corpo a corpo, desesperadamente, n'um ataque louco e formidavel, lançou-se contra as primeiras fortificações dos russos, forçou os arrabalde da formosa cidade de Smolensko, lançou-lhes fogo e sob a admiração enorme do grande exercito, fez recuar os defensores para dentro das suas fortissimas muralhas e torres «de 4:000 toezas de circumferencia!» (1) Depois, serenamente, postou-se n'uns quintaes á beira do rio e mandou dizer a Ney que a ponte podia ser lançada; os 30:000 defensores de Smolensko não se atreveriam a encomodar o pygmeu...

Esta acção de Bernardino Antonio Moniz é memoravel. Um simples batalhão arrojou-se de encontro á guarnição d'uma cidade bem defendida e sem ter a retirada bem protegida é um acto verdadeiramente heroico e que pode ser considerado de loucura. Diz um historiador francez: «o marechal Ney declarou no seu relatório que este ataque audacioso foi o feito d'armas de mais valor que elle vira em toda a sua vida de militar». (2)

Depois, o exercito atravessou e no dia seguinte, 18 d'Agosto, entrou triumphante na cidade que os russos tinham abandonado depois de pouca resistencia. Foram grandes as perdas que teve o batalhão mas o que nunca devemos esquecer foi esse heroico sacrificio que um punhado de homens fez perante o grande e poderoso exercito do Imperador omnipotente, para quem o mundo inteiro era pequeno demais.

(1) «...grossas e altas muralhas de 4:000 toezas de circumferencia flanqueadas de torres, formando bastiões montados de peças de grosso calibre, guarnecidas por 30:000 homens.» Manuel de Castro Pereira de Mesquita: *Historia da Legião Portuguesa*.

(2) Tissot: *Précis ou histoire abrégée des guerres de la révolution*, II, pag. 714. Este mesmo escriptor acrescenta: «...um dos bairros foi tomado por um batalhão que tendo-se lançado a carga, obrigou a retirar dos entrenchiramentos, quatro mil homens protegidos por fortificações e artilharia.» Obr. cit., in loc. cit.

## PLACARD

Pedimos a fineza a todas as pessoas a quem enviámos o nosso jornal e que ainda não se inscreverem como assignantes, o devolverem-nos sem demora, caso não nos queiram honrar com a sua assignatura.

A falta de devolução até ao 3.º numero obriga-nos a consideral-os assignantes.

Agradecemos e publicamos qualquer collaboração que nos seja enviada, reservando-nos o direito da não publicação d'aquella que seja contraria á orientação do nosso jornal.

A importancia da assignatura, pode ser enviada a esta redacção em sellos ou em vale do correio.

Tendo-se recebido alguns envelopes sem a respectiva circular dentro, pedimos aos nossos assignantes que já se tivessem inscripto e a quem falte receber o nosso jornal, a fineza de nos prevenir para lhe ser feita a necessaria remessa.

No proximo numero começaremos a publicação do *Guia medico para o colono de Angola*.

## Bibliographia

Da acreditada livraria *A Editora*, do Largo do Conde Barão, Lisboa, recebemos um exemplar do seu *Manuael para 1911, musical, litterario e artistico*, primoroso brinde que esta casa offerece aos seus assignantes.

E' uma publicação soberbamente illustrada e que contem bocados d'ouro nas especialidades indicadas.

Agradecemos a gentileza da offerta.

## Sarau

No Centro Republicano Dr. Fernandes Costa realisou-se no domingo um magnifico sarau, levado a effeito pelo Centro Republicano Ramada Curto.

Tomaram parte nesta sympathica festa os srs. dr. Amílcar Ramada Curto e Fernão Botto Machado, que proferiram dois esplendidos discursos, e o orpheon feminino do Collegio Mondego.

A sala encontrava-se repleta, sabindo todos os espectadores bastante impressionados.

## Manifestação

Foram no domingo alvos duma grande manifestação, na sua passagem para o Porto, os srs. ministros dos estrangeiros e da justiça.

## Centenario de Alexandre Herculano

Convida-se a commissão academica iniciadora e organisadora do centenario de Alexandre Herculano a reunir se pela ultima vez no dia 2 de Fevereiro, em Coimbra, no considerado Collegio Mondego, pelas 7 horas perfixas da tarde.

E' absolutamente necessaria a comparencia de todos os membros, attenta a extraordinaria importancia dos assumptos a tratar nessa sessão, depois da qual a commissão se dissolverá.

Coimbra, 24-1-911.

O secretario,  
Gualberto Mello.

## Ferramenta portatil para a infantaria

Justo e necessario é sair do marasmo a que pelo velho regimen foi condemnada a classe dos modestos servidores do estado.

Nesses tempos idos, que preciso é esquecer, nunca ninguem se preocupou senão aparentemente, em desenvolver e estimular o merito, em premiar a virtude, em fazer progredir a arte e a industria, e essa falta de amor por tudo que era trabalho honesto, desalentava a maior parte daquelles que muito podem produzir e que muito ha que esperar d'elles.

Quantas commissões se nomearam no velho regimen, para a escolha de artigos, especialidade de certa profissão, e que comtudo os seus membros eram completamente alheios a ella!

Actualmente, tudo deve ter mudado, esta Patria está livre, está liberta, nella deve vigorar a mais franca, a mais sincera democracia, nella não deve haver favoritismo de qualidade alguma, e cada um deve ter a consideração, a que tiver jus em face do seu porte, do seu trabalho e da sua dedicação pelo bem geral.

Vae-se adquirir a ferramenta portatil para a infantaria, convencidos estamos que ha de ser aberto concurso para a escolha do typo a adoptar, e justo era incitar a classe dos

artifices do exercito, onde possuímos artistas de incontestavel merito, a ella concorrerem.

O espingardeiro do regimento aquartelado na sede do nosso jornal, o nosso amigo Lourenço d'Almeida, esse grande e modesto artista que se tem imposto pelo estudo, valor artistico e trabalho, entregou ha tempo uma ferramenta portatil, da sua invenção e fabrico, que officialmente foi enviada ás estações superiores as quaes até hoje nada disseram!

Está na Escola Pratica d'Infantaria e por todos que teem visto, tem sido elogiada, pelo seu pouco peso, simplicidade e resistencia.

Aqui fica o nosso grito d'alarme, para o espirito recto e democratico de Sua Ex.ª o Sr. Ministro da Guerra.





UMA AGENCIA  
DOS  
ARMAZENS GRANDELLA  
EM

Cada terra do paiz onde hajam estações postaes

A partir do dia 1 de Janeiro de 1911

Nestas agencias deverão ser entregues os pedidos, escriptos em bilhetes postaes ou cartas devidamente selladas com estampilha de 25 e subscritadas para GRANDELLA & C.<sup>a</sup>—RUA DO OURO, 215—LISBOA.

**Pessadas 48 horas**, nas mesmas agencias serão entregues os catalogos, as collecções de amostras ou a resposta a qualquer informação que tenham pedido, **isto sem despeza alguma**.

Os pedidos de quaesquer artigos que hajam, pelo mesmo processo, entregue na agencia, serão tambem entregues na mesma agencia **48 horas** depois do pedido feito e em troca do pagamento da respectiva factura.

Não é preciso mandar dinheiro adeantado, só se paga no acto da entrega

SE

por acaso, o que rarisimas vezes acontece, os artigos ou fazendas recebidas não forem fornecidos perfeitamente em harmonia com o pedido ou não **corresponderem** ao que esperavam pela **simple leitura do Catalogo**, não serão obrigados a ficar com esses artigos, **imediatamente**

DEVERÃO

tornar a empacotar o que não lhes agrada **exactamente** como vinha acondicionado e subscritado para

**GRANDELLA & C.<sup>a</sup> — Rua do Ouro 215, Lisboa** levar o novamente á agencia e ahí pagar os sellos que indicarem serem precisos pór no volume. **Passadas 48 horas** de assim haverem procedido, receberão a importancia dos artigos que devolverem bem como a importancia das despezas feitas para os devolverem, caso tenha havido erro no fornecimento.

Estas agencias são das que offerecem mais garantias de seriedade, porque não só estão debaixo da fiscalisação do Estado, como tambem teem a garantir as transacções all effectuadas, a probidade commercial dos **ARMAZENS GRANDELLA** importante casa commercial do paiz que, d'esta forma, põe á disposição de todos os habitantes do paiz OS COLLOSSAES SORTIMENTOS DA SUA SEDE EM LISBOA, pelos mesmos preços que vende em Lisboa, ao balcão.

Estas **AGENCIAS** são as **ESTAÇÕES POSTAES** em cada terra do paiz.

AOS ARMAZENS GRANDELLA



**DIHETOL** (Base de Cinnamato de Sodio)

Empolas e frascos de solução purissima e aseptica

Formula do Dr. Marques dos Santos para o tratamento especifico da

**TUBERCULOSE POLMUNAR**

Injecções Hypodermicas e Via Bucal. Attestados medicos. Indicam-se doentes curados. Modificação ao methodo de Landerar, de Stuttgart.

Baptista d'Abreu, preparador em Calvario. Oliveirinha. BEIRA ALTA

DEPOSITARIOS: Villaça, COIMBRA—Barral, LISBOA

**IMPRESA ACADEMICA**

153—Rua da Sophia—165

COIMBRA

Grande deposito de todos os modelos, nitidamente impressos, para o serviço dos Corpos do Exercito, Districtos R. e Reserva, Hospitaes Militares, etc.

Execução rapida.

**Mario Paes & Com.<sup>ta</sup>**

ARMAZENS DE

Mercearias, Farinhas, Semeas e Tregaria

SÉDE—Rua Adelino Veiga—COIMBRA

Telegr. FARINHAS—Teleph. n.º 124 e 44

Vendas só por grosso

Preços em competencia com as melhores casas no nosso genero.

**VEROL & C.<sup>a</sup>**

**CASA DO MILITAR Á PORTA**

Fundada em 1836

Premiada nas exposições a que tem concorrido, obtendo na Exposição Nacional do Rio de Janeiro de 1908 Grand Prix e Medalha de Ouro

LIVRARIA E PAPELARIA

COM OFFICINA DE

Typographia, Encadernação, Litographia, Puntação, Riscados e Dourador

Telephone n.º 1:321

434 — Rua Augusta — 436

Lisboa — Portugal

**Catalogo de livros militares**

|  |        |  |       |
|--|--------|--|-------|
| Regulamento dos corpos do exercito .....   | 500    | Telegraphia optica, seu papel tactico e estrategico, 1 vol. broc. ....   | 100   |
| Idem, continencias e honras militares .....  | 420    | Codigo de Justiça Militar, 1 vol. broc. ....   | 600   |
| Regulamento de campanha, 1. <sup>a</sup> parte .....   | 600    | Idem, cart. ....   | 900   |
| Idem, 2. <sup>a</sup> parte, infantaria .....  | 400    | Campanha do Bailundo em 1902, por F. C. Moncada, 1 vol. broc. ....   | 15000 |
| Idem, 2. <sup>a</sup> parte, engenharia .....  | 500    | Serviço de cavallaria em campanha, por F. Tamagnini, 1 vol. broc. ....   | 800   |
| Idem, 2. <sup>a</sup> parte, cavallaria .....  | 500    | Administração militar em campanha, por A. D. Branquinho, 1 vol. broc. ....   | 600   |
| Idem, 2. <sup>a</sup> parte, artilheria .....  | 500    | Heroe de Chaimite, por E. de Noronha, 1 vol. broc. ....  | 15000 |
| Instrucções para uso da carabina, 1. <sup>a</sup> , 2. <sup>a</sup> e 3. <sup>a</sup> parte .....                          | 400    | Regulamento de tiro, traducção do allemão, por J. Prata Dias, 1 vol. broc. ..  | 500   |
| Jogo de espada .....   | 300    | Programma para 2. <sup>o</sup> sargento de infantaria, por Eduardo Ferreira Vianna   | 15000 |
| Idem, de lança .....   | 300    | Dito, Varão e Coelho .....   | 15200 |
| Equitação, 1. <sup>a</sup> parte .....   | 300    | Programma para 1. <sup>o</sup> sargento  |       |
| Idem, 2. <sup>a</sup> parte .....  | 300    | Album militar (commendas e uniformes) .....  | 500   |
| Manejo da espingarda, 6 <sup>m</sup> , 5 .....   | 200    | Exame para cabos .....   | 60    |
| Escola do soldado .....  | 300    | Instrucções para cabos e soldados .....  | 100   |
| Mobilisação do exercito .....  | 15000  | Apontamentos sobre tactica e estrategia, por José Cardoso, 1 vol. ....   | 600   |
| Manual de gymnastica .....   | 500    | Manual do Colono, por Alfredo Leão Pimentel, 1. <sup>o</sup> vol. ....   | 700   |
| Regulamento de étapes .....  | 200    | Idem, 2. <sup>o</sup> vol. ....  | 800   |
| Exercicios de quadros .....  | 300    | Idem, 3. <sup>o</sup> vol. ....  | 15000 |
| Theoria nas casernas, broc. ....   | 500    | Idem, 4. <sup>o</sup> vol. ....  | 15500 |
| Idem, cart. ....   | 600    | Idem, para instrucção de cabos e soldados, por Manuel Alexandre Montez, 1 vol. ....  | 150   |
| Regulamento de reservas ..   | 200    | A funcção do exercito, por R. A. Esteves, 1 vol. ...   | 500   |
| Cartilha militar .....   | 40     | Hygiene, por Arthur de Miranda Lemos, 1 vol. ....  | 300   |
| Curso de habilitação para 1. <sup>os</sup> cabos, broc. ....   | 300    | Manual de gymnastica, por D. Miguel Henrique de Alarcão, 1 vol. broc. ....   | 800   |
| Idem, cart. ....   | 400    | Idem, cart. ....   | 15000 |
| Idem, para 2. <sup>os</sup> sargentos, broc. ....  | 300    | Raças cavallares da Peninsula, por D. A. A. da C. Oliveira, 1 vol. ....  | 15800 |
| Idem, cart. ....   | 400    | Appendice ao livro «Raças Cavallares,» pelo mesmo auctor, 1 vol. ....  | 600   |
| A Bandeira, poesia dirigida aos soldados portuguezes   | 100    | Manual de instrucção para as praças de infantaria da Guarda Fiscal, por Antonio da Graça Ferreira.   | 900   |
| Notas sobre a cavallaria na actualidade, 1 vol. broc. ....   | 500    | Elucidario de serviços fiscaes aduaneiros, pelo mesmo auctor .....   | 750   |
| Guia pratico dos commandantes de destacamentos, por Eduardo F. Vianna, 1 vol. broc. (2. <sup>a</sup> ed. augmentada) ..... | 800    | Manual de fortification, por H. Plessix et E. Legrand  | 15000 |
| Idem, cart. ....   | 15100  | Programma da parte especial do curso para 1. <sup>os</sup> cabos de infantaria, por José Maria «Guitton» ...   | 400   |
| Problemas de tactica applicada nas cartas topographicas, por F. R. da Silva, 3 vol. broc. ....                             | 55500  | Programma da legislação, administração e escripturação militar, para o curso de habilitação de 2. <sup>os</sup> sargentos de infantaria, pelo mesmo auctor ..... | 300   |
| Legislação militar, por Franco, 7 vol. broc. ....  | 125500 | Topographia .....  | 50    |
| Guia auxiliar do official para escripturação dos conselhos administrativos, 2 to de cavallaria, Mascarenhas .....          | 400    | Idem, Mendes d'Almeida, 2 vol. broc. ....  | 55000 |
| Dito 1. <sup>o</sup> sargento Varão e Coelho .....   | 15600  | Metralhadoras, pelo capitão V. Bugalho .....   | 800   |
| Idem, para 1. <sup>o</sup> sargento de cavallaria e infantaria, Rodrigues .....  | 500    | Hygiene nas marchas de intaria por Joaquim Vieira  | 300   |
| Pró Patria, por Homem Christo, 1 vol. ....   | 900    | Equitação e Hypologia, por conde Fornos d'Algodres   | 15200 |
| 1 vol. broc. ....  | 15400  |  |       |
| Idem, 1 vol. cart. ....  | 15700  |  |       |
| A cavallaria no campo da batalha, por F. Sá Chaves, 1 vol. broc. ....  | 300    |  |       |



# A VOZ DO SARGENTO

DEFENSOR DOS INTERESSES DOS SARGENTOS E EQUIPARADOS DO EXERCITO E DA ARMADA

Pela PATRIA e pela REPUBLICA

DIRECTOR E PROPRIETARIO — Antonio Rodrigues

EDITOR — José Augusto Gomes

ADMINISTRADOR — José da Silva e Sousa

SECRETARIO — Mario da Costa Vasconcellos

PUBLICAÇÃO SEMANAL

Redacção e administração: RUA DA SOPHIA, 166

Composto e impresso na  
Typographia do *Noticias de Coimbra*

ASSIGNATURAS

Continente, trimestre - 300 reis  
Ultramar, semestre - 600

ANNUNCIOS — Preços convencionaes

Annunciam-se todas as obras offerecidas á redacção

## AO EX.<sup>MO</sup> SR. MINISTRO DA GUERRA

Ex.<sup>MO</sup> SENHOR

Permitti que o nosso modesto jornal suba até ás culminancias em que a soberania popular vos collocou, e ahí, num estylo rude mas sincero, vos apresente as mais ardentes felicitações pelo vosso 58.<sup>o</sup> anniversario natalicio, passado em 5 deste mez.

Não tomeis este acto á conta de adulação. Não. Certificae-vos de que não pretendemos adular-vos; porque nem o vosso altaneiro espirito nos receberia esse gesto ficticio, nem os sentimentos que alimentamos se prestariam a isso.

Sómente temos em vista paten-tear perante vós, nesta singela

prova quanta sympathia, respeito, admiração e affecto nos inspiraes, como homem, ministro justo e bondoso, e de elevada envergadura.

A vós que sois uma verdadeira gloria nacional, já pelo vosso profundo saber já pela lucidez viva e scintillante de que haveis dado a mais eloquente prova, servindo neste momento precioso mas arduo a causa venerada da Republica, endereçamos, pois, este nosso cartão.

Acceitae-o, Ex.<sup>MO</sup> Sr., como se póde acceitar o que nada presta pelo que vale, mas pelo que significa.

Que a vossa vida se prolongue até á méta das vossas aspirações. são esses os nossos votos.

## Exercito Portuguez

### SARGENTOS

Quem tiver acompanhado os judiciosos artigos sobre «preparação politica da guerra, guerras nacionaes, nação armada e serviço militar reduzido», publicados na *Revista Militar* de março a julho de 1907, devidos á penna do illustre general Moraes Sarmento, pode desde já prever as bases em que vae assentar o nosso poder militar. De facto, com a substancia d'esses artigos, que vamos de novo encontrar em resumo na these *A Defeza Nacional*, relatada pela mesma revista no grande Congresso Nacional, reunido em Lisboa no anno findo, harmonisam-se quasi inteiramente os principios que, sobre organização militar, tinham sido adoptados pelo Partido Republicano Portuguez no seu programma.

Quem reconhece a necessidade da organização da Defeza Nacional e ás instituições militares tem dedicado, ainda que obscuramente, a sua mocidade e o seu enthusiasmo, não pode deixar de antever com alegria que vae finalmente ser dotado o nosso paiz com um exercito de verdade, porque representará a utilização da maxima força, isto é, de todas as forças da Nação, unica organização que pode dar-nos garantias de segurança contra incurções audaciosas e estrangeiros.

Mas se, sob o ponto de vista patriotico, o serviço pessoal e obrigatorio para todos os cidadãos muito nos agrada, sob o ponto de vista social

não nos agrada menos, pois que com a organização miliciana, tendendo á incorporação de todos os mancebos válidos, não mais se dará o quasi divorcio em que a Nação, diz-se, tem vivido com o seu exercito.

Entre outras causas que se apontam, julgamos nós que o quasi desinteresse com que tem sido vistas as questões militares, fóra do meio profissional, tem sido motivado no pouco conhecimento da verdadeira função do Exercito e em não ter sido concretamente justificado o dispendio feito com o órgão da Defeza Nacional.

E, effectivamente, não obstante a boa vontade da totalidade dos seus membros, o exercito morria de inacção por causas diversas, e apenas uma ou outra campanha colonial vinha de tempos a tempos justificar a sua existencia; mas, se a Patria Portugueza quizesse, no arranco de uma hora tragica, lançar fóra das suas fronteiras inimigos cobiçosos, ou reagir contra imposições injustas, e voltasse os olhos angustiados para o seu derradeiro recurso—o Exercito, este marcharia para uma lueta altivamente, mas pouco mais poderia oppôr aos seus inimigos do que a grandeza de alma dos filhos de Portugal.

E' que as luctas de hoje entre as nações são pouco duradoiras mas tremendas: reclamam muitos homens e muitos ornamentos, e nós além dos poucos armamentos, só dispunhamos de poucos homens com instrução militar.

Um pequeno paiz como o nosso só alimentando constantemente todas as suas forças consegue fazer-se respeitar, e, até hoje, a organização da nossa Defeza Nacional tem sido um triste engano,

Saudemos a Republica que vae dar a Portugal a satisfação de mais esta necessidade nacional!

As bases, já previstas, em que irá assentar a organização da nossa Defeza Nacional, não deixam de nos preocupar quanto á acção que irá ser exigida dos sargentos do exercito para cooperarem eficazmente nesta obra de redempção.

Um dos principios assentes, como é sabido, é a incorporação de todos os mancebos válidos chegados á idade do alistamento.

Vão, pois, passar pelos nossos quartéis mancebos de todas as classes sociaes e de todos os graus de instrução, o que importará, julgamos nós, uma modificação mais ou menos profunda no regimen interno dos nossos quartéis; mas no que essa modificação mais virá a fazer-se sentir, cedo ou tarde, é no methodo de instrução das tropas, visto que, emquanto uns d'esses mancebos veem ao exercito fazer a sua aprendizagem militar, outros tem já recebido instrução militar preparatoria em diversos estabelecimentos e pouco mais farão do que prestar as suas provas e receber uma instrução complementar. E' isto que por agora podemos prever.

Esta nova situação obriga-nos a dedicarmos-nos attentamente ao estudo das sciencias militares e a desenvolver mais assiduamente os conhecimentos adquiridos nas nossas escolas, porque só assim nós poderemos ser bons e conscienciosos colaboradores no ensino dos ramos da instrução em que fór utilizada a nossa corporação.

E' sabida, porém, a dificuldade de adquirir cada um os bons livros de que necessita para o estudo, mas pela cooperação de todos facil era remediar-se o mal.

Podia em cada corpo, em que ainda a não haja, ser organizada uma sala para reunião dos sargentos e, annexa, uma bibliotheca de livros uteis, adquiridos principalmente pelos fundos da sociedade assim constituida.

N'ella poderiam realizar-se palestras como, ha pouco ainda, foram recommendadas pelo Ministerio da Guerra.

Julgamos util concorrer cada um, conforme o seu grau de preparação e de estudo, para a mais solida instrução dos seus camaradas.

O nosso pensamento ficaria completamente realiado se de toda a parte os nossos camaradas enviassem a esta publicação estudos seus, que viriam dar-lhe todo o brilho de que ella é susceptivel, com a vantagem de tornar conhecidos, principalmente no seio da corporação, os valiosos elementos de que ella dispõe. Sem pretensões a ensinar, mas apenas na ideia de dividir por todos os que podem o trabalho de pesquisa e divulgação do que nos é util conhecer, fa-

riamos á corporação dos sargentos o melhor serviço de que ella necessita.

Julgamos pernicioso qualquer tendencia a crear rivalidades na corporação militar, mas do estudo em comum parece-nos que só advirão vantagens para todos.

O 2.<sup>o</sup> sargento de hoje será o 1.<sup>o</sup> sargento de amanhã.

E' da estima, respeito e auxilio de uns pelos outros que nos virá a consideração dos estranhos, e não dos despeitos que só produzem separações e rivalidades.

A parte profissional dos membros do Exercito ha de continuar a constituir uma grande familia e nós devemos viver n'ella como irmãos.

## 31 de Janeiro e 1 de Fevereiro

São duas datas verdadeiramente memoraveis para o povo portuguez.

São duas explosões d'alma d'um povo ultrajado pela absurda monarchia, que tanto humilhou o glorioso nome portuguez; esse nome que nenhum povo obscurece e que tem a mais bella pagina na historia mundial.

E digo que ninguém obscurece, porque todos sabem que o audaz portuguez, que descobriu o caminho marítimo para a India, foi elle que levou ás terras d'além-mar o facho brilhante da civilização, e que atravez de todos os tempos á sombra da sua bandeira, em luctas pela independencia e honra da patria, deu sempre dedicadas provas d'um valor nunca mentido.

Foi este povo que no dia 31 de Janeiro se bateu com arrojo nas ruas do Porto, em prol da Republica, como sendo Ella a unica forma de governo que nos saberia honrar as tradições do nosso passado e engrandecer esta patria amada; foi este mesmo povo que no dia 1 de Fevereiro nas ruas de Lisboa, no auge de desespero e de revolta, vingou a affronta da publicação dos decretos, que ultrajavam a dignidade e brio do povo portuguez e o expunham ao maior dos supplicios destinando-se a roubar maridos a esposas, paes a filhos, parentes e amigos.

E foi finalmente este mesmo bello e heroico povo, que tem como antepassados, um humanitario e valente merechal Sá da Bandeira, um espirito organisador como Marquez de Pombal, e um cantor das suas glorias como Luiz de Camões, que na manhã de 5 d'Outubro, proclamou a Republica em Portugal.

E será incontestavelmente este mesmo povo, devotado amigo da sua patria, que saberá cumprir o seu dever, procurando instruir-se e trabalhar, para consolidar a Republica, dando com o seu trabalho o necessario impulso para o desenvolvimento do nosso paiz.

JORGE DAS NEVES LARCHER  
2.<sup>o</sup> sargento d'infantaria 16



## ULTRAMAR

A assignatura para o Ultramar é de 600 réis por semestre, e não por trimestre como por lapso se indicou na 1.ª edição do nosso jornal.

### Questões militares

Dissipadas como foram as densas trevas em que Portugal estava envolta e aberta assim a senda d'uma vida nova inspirada nos mais sublimes ideaes d'avanço social, justo é analysar detidamente o organismo militar e dispensar-lhe os desvelos que o seu estado depauperado reclama, para garantia do futuro da Nação, de que elle é o primeiro sustentaculo. Não será pois superfluo que, aquelles que com esse organismo experimentam um contacto directo e permanente, esbocem opiniões tendentes a avigora-lo e a dar-lhe aquella vida e aquella saude que tem de constituir toda a sua acção e todo o seu ser.

Sirva-nos agora para thema do nosso assumpto, o demonstrar o que é e o que deve ser a instrucção tactica ministrada ao nosso soldado.

Concluiremos que não é mais do que uma multiplicidade de manejos, a maior parte dos quaes sem outra utilidade pratica, que não seja a d'uma exhibição grotesca e machinal.

Consumem-se energias, martyrisam-se cerebros, desperdiça-se tempo, engana-se a realidade, confundem-se conhecimentos, e tudo isto em honra á tradição e a uma errada interpretação, o que no tempo da monarchia era justificavel devido ao desnorteamento dos individuos governantes, sempre promptos, pela sua falta d'amor patrio, a dar ao exercito quanto lhes parecesse espantoso e d'uma aridez irrefutavel.

O soldado deve mais ser educado no serviço de campanha em todas as vicissitudes e em todos os questionarios da arte de guerra, do que no treino de frivolidades com que se lhe satura o cerebro.

Mas precisamente n'esse ponto, é onde mais estiolada se manifesta a sua instrucção. Em elle sabendo pouco mais do que é uma guarda avançada, um estacionamento, uma vedeta, tem satisfeito aos quesitos dos regulamentos respectivos.

Resta tão sómente aperfeiçoal-o nos alinhamentos, nas meias voltas, no volver aos flancos; emfim, n'esse extenal de ninharias que infelizmente formam quasi o exclusivo adorno exterior do nosso exercito. São velharias que tem de acabar, pelo mesquinho significado que representam.

Nós nem podemos nem devemos ter soldados para ostentação. Deve impedir-o o bom senso e a nossa pequenez territorial. O nosso exercito tem de ser composto de soldados que saibam de preferencia manejar a espingarda com precisão, ao mesmo tempo que devem saber construir um abrigo expedito, aproveitar o terreno, conhecer as phases do combate, discernir por si mais ou menos a situação, avaliar da influencia das outras armas, desempenhar-se de todo o serviço quer em estação, quer em marcha, com uma nitida intuição do papel que lhe incumbe; ter ainda umas ligeiras noções de todo o material de guerra; e tantas outras particularidades de que muito carece no campo da batalha e que será ocioso aqui enumerar.

Tudo o mais, além do que contri-

bua para haver unidade, é na maior parte secundario por espetaculoso e de nenhuma efficacia.

Esperancados estamos de que a Ex.<sup>ma</sup> Commissão incumbida de proceder á reorganisação do exercito, introduzirá nos seus trabalhos o remedio a dar a este estado morbido, que muito affecta e compromette os nossos legitimos interesses e o valor do nosso soldado, considerado moral e phisicamente. Moral, porque a sua indole é por natureza disciplinada; phisica, porque a sua robustez é sobremaneira invejavel.

### Reglamento Disciplinar do Exercito

São incontestavelmente bellos, são e democraticos, os principios expostos no relatório de apresentação do novo *Reglamento Disciplinar*, mas infelizmente a já longa pratica das cousas da vida, os revezes soffridos e que temos visto soffrir a camaradas nossos, a adversidade, levam-nos a declarar que embora este regulamento seja sem duvida o mais liberal dos que no exercito teem vigorado, longe está de corresponder ás esperanças e justas aspirações da classe dos sargentos e equiparados.

Não passe pela mente de ninguem, que estas classes não comprehendem a necessidade de punir as transgressões dos preceitos regulamentares, mas o que desejam e a que se julgam com direito, é de serem punidos por individuos cuja idade e experiencia da vida, deva constituir para elles, uma garantia de que lhes será feita justiça.

Ninguem com patente inferior a capitão, embora commandando companhia ou destacamento, devia ter competencia para punir um profissional, isto é, um sargento ou um seu equiparado.

Não é porque não tenhamos pela maioria dos subalternos, capitães d'amanhã, muito respeito e muita consideração, mas sim, porque a experiencia é uma grande mestra da vida, e o tempo foi sempre bom conselheiro.

Magoa-nos tambem a *eliminação*, pelo facto de se ter sido punido com quarenta dias de detenção no praso de trez annos, sem que se olhe á qualidade das faltas!

Só quem desconhece a engrenagem regimental e os serviços confiados aos sargentos e equiparados, é que não calcula como é facil com um bocado de pouca sorte attingir esse numero com pequeninas faltas, que nada representam e que todos nós commettimos quotidianamente, e que, se ha quem as releve, ha tambem quem as puna, e esses castigos que não revelam nem mau caracter, nem o ser mau militar, levam esse desgraçado quem sabe, se á miseria pela perda do futuro e talvez do pão ou amesquinham-no vedando-lhe o uso do traje á militar, embora tenha sido reformado.

Parece-nos que tão dura punição só devia ser applicado, depois d'um jury composto d'officiaes onde o delinquente tivesse um defensor da sua escolha, ter apreciado da natureza das faltas e assim o deliberasse.

### «A Voz do Caixeiro»

Recebemos e muito agradecemos a visita d'este nosso collega, que se publica n'esta cidade, que se propõe defender a classe dos caixeiros.

Longa vida é o que lhe apetece-

## A uma mulher feia

Teu lindo Coração, a ti que és feia,  
Se tu o podes porventura ser,  
Dá-te essa tua graça de sereia,  
E uma extranha beleza de mulher!

Lembra a pérola que a ostra aformoseia,  
E a qual essa ostra em vão tenta esconder  
Bem dentro em si, do homem que receia,  
E que ao fundo do Mar a vae colher!

Como essa ostra, dos homens á paixão,  
Tu queres occultar teu Coração  
Que é tambem branca pérola d'amor,

Mas em vão, que elle bem se nos revela  
Na bondade que assim te torna bella,  
Como á pérola a acusa o seu fulgor!

JOAQUIM GOMES

### Ferramenta portatil para a infantaria

Não é com satisfação nem com vaidade que vejo o meu humilde nome figurar nas columnas de qualquer jornal.

Mas em vista do artigo inserto no primeiro numero d'este nosso defensor sobre a epigraphe que me serve de titulo, não posso deixar de dizer alguma coisa sobre o assumpto, attendendo a que o fim dos fundadores deste jornal, é a *justiça*, sendo por isso para ella que eu apelo:

Quando tracei a linha da minha vida artistica, vi-a necessidade de formar a minha educação que eu julgava estar ainda incompleta para este fim.

Obedecendo pois, a este principio, venho ha oito annos, roubando ao pouco tempo que eu devia aproveitar para meu descanso, algumas horas para me dedicar aos estudos frequentando a Escola Industrial e Escola livre, não me tendo distrahido d'esta resolução nem um momento, porque sem trabalho nada se pôde conseguir.

Dedicava-me um dia ao aperfeiçoamento de uma obra da minha arte, quando se me deparou no jornal *O Seculo* um convite aos senhores officiaes do exercito, para apresentarem á commissão que havia sido nomeado para esse fim, modelos de ferramenta portatil para infantaria.

Na minha qualidade de artista e nesta conjuntura, entendi (apezar do convite não ter sido extensivo até mim) que cumpria com o meu dever de militar, dedicando um pouco do meu tempo ao estudo de uma ferramenta que podesse ser aproveitavel.

Mas no meio de tudo isto tive um esquecimento que ainda hoje lamento. E' que ia concorrer com individuos extranhos á minha classe.

Lamentavel esquecimento este!...

Fiz primeiramente o estudo em desenho que executei em chumbo, e foi nesta materia que apresentei ao meu commandante para ouvir o seu parecer; foi elle que aplaudindo e achando o meu exemplar aproveitavel me disse que o fizesse em ferro que elle mesmo o enviaria directamente ao sr. Ministro da guerra, juntamente com um relatório explicativo do seu funcionamento.

Pouco tempo depois satisfazia eu o desejo de sua excellencia e lá seguiu para Lisboa o meu modesto trabalho acompanhado de um relatório feito pelo sr. alferes Velhinho.

Passados dias era eu chamado ao gabinete do meu commandante, para me lér uma carta em que o sr. ministro da guerra se expressava em termos muito elogiosos a respeito da minha obra, acabando por dizer que, por aquella estação ia ser enviada á commissão competente.

Depois d'isto nada mais soube oficialmente.

Porém um dia mais tarde vim a saber que numa ordem do exercito de 1909 — na parte não official — vinha o frio e laconico parecer da commissão.

Não julguem que me recenti por não auferir grandes lucros ou pomposos elogios em ordem do exercito. Não! Porque ha duas coisas que nunca conheci na minha pessoa: A vaidade e a ganancia.

O meu fim era trabalhar um pouco em proveito do exercito e da minha querida Patria.

Mas foi posto de parte o meu modelo e porquê? Porque para nada servia, isto é, porque eu não tive a sorte de ser chamado pela commissão para praticamente funcionar com o meu modelo, apesar de ter sido experimentado na cerca d'este quartel em excavações, tanto como picareta como enchada e na transformação rapida em pá para a remoção de terras, dando, segundo diziam os entendidos, excellentes resultados.

Em todo o caso é para lamentar que uma invenção que não serve para nada, esteja num muscu d'arte e material de guerra como é o da Escola pratica d'infantaria, crescendo mais a circumstancia de que em nada fui consultado, nem tão pouco dei o meu consentimento.

Coimbra, 2 de Fevereiro de 1911.

LOURENÇO D'ALMEIDA,

Espingardeiro d'infantaria 23.

## PLACARD

Pedimos a fineza a todas as pessoas a quem enviámos o nosso jornal e que ainda não se inscreverem como assignantes, o devolverem-nos sem demora, caso não nos queiram honrar com a sua assignatura.

A falta de devolução até ao 3.º numero obriga-nos a consideral-os assignantes.

Agradecemos e publicamos qualquer collaboração que nos seja enviada, reservando-nos o direito da não publicação d'aquella que seja contraria á orientação do nosso jornal.

A importancia da assignatura, pode ser enviada a esta redacção em sellos ou em vale do correio.

Tendo-se recebido alguns envelopes sem a respectiva circular dentro, pedimos aos nossos assignantes que já se tivessem inscripto e a quem falte receber o nosso jornal, a fineza de nos prevenir para lhe ser feita a necessaria remessa.

## Bibliographia

Da acreditada Livraria J. Gonçalves Pereira (Pae), Rua de S. Paulo, n.º 12, 4.º, Lisboa, recebemos e muito agradecemos um valioso exemplar de *O francez sem mestre*, por Joaquim Gonçalves Pereira, obra indispensavel a todos aquelles que desejem aprender com facilidade e pouco dispendio, essa lingua quasi universal, por isso que na mesma obra se encontram com toda a clareza e ao alcance de todas as intelligencias, a pronuncia, grammatica, conversação, correspondencia e litteratura.

O seu custo é de 2500 réis.



## A LIÇÃO D'HISTORIA

Numa manhã fresca d'Outubro, o vento norte agitava os ramos nus das arvores que orlavam a pequena villa. Lá para o sul distinguíam-se as casas de Chateaudun, indistinctamente, por causa do nevoeiro. Por toda a planície reinava um silencio sepulchral, como se a chegada dos prussianos tivesse paralisado a vida dos campos.

Tinham-se ouvido alguns tiros, na noite precedente, entre os francos atiradores e as guardas avançadas inimigas, mas os voluntarios francezes foram retirando pouco a pouco até á villa e d'ahi o silencio que se notou desde o alvorecer.

A aproximação dos allemães os aldeões fugiam com medo das represalias. Naquelle logar apenas tinham ficado o administrador, velho e doente, algumas mulheres com os filhos e o professor, um homem baixo e corcunda, cheio de rugas e envelhecido pela idade, mas com uns olhos cheios d'energia e coragem, que desde o principio da guerra vivia uma vida sobresaltada e dolorosa. Desesperado por não poder empunhar uma arma seguia com o pensamento as operações militares e cada vez que chegava a noticia d'uma derrota soffria como se realmente tivesse sido ferido.

Depois de Froeschviller e Forbach ainda acreditou numa desforra, mas a capitulação de Sédan e depois o cerco de Paris, tiraram-lhe as ultimas illusões.

Ao ver tudo perdido chorava cada vez mais.

Não era casado. E, por isso, toda a sua affeição a dedicava ás creanças que estava encarregado d'instruir.

Se eram a sua unica affeição, eram tambem o seu unico cuidado. Por ellas tinha uma verdadeira paixão e como se sentia proximo da sepultura pensava em deixar atraz de si, na sua escola, uma recordação util e gloriosa.

Acreditava que depois da sua morte, se encarnaria na alma dos seus discipulos uma parcella do seu ardor patriótico e da sua fé na immortalidade da França.

Mas, obscuro professor, num desconhecido logar parecia-lhe impossivel a realisação de tal sonho.

Entretanto as tropas allemãs aproximavam-se cada vez mais. Os corpos de francos-atiradores parisienses e d'outras cidades, auxiliados pelos aldeões armados, faziam uma guerra d'emboscadas feroz e sem piedade d'uma e outra parte.

Quando um d'elles se deixava aprisionar fuzilavam-o. A quinta ou aldeia que o tinha abrigado era queimada.

Nos campos reinava uma grande desolação.

Para matar o tempo, o professor ia todos os dias á administração em cujo edificio ficava tambem a escola onde ainda vinham algumas creanças, e a quem dava lição como se nada de anormal se passasse em volta delles.

Fallava-lhes, sobretudo da historia, da grande historia da França, das campanhas do Egypto e da Italia, das heroicas epopeias que de 1804 a 1815 tinham visto os campos de batalha da Europa; e, quando algumas vezes o ruido longinquo d'um tiro se ouvia, o professor parava e com a voz tremula continuava: «Na manhã da batalha d'Austerlitz Napoleão...»

Naquelle dia ao chegar á administração encontrou, parecendo esperal-o, o administrador que o poz ao corren-

te das más noticias que acabava de receber.

— Parece, disse-lhe, que os prussianos juraram queimar Chateaudun e todas as quintas e aldeias que a cercam, especialmente Virize e Civry onde foram recebidos a tiro.

— E sabe se seremos ameaçados?

— E' provavel, porque esta terra, como as outras forneceu francos atiradores e isto é o bastante para nos fuzilarem e queimarem as casas.

— As avançadas inimigas já estão proximas?

— Acabam de as descobrir a alguns kilometros.

Os dois velhos olharam-se em silencio com signaes de tristeza nos rostos.

Por fim o administrador disse: E que vamos nós fazer?

— Esperar.

— E se atiram sobre nós?

— Morrer.

O professor disse isto com toda a simplicidade como sendo a consequencia logica do acontecimento que em volta d'elles se precipitavam.

Mas o administrador mais optimista accrescentou logo:

— Talvez exageremos suppondo nos prussianos taes sentimentos de colera e raiva. Podem, muito bem, atravessar a villa e respeitá-la. Julgo que não ha aqui mais homens do que nós.

Os velhos, as mulheres e as creanças não os devem irritar.

— Deus o ouça, sr. administrador. Gargalhadas e gritos se ouviram.

— Olhe, os meus rapazes que se divertem aproveitando-se da minha ausencia. Vou dar-lhes lição.

— Como habitualmente?

— É verdade. Quer o sr. vir comigo?

— Como não tenho nada a fazer agora, vou.

E os dois homens, silenciosos e graves, entraram na sala da aula. As gargalhadas e os gritos cessaram logo.

Emquanto o administrador se sentava junto da janella, o professor subia para a sua cadeira.

Contou os alumnos. Eram uma dezena, quasi, de doze a quinze annos, todos com cara de saude e com olhos avidos de saber. Estabeleceu-se um silencio profundo e impressionante.

O professor principiou dizendo:

«Meus rapazes, talvez seja o ultimo dia que tenha a felicidade de estar convosco. Ignoro o que o destino nos reserva, mas quero que fallando de mim um dia possam dizer:

*Era um bravo homem. Amava a França acima de tudo. Amemol-a como elle e tenhamos, apesar de tudo, e sempre, confiança na patria. Não é verdade que direis isto, e que sereis bons e bravos francezes?»*

— Sim, sim, murmuraram as creanças commovidas.

O professor desfez, no canto dos olhos, qualquer coisa que se parecia com uma lagrima, e continuou:

«Conheceis todas as desgraças que neste momento pezam sobre o nosso paiz. Pois bem! para vos provar que nenhuma desgraça nos deve desanimar e que um dia virá em que a fortuna nos será favoravel, não ha melhor lição que a da historia.

Já vos contei a grande victoria d'Austerlitz. Hoje vou fallar-vos de Iena, Iena que viu a derrota da Prussia... Escrevam!»

E as cabeças loiras inclinaram-se sobre o papel.

(Conclue no proximo numero).

## Organização militar

DA

Confederação Suissa de 12 d'Abril de 1907

A Assembleia Federal da Confederação Suissa, em virtude da Constituição Federal de 29 de Maio de 1874 e ouvido o Conselho Federal de 10 de Março de 1906, decretou:

## TITULO I

## Obrigações militares

## CAPITULO I

## Das obrigações militares

Artigo 1.º — O serviço militar na Suissa é obrigatorio.

As obrigações militares comprehendem:

O serviço pessoal, — serviço militar propriamente dito; o pagamento d'uma taxa d'isenção, — imposto militar.

Art. 2.º — O serviço militar é obrigatorio desde os vinte até aos quarenta e oito annos.

Os mancebos aptos para o serviço podem antecipar o seu alistamento, quando satisfaçam ás condições de rebostez proprias da sua idade.

Obedece ás disposições especiaes o serviço militar dos officiaes e o recrutamento antecipado em caso de guerra.

Art. 3.º — Aquelle que não cumprir o serviço pessoal fica sujeito ao pagamento do imposto militar até completar quarenta annos.

O imposto militar constitue uma lei especial.

## CAPITULO II

## Do recrutamento

Art. 4.º — A Confederação recruta, com o concurso das auctoridades cantonaes, os mancebos sujeitos ao serviço militar. O Conselho Federal organisa as commissões de recrutamento e decreta as suas obrigações.

Os mancebos são recrutados quando completam os dezanove annos.

Art. 5.º — As commissões de recrutamento consideram os mancebos:

Aptos para o serviço militar. Aptos para os serviços auxiliares. Incapazes do serviço.

Esperados, circumstancia que se não pode prolongar por mais de quatro annos.

A commissão de recrutamento, destina ao mesmo tempo a arma em que os mancebos devem prestar serviço.

Art. 6.º — Os mancebos apresentam-se ás commissões de recrutamento na localidade onde estão domiciliados ou d'onde são naturaes.

Pela obrigação de se apresentarem e durante o recrutamento, ficam sujeitos á jurisdicção e á lei penal militar.

Art. 7.º — Cada mancebo recebe, a titulo de legitimação militar, um livrete, que conterá todas as indicações relativas ás suas obrigações de serviço e ao seu cumprimento.

O livrete de serviço não pode ser empregado como documento de legitimação civil.

## CAPITULO III

## Obrigaçao do serviço militar

Art. 8.º — Os mancebos aptos para o serviço são obrigados ao serviço pessoal, que comprehende:

(a) O serviço d'instrucção; (b) O serviço activo, isto é, a defesa da independencia da patria contra o estrangeiro e a manutenção da tranquillidade e ordem internas (artigo 2.º da Constituição Federal de 29 de Maio de 1874).

(Continua.)

## GUIA MEDICO

PARA O

## COLONO DE ANGOLA

No intuito de obviar dentro dos limites do possivel, as deficiencias de assistencia medica, derivadas da desproporção existente entre o quadro de saude e a extensão da provincia citada, foi pelo governador geral sr. Paiva Couceiro, mandado organisar o referido guia, onde se definem as convenientes prescripções de hygiene colonial, pequena cirurgia, Vacinação, tratamento para os accidentes e doenças mais vulgares dos paizes tropicaes.

Da sua elaboração foram encarregados os facultativos do ultramar srs. José de Brito Freire e Vasconcellos, coronel medico, chefe dos serviços de saude; Alberto de Sousa Maia Leitão, e Guilherme Vieira, capitães medicos, todos com reconhecida competencia, longa pratica e aturado estudo das doenças dos climas africanos.

Crentes de que prestamos um valioso serviço, não só aos nossos camaradas que estão no ultramar, mas a todos que por ali transitarem, passamos a transcrever o alludido guia.

## PRIMEIRA PARTE

## A partida do colono

O colono quer militar, quer civil, funcionario, agricultor, commerciante ou qualquer que seja a sua profissão, indo habitar Angola, a cujo solo não pertença por nascimento, deve seguir ao partir para essa colonia as indicações que vão enumerar-se:

1.ª Deve escolher maio, de preferencia, para a sua partida por coincidir esta época com a estação fresca em Angola, sobretudo se for estabelecer a sua residencia no districto de Benguella ou ao norte.

Destá arte facilmente habituará o seu organismo á transição climica do seu paiz natal para Angola.

2.ª Ao partir munir-se-ha de roupas proprias para a viagem, leves e commodas para usar nas horas quentes do dia, de que poderá servir-se já durante a viagem; de fatos mais pesados de preferencia de flanela azul, de capa ou manta capote pelo fresco da manhã e da noite e escolherá sempre que possivel, camisola de lã fina, para usar em contacto immediato com a pelle que evita os resfriamentos rapidos.

3.ª Muito convirá tambem que vá munido de capacete leve ou chapéus de palha de cor branca principalmente, de botas brancas e até de luetas ou oculos defumados que muito suavizam a intensa reverberação solar tropical, tanto sobre as ondas maritimas, como sobre as areias brancas das praias que por vezes tão extensas são, por exemplo, em Porto Alexandre, Bahia dos Tigres e Mossamedes.

(Continua.)

## O FRANCEZ

Inglez, allemão e italiano, sem mestre. Descoberta inapreciavel para o estudo das linguas. Novas edições melhoradas. Cada lingua, 2,500 réis; cada fasc. (em Lisboa) 100 réis. O MESTRE POPULAR, de Gonçalves Pereira (pae), rua de S. Paulo 12, 4.º e Ferregial de Baixo, 31, 2.º — Lisboa. Cuidado com as falsificações.



## DIHETOL (Base de Cinnamato de Sodio)

Empolas e frascos de solução puríssima e aseptica

Formula do Dr. Marques dos Santos para o tratamento especifico da

### TUBERCULOSE PULMONAR

Injecções Hypodermicas e Via Bucal. Attestados medicos. Indicam-se doentes curados. Modificação ao methodo de Landerar, de Stuttgart.

Baptista d'Abreu, preparador em Calvario, Oliveirinha, BEIRA ALTA

DEPOSITARIOS: Villaça, COIMBRA—Barral, LISBOA

## IMPRESA ACADEMICA

153—Rua da Sophia—165

COIMBRA

Grande deposito de todos os modelos, nitidamente impressos, para o serviço dos Corpos do Exercito, Districtos R. e Reserva, Hospitais Militares, etc.

Execução rapida.

## Mario Paes & Com.<sup>ta</sup>

ARMAZENS DE

Mercearias, Farinhas, Semeas e Tregaria

SÉDE—Rua Adelino Veiga—COIMBRA

Telegr. FARINHAS—Teleph. n.º 124 e 44

Vendas só por grosso

Preços em competencia com as melhores casas no nosso genero.

## Mata-sezões VERDADEIRAS PILULAS MILAGROSAS

OU MALEITAS Curam em poucos dias todas as febres intermitentes.

Estas pilulas podem tomar-se sem receio, ABREM O APETITE á comida e NÃO EXIGEM DIETA, podendo o doente comer de tudo. Preço da caixa 400 réis—meia caixa 240 réis (pelo correio mais 10 réis).

**Arranca-callos** Esta afamada pomada extrai os callos pela raiz, em 5 dias—Preço da caixa 150 réis (porte gratis).

**Unguento de Villar** Este milagroso unguento, EXPERIMENTADO HA MAIS DE 60 ANOS, cura as feridas e chagas, por mais antigas que sejam, varizes e frieiras ulceradas, ulceras cancerosas e syphiliticas, herpes, impigons, unha, sardas, nodos de melancolia e outras molestias de pelle. Milhares de curas e muitas cartas de agradecimento comprovam os seus magnificos resultados. Preço da caixa 150 réis (porte gratis). Remette-se pelo correio a quem mandar a importancia em estampilhas ou vale.

Pharmacia e drogaria FIGUEIREDO  
RUA DA SOPHIA, 30 COIMBRA

## Queijo fino da serra na

Mercearia Lusitana

## Pastelaria e Confeitaria

### TELLES

450—Rua Ferreira Borges—452

COIMBRA

Nesta casa, regularmente montada no genero das de Lisboa e Porto, encontra-se á venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos desta natureza:

Doces de ovos com os mais finos recheios.

Doces de fructa de diversas qualidades, séccos e crystalizados.

Fabricam-se grandes peças de fantasia, proprias para brindes.

Variada pastelaria em todos os generos, especializando os de folhado.

Galantinas diversas. Tête d'Achar. Paté de Liever e Foie.

Saucisses Pudings de diversas qualidades, vistosamente enfeitados. Pão de ló, pelo systema de Margaride.

Especialidade em vinhos generosos e licores finos das principaes marcas.

Amendoas, bon-bons, chocolates, queijos, chás, etc.

## CAPÉ, BEBIDAS E CERVEJAS

Deposito dos magnificos vinhos da Empreza Vinicola de Salvaterra de Magos, da finissima manteiga da Quinta de Fontello e dos productos da Fabrica de Bolachas e Biscoitos da Cou-raça de Lisboa, 32.

Dão-se senhas da Bonus Conimbri-cense,

## ALFAIATE

Antonio Ribeiro das Neves Machado

Fornecedor da Companhia dos Caminhos de Ferro

58—RUA DA SOPHIA—61

COIMBRA

Grande sortido de fazendas nacionaes estrangeiras. Colletes de phantasia, o que ha de maior novidade. Gravatas, suspensorios, collarinhos e muitos outros artigos. Especialidade em varinos de Aveiro.

Uniformes para militares.

Presunto de Melgaço (qualidade garantida), chegou a primeira remessa á

## MERCEARIA LUSITANA

## DROGARIA VILLAÇA COIMBRA

Completo sortido de productos chimicos, especialidades pharmaceuticas e artigos de borracha.

Tintas, oleo de linhaça, vernizes, brochas e todos os artigos concernentes á pintura.

Deposito de aguas medicinaes.

## Methodo João de Deus

Ensina-se a ler e escrever pelo referido methodo.

Lições nos domicilios dos interessados.

Trata-se na rua Joaquim Antonio de Aguiar, n.º 76.

OFFICIAL DO EXERCITO

O melhor enchido de Portalegre

Na casa Gaitto & Cannas

# VEROL & C.<sup>a</sup>

ooc

## CASA DO MILITAR Á PORTA

### Fundada em 1836

Premiada nas exposições a que tem concorrido, obtendo na Exposição Nacional do Rio de Janeiro de 1908 Grand Prix e Medalha de Ouro.

### LIVRARIA E PAPELARIA

COM OFFICINA DE

Typographia, Encadernação, Litographia, Pautação, Riscados e Dourador

Telephone n.º 1:321

134—Rua Augusta—136

Lisboa—Portugal

### Catalogo de livros militares

|  |        |   |       |
|--|--------|---|-------|
| Regulamento dos corpos do exercito   | 500    | campanha, por A. D. Branquinho, 1 vol. broc. ....   | 600   |
| Idem, continencias e honras militares  | 120    | Heroe de Chaimite, por E. de Noronha, 1 vol. broc.  | 15000 |
| Regulamento de campanha, 1.ª parte   | 600    | Regulamento de tiro, traducção do allemão, por J. Prata Dias, 1 vol. broc..   | 500   |
| Idem, 2.ª parte, infantaria.   | 400    | Programma para 2.º sargento de infantaria, por Eduardo Ferreira Vianna  | 15000 |
| Idem, 2.ª parte, engenharia  | 500    | Dito, Varão e Coelho  | 15200 |
| Idem, 2.ª parte, cavallaria.   | 500    | Programma para 1.º sargento de cavallaria, Mascarenhas  | 400   |
| Idem, 2.ª parte, artilheria.   | 500    | Dito 1.º sargento Varão e Coelho  | 15600 |
| Instrucções para uso da carabina, 1.ª, 2.ª e 3.ª parte   | 400    | Idem, para 1.º sargento de cavallaria e infantaria, Rodrigues   | 500   |
| Jogo de espada   | 300    | Pró Patria, por Homem Christo, 1 vol.   | 900   |
| Idem, de lança   | 300    | Album militar (commendas e uniformes)   | 500   |
| Equitação, 1.ª parte   | 300    | Exame para cabos  | 60    |
| Idem, 2.ª parte  | 300    | Instrucções para cabos e soldados   | 100   |
| Manejo da espingarda, 6 <sup>m</sup> , 5   | 200    | Apontamentos sobre tactica e estrategia, por José Cardoso, 1 vol.   | 600   |
| Escola do soldado  | 300    | Manual do Colono, por Alfredo Leão Pimentel, 1.º vol.   | 700   |
| Mobilisação do exercito  | 15000  | Idem, 2.º vol.  | 800   |
| Manual de gymnastica   | 500    | Idem, 3.º vol.  | 15000 |
| Regulamento de étapes  | 200    | Idem, 4.º vol.  | 15500 |
| Exercicios de quadros  | 300    | Idem, para instrucção de cabos e soldados, por Manuel Alexandre Montez, 1 vol.  | 150   |
| Theoria nas casernas, broc.  | 500    | A funcção do exercito, por R. A. Esteves, 1 vol.  | 500   |
| Idem, cart.  | 600    | Hygiene, por Arthur de Miranda Lemos, 1 vol.  | 300   |
| Regulamento de reservas  | 200    | Manual de gymnastica, por D. Miguel Henrique de Alarcão, 1 vol. broc.   | 800   |
| Cartilha militar   | 40     | Idem, cart.   | 15000 |
| Curso de habilitação para 1.º cabos, broc.   | 300    | Raças cavallares da Peninsula, por D. A. A. da C. Oliveira, 1 vol.  | 15800 |
| Idem, cart.  | 400    | Appendice ao livro «Raças Cavallares», pelo mesmo auctor, 1 vol.  | 600   |
| Idem, para 2.º sargentos, broc.  | 300    | Manual de instrucção para as praças de infantaria da Guarda Fiscal, por Antonio da Graça Ferreira.  | 900   |
| Idem, cart.  | 400    | Elucidario de serviços fiscaes aduaneiros, pelo mesmo auctor  | 750   |
| A Bandeira, poesia dirigida aos soldados portuguezes   | 100    | Manual de fortification, por H. Plessix et E. Legrand   | 15000 |
| Notas sobre a cavallaria na actualidade, 1 vol. broc.  | 500    | Programma da parte especial do curso para 1.º cabos de infantaria, por José Maria «Guitton»   | 400   |
| Guia pratico dos commandantes de destacamentos, por Eduardo F. Vianna, 1 vol. broc. (2.ª ed. augmentada) | 800    | Programma da legislação, administração e escripturação militar, para o curso de habilitação de 2.º sargentos de infantaria, pelo mesmo auctor | 300   |
| Idem, cart.  | 15100  | Manual para os cursos de habilitação de 2.º sargentos e 1.º cabos, por Adrião Lucas   | 200   |
| Problemas de tactica applicada nas cartas topographicas, por F. R. da Silva, 3 vol. broc.                | 55500  | Topographia   | 50    |
| Legislação militar, por Franco, 7 vol. broc.   | 125500 | Idem, Mendes d'Almeida, 2 vol. broc.  | 55000 |
| Guia auxiliar do official para escripturação dos conselhos administrativos, 2 vol. broc.                 | 15400  | Metralhadoras, pelo capitão V. Bugalho  | 800   |
| Idem, 1 vol. cart.   | 15700  | Hygiene nas marchas de infant.ª por Joaquim Vieira  | 300   |
| A cavallaria no campo da batalha, por F. Sá Chaves, 1 vol. broc.   | 300    | Equitação e Hypologia, por conde Fornos d'Algodres  | 15200 |
| Telegraphia optica, seu papel tactico e estrategico, 1 vol. broc.  | 400    |   |       |
| Codigo de Justiça Militar, 1 vol. broc.  | 600    |   |       |
| Idem, cart.  | 900    |   |       |
| Campanha do Bailundo em 1902, por F. C. Moncada, 1 vol. broc.  | 15000  |   |       |
| Serviço de cavallaria em campanha, por F. Tamagnini, 1 vol. broc.  | 800    |   |       |
| Administração militar em   |        |   |       |





# A VOZ DO SARGENTO

DEFENSOR DOS INTERESSES DOS SARGENTOS E EQUIPARADOS DO EXERCITO E DA ARMADA

Pela PATRIA e pela REPUBLICA

DIRECTOR E PROPRIETARIO — Antonio Rodrigues

EDITOR — José Augusto Gomes

ADMINISTRADOR — José da Silva e Sousa

SECRETARIO — Mario da Costa Vasconcellos

PUBLICAÇÃO SEMANAL

Redacção e administração: RUA DA SOPHIA, 166

Composto e impresso na  
Typographia do *Noticias de Coimbra*

ASSIGNATURAS

Continente, trimestre - 300 reis  
Ultramar, semestre - 600

ANNUNCIOS — Preços convencionaes

Annunciam-se todas as obras offerecidas á redacção

## Ministro da Guerra

De S. Ex.<sup>a</sup> o Sr. Ministro da Guerra recebemos na passada terça feira, o seguinte telegramma, que muito nos honra:

Redacção d'A VOZ DO SARGENTO — Coimbra — Lisboa, 7, ás 5,30 da tarde — Penhorado agradeço o artigo de felicitações publicado no n.º 2 do jornal A VOZ DO SARGENTO—Ministro da Guerra, Barreto.

## GRATIDÃO

Sou finalmente a hora de vermos que alguma coisa de utilitario se vae manuseando em prol da sempre desprotegida classe dos sargentos e equiparados (e dizemos equiparados, por nos parecer que o espirito da circular de que vamos fallar, lhes é extensiva). Ha dezenas d'annos que o nosso brado de oprimidos vinha fazendo rumor, sem que da parte de quem competia dar-lhe o lenitivo necessario, houvesse o mais leve proceder.

Mas nem sempre triumpham a immoralidade!

Desde 5 de Outubro de 1910 que outros homens, outros costumes, outro ambiente, se faz sentir e nos previne que esta nova phase da vida politica ha de ser Grandiosa e Resplandescente.

O abono do auxilio para rancho e a concessão de sermos tratados em casa quando doentes, é tudo quanto ha de mais justo.

Uma e outra prerogativa faziam parte das nossas aspirações, e ainda bem que s. ex.<sup>a</sup> o Ministro da Guerra julgou da causa com uma decisão digna do maior apreço.

Ninguém, estamos convencidos, devia experimentar descontentamento, porque a tudo se attendeu, até mesmo aos que pela circumstancia de não terem familia legalmente constituída, não podem ser contemplados com o abono do auxilio.

O caso de, quando doentes, podermos tratar-nos em casa, é mais do que razoavel: E' humano!

O contrario d'isso, era despotismo. Resta tambem dizermos que a

concessão do uso do capuz no capote, era por todos os titulos merecida, por isso que o estudante militar disfructava já essa regalia, quando é certo que o sargento pela sua idade, pelo seu tempo de serviço, pelo seu valor como militar, e sobre tudo pela sua superioridade ante o estudante militar, mais do que elle tinha direito a essa regalia.

Isto, até certo ponto, era o schéma dos erros da caricata monarchia.

Esperamos agora do superior criterio e excelso coração de s. ex.<sup>a</sup> o nobre ministro da guerra, que não sejam olvidadas outras e tão fundamentadas pretensões de que somos supplicantes, como seja a substituição da espingarda e da mochila por espada e pistola, a distincção de fardamento entre o soldado, a sua simplicidade, a criação d'um monte-pio e d'um instituto para educação de filhos dos sargentos e equiparados, a melhoria de vencimentos e uma melhor regularisação nas promoções.

Só depois d'isto, teremos alcançado quanto de mais urgente e de mais garantia nos pode ser concedido e teremos finalmente obtido o logar de justiça que nos compete occupar na escala de prestimosos e imprescindiveis servidores do Estado, que somos.

Cremos que, no que pedimos a mais, não somos demasiado exigentes nem desrazoaveis.

E quando um pedido tem a acompanhar-o a razão e a moderação, é licito esperar o seu deferimento.

E', pois, nessa espectativa que olhamos o futuro, plenamente confiados no eminentissimo cidadão que hoje preside aos destinos do exercito, que é s. ex.<sup>a</sup> o ministro da guerra.

## O estudo de tactica nas nossas escolas regimentaes

Um estudo tão importante como é o da tactica, nunca mereceu a mais pequena referencia aos legisladores que têm feito os regulamentos das escolas, nos ultimos annos, como se ella não merecesse muita mais attenção e estudo do que toda essa legislação e escripturação militar, que nas mesmas escolas se estuda.

A escripturação, esse himalaya de modelos, papeis e papelinhos, aprendem-na os alumnos com a pratica do serviço e a legislação está nos mesmos casos; enquanto que a tactica, essa grande sciencia, não se aprende nem com a pratica que d'ella se tem colhido nos corpos até hoje, nem, posso dizel-o sem receio de ser desmentido, com o estudo do nosso regulamento tactico.

Quem tenha lançado olhares curiosos para o que os grandes mestres estrangeiros Philibert, Lewal, Ortus, Janini, etc., e nacionaes o illustrado lente da Escola do Exercito sr. Fernando Maya, o ex.<sup>mo</sup> general Rodrigues da Silva, actual director da arma de infantaria, e outros não menos illustres escriptores militares, têm escripto sobre essa vastissima materia, quem tenha seguido com alguma attenção a constancia que alem fronteiras se estuda a sciencia da guerra e olhe para o nosso pequeno regulamento tactico, com as suas secas quatro phases do combate, com a sua simples e facil retirada, com todas as suas archaicas disposições, que lembram o tempo em que o alcance das espingardas não ia alem de 300 ou 600 metros e ao mesmo tempo repare que nas nossas escolas para praças de pret, exceptuando a Escola Central de Sargentos, se não ministra aos alumnos as mais rudimentares noções de tactica, fica contristado por ver tudo e todos caminhando, evoluicionando, e nós parados.

Depois do nosso regulamento tactico publicado, tem havido mais de uma campanha; e, como se sabe, em cada campanha nascem novos principios tacticos. Pois nós se vimos os que nellas nasceram, não lhes ligamos importancia e continuamos com o nosso velho quadrado, dormindo a somno solto.

Nós bem sabemos que neste por tanto tempo malfadado paiz nunca se ligou importancia á instrucção dos sargentos, e para prova veja-se o que diz o regulamento de campanha para a infantaria no seu numero 298. Parece deduzir-se d'elle que os officiaes têm o dom da invulnerabilidade, pois que não se pensou que em campanha, muitas vezes, um soldado inimigo pode promover, com a sua espingarda, um sargento a commandante de companhia; que no combate moderno o sargento, no commando da sua secção, necessita ter mais iniciativa e saber do que o capitão dos tempos em que se combatia em massa.

Mas, sem o notar, tenho-me afastado do assumpto de que me propuz tratar.

Temos a plena certeza que a instrucção do exercito vae tomar um grande incremento, nomeadamente a da nossa classe; mas nem tudo lembra a quem em tudo tem que pensar. E' por isso que eu ousou alvitrar

que o curso para 2.º sargento seja leccionado durante um anno escolar, que as materias n'elle professadas actualmente, exceptuando escripturação e legislação, sejam ampliados e que d'elle faça parte a tactica; que no curso para 1.º sargentos seja tambem introduzido o estudo da tactica, que o estudo de topographia seja mais desenvolvido, habituando os alumnos a fazerem levantamentos á vista; que do exame faça parte uma prova tactica no campo, a qual poderá ser o estabelecimento de um pequeno posto e respectivo relatorio, o reconhecimento de uma estrada, casal, quinta, etc., a retirada de um pequeno posto sobre o inimigo, o commando de uma flecha, etc.

Dir-me-ha alguém que não é possível com o serviço regimental fazer-se o que alvitro. Não haja tanta preoccupação com a relação de vencimentos, mappas diarios e de rancho, livranças, etc., cuja importancia é secundaria, saiamos da rotina em que temos vegetado e veremos como tudo é facil.

Mas, ainda ha de haver, tambem, quem supponha que para dar as provas tacticas lá estão os concursos para 2.º e 1.º sargentos. Não colhe essa supposição, porque os candidatos entregues apenas aos livros, sem possuirem uma preparação, sem terem quem os oriente, poderão ir para um terrapleno de exercicio fazer a columna de companhia, a columna aberta, as mudanças de frente, o classico quadrado, etc., mas nunca com bases seguras para commandarem soldados sob o fogo inimigo, aproveitando-se do terreno para os subtrahir aos mortiferos effeitos das balas adversas. E não me argumentem ainda que para isto basta a coragem, como usam argumentar alguns fortes; porque ella, sem o saber, quando muito pode levar-nos a um suicidio, como temos exemplo em casa.

Elvas, 4-2.º-911.

MANUEL ANTONIO VIEIRA  
1.º sargento de caçadores n.º 4

## ROBBERISMO

Victima da terrivel meningite, falleceu no sabbado a menina Maria Isabel Travassos Arrobas, filha estre mecida do nosso estimado collega João Ribeiro Arrobas, director do *Noticias de Coimbra*.

Avaliando a dor que feriu os paes da elegante creança, roubada á vida com tanta crueldade, pois foi victima d'um soffrimento atroz, enviamos-lhe a expressão sentidissima do nosso pezar.



## Ao Ex.<sup>mo</sup> Sr. Ministro da Guerra

Determina a legislação vigente que, sobre penas amnistiadas, se faça perpetuo silencio, como ainda o vem corroborar o § 6.<sup>o</sup> do artigo 256.<sup>o</sup> do regulamento geral para o serviço dos corpos do exercito, fazendo substituir e inutilisar a caderneta militar da praça que haja sido amnistiada.

Parece que a ideia do legislador era furtar á apreciação futura, quando para a applicação de novas penas, o passado da praça, o que, porém, não succede, pois que a folha de matricula, em vez de ter a mesma sorte que a caderneta militar, continua existindo, apenas com umas fchas de papel colladas sobre as infracções de disciplina.

Como de todos é sabido, ha no exercito, como em quasi todas as corporações, superiores, uns mais criteriosos do que outros na applicação de penas e para evitar que estes ultimos, apesar de não se ver o que debaixo das taes fchas existe, façam um mau juizo, para a applicação de novas punições, recorremos a V. Ex.<sup>a</sup> conscio de que nos attenderá neste pedido que reputamos de justiça, proprio da epocha que atravessamos, ordenando que as folhas de matricula das praças amnistiadas sejam, como as cadernetas, substituidas e inutilisadas.

LEANDRO AUGUSTO PIRES  
2.<sup>o</sup> sargento de cav.<sup>a</sup> 3

## INSTRUÇÃO

Nos meus modestos escriptos tenho dito e continuarei dizendo que se torna necessario que todo o bom portuguez, concorra por todos os meios ao seu alcance, com o seu quinhão de trabalho na grandiosa obra da restauração da nossa patria.

E', pois preciso que Portugal, caminhe na vanguarda das nações civilisadas acompanhando no decorrer dos tempos a luz do progresso mundial; e, olvidando o estado decadente da nossa instrução no seculo presente, seculo da luz e do progresso.

Melhoramos incontestavelmente o nosso estado financeiro, devéras abalado pela despotica monarchia, e assim contribuímos para engrandecer o paiz; desvastamos o escalracho damninho da monarchia, e corremos os abutres de sotaina e assim procuramos concorrer para o progresso do nosso querido torrão portuguez.

Preparado pois o terreno para a realização dos nossos ideaes só agora nos teremos a preocupar com a educação do povo, complemento da obra iniciada em 3 de Outubro, e, base fundamental para o progresso d'um povo e d'uma patria; é pois urgente tratar da resolução do importante problema da educação, que certamente influirá no desenvolvimento da nossa riqueza, factor importante e poderoso para que possamos progredir, á custa do nosso trabalho obtido pela actividade da nossa illustração.

Uma das principaes medidas de grande alcance, que teremos a tomar será a reforma da escola primaria, preparadora da creança de hoje, o homem d'amanhã, numa escola que satisfaça ás exigencias modernas.

A escola primaria tal como deve ser, tem a mais importante missão no papel da educação, pois só ella será a fonte abundantissima d'onde correrá a preciosa instrução popular.

Leiria, 10 de Fevereiro de 1911.

JORGE DAS NEVES LARCHER  
2.<sup>o</sup> sargento d'infantaria 16.

## Teu nome

Teu nome é para mim o mais suave  
Dentre os mais lindos nomes de mulher,  
Nome sagrado a todo o que o disser,  
Que elle é como o de Mãe tão terno e grave!

Nos seus trillos, gorgeia-o no ar a ave,  
Reza-o em seu perfume o malmequer,  
E para mim, teu nome, que é o teu ser,  
E' um nome em que o mundo inteiro cabe!

E sôa-me entre os mais, teu nome aereo,  
Como a benção de Deus no côro ethereo  
Que hade saudar, ó Santa, o teu regresso;

Nome santo que o proprio Deus escuta,  
Que eu sinto-me mais forte nesta lucta  
Quando em teu nome a paz e o bem lhe peço!

JOAQUIM GOMES

## Regulamento disciplinar da guarda fiscal

As penas por infracção de disciplina que podem ser applicadas aos sargentos.

- 1.<sup>o</sup> Admoestação.
- 2.<sup>o</sup> Reprehensão.
- 3.<sup>o</sup> Detensão.
- 4.<sup>o</sup> Prisão correccional.
- 5.<sup>o</sup> Despedida.
- 6.<sup>o</sup> Baixa de posto.

Nota 1.<sup>a</sup> A admoestação é feita em particular.

Nota 2.<sup>a</sup> A reprehensão pode ser dada na presença de officiaes e outros sargentos, e corresponde para os effeitos de readmissão a 8 dias de detenção.

Nota 3.<sup>a</sup> A detenção consiste na obrigação resultante para o infractor de permanecer no quartel nos intervallos de tempo livre de serviço exterior; e tem como consequencia a perda do terço do ordenado.

Nota 4.<sup>a</sup> A prisão correccional consiste na detenção do infractor em casa apropriada em uma praça de guerra indicada pelo governo, por praso não inferior a 15 dias nem superior a 60.

Cada dia de prisão correccional equivalente a 2 dias de detenção para os effeitos de readmissão ou despedida; produz a perda de metade de ordenado durante a tempo da punição. A prisão correccional só pode ser imposta mediante em processo de investigação com audiencia do accusado em sua defeza.

Nota 5.<sup>a</sup> A despedida consiste na transferencia para o exercito activo, se d'elle tiver e não houver ainda completado o tempo legal de serviço a que pelo seu alistamento for obrigado; na sua passagem á reserva se a ella estiver sujeito; na baixa de serviço se já não estiver sujeito ao serviço do exercito, ou não tiver pertencido ao exercito. A pena de despedida só pode ser applicada aos sargentos por decisão de um conselho de disciplina. Todavia será logo despedido do serviço o sargento readmitido que cometer uma infracção disciplinar pela qual seja punido com 30 dias de detenção ou 15 de prisão correccional. Tambem será immediatamente despedido o sargento que nos ultimos 3 annos de serviço houver soffrido a pena de detenção seguida ou interpoladamente por 30 dias ou penas equivalentes.

Nota 6.<sup>a</sup> A baixa de posto consiste em ser o infractor passado a soldado e tem como consequencia a despedida.

Não pode ser readmitido o sargento que nos ultimos 12 mezes tiver sido punido com 24 dias de detenção, seguidos ou interpolados, ou penas equivalentes.

Como acabo de expôr, o regulamento disciplinar em vigor na guarda fiscal precisa ser remodelado, por ser bastante penoso, e em nome dos meus camaradas espero que do elevado criterio de s. ex.<sup>a</sup> o ministro da guerra seja posto em vigor na guarda fiscal o novo regulamento disciplinar ha pouco approvedo para o exercito, visto a corporação da guarda fiscal pertencer ao ministerio da guerra para effeito de disciplina.

JOSÉ JOAQUIM D'OLIVEIRA,  
2.<sup>o</sup> sargento da guarda fiscal.

## Separação da Igreja do Estado

A sinceridade das crenças é a razão de ser fundamental e basilar de todas as religiões politicas e sociaes.

Oje que em Portugal todas as forças cosmicas se conjugam para o Belo, não poderemos manter a cristalização do mais degradante absurdo.

A separação da Igreja do Estado deveria ter sido um dos primeiros actos do governo provisório; porque representa a liberdade mais cristalina e a autonomia moral mais forte e mais alta.

Todos esperam anciados a publicação da lei moralisadora, benefica e pura.

Infelizmente a separação não pode ser completa e radical.

Ao Estado ficarão decerto parasitariamente agarrados todos os improdutos e ineptos bispos mitrados e os humildes e fujitivos do ideal que se chamam parocos e padres.

Os bispados e paroquiaes vão desaparecendo gradual e paralelamente ao desaparecimento para o seio natural da terra dos pastores ipocritas de ovelhas tresmalhadas e pacientes.

Seria extraordinario de grandeza civica que todas as desnecessarias igrejas se transformassem em museus artisticos de valor e de belesa.

E como consequencia emediata e lojica, que ás creanças, flores estremecidas, caboqueiros do futuro, lejião indomita da justiça e da arte, se ensinassem os altos principios da verdade e do direito.

E acabadas assim todas as religiões, destruidos todos os dogmas, teriamos feito a obra mais colossal, mais grandiosa, que é dado atinjar atravez do caminho torturado e luminoso da historia.

Teriamos amplexado todos os povos e estabelecido o dominio coletivo da Umanidade.

Teriamos abraçado o Belo e conseguido o Ideal.

Teriamos xegado á Perfeição.

Coimbra, 1-911.

CUNHA MELLO

## Amnistia

Sobre o ultimo decreto d'amnistia muito o temos a louvar, por isso que constituiu uma merecida reparação para com aquelles que ainda tinham o sangue inoculado pela raiva da furibunda monarchia.

## PLACARD

Agradecemos e publicamos qualquer collaboração que nos seja enviada, reservando-nos o direito da não publicação d'aquella que seja contraria á orientação do nosso jornal.

A importancia da assignatura, pode ser enviada a esta redacção em sellos ou em vale do correio.

Aos srs. assignantes que mudem de residencia por qualquer motivo, pedimos para darem immediato conhecimento á redacção do nosso jornal, afim de não soffrerem demora na recepção.

Recebemos e muito agradecemos a importancia das assignaturas do presente trimestre, dos srs. Pedro Villas Boas, Antonio Henriques, José Antonio da Silva, 2.<sup>o</sup> sargentos e José Ferreira, 1.<sup>o</sup> sargento, todos d'artilleria em Oeiras; Bernardino Correia, 1.<sup>o</sup> sargento do D. R. R. n.<sup>o</sup> 18, Porto; Seraphim Domingos Pereira, 1.<sup>o</sup> sargento, Domingos Affonso Gonçalves, Antonio Olivio de Carvalho Jalles, 2.<sup>o</sup> sargentos e Anastacio José dos Santos, mestre de ferrador, todos do esquadrão da guarda republicana do Porto; Balthasar Falcão, contra-mestre de musica, Luiz Fernandes, Agostinho de Deus, João Antonio, musicos de 1.<sup>a</sup> classe, José Rocha, musico de 2.<sup>a</sup> classe, Nabor Joaquim Rodrigues, Alberto Cezar Codina e José F. dos Prazeres, musicos de 3.<sup>a</sup> classe, todos do batalhão de caçadores n.<sup>o</sup> 6, Santarem; João Baptista Loureiro, 1.<sup>o</sup> sargento do D. R. R. 23, Coimbra; Antonio Soares de Paulo, 2.<sup>o</sup> sargento da guarda fiscal, Alcantara-mar; e do nosso amigo Joaquim Paes de Sousa, chefe da estação do caminho de ferro de Cerdeira, a importancia de um semestre.

## NOTICIAS MILITARES

As classificações obtidas nos exames para musicos de 2.<sup>a</sup> classe, foram as seguintes:

Infantaria n.<sup>o</sup> 23 — Manuel Augusto d'Almeida Campos, 13,6.  
Antonio Barata, 11,6.  
Lino Fernandes, 10,3.  
Caçadores n.<sup>o</sup> 6 — Nabor Joaquim Rodrigues, 16,83.  
Alberto Cezar Codina, 12,93.  
Sanchez da Silva, 11,46.

Estes exames foram em clarinete e saxophone.

Os nossos parabens.

— Foi collocado em caçadores n.<sup>o</sup> 5, o sr. capitão Alfredo Eduardo da Cruz.

— Por ordem da secretaria da guerra foi mandada sustar a transferencia de infantaria n.<sup>o</sup> 15 para infantaria 23, do sr. capitão Victoriano José da Silva Bastos.

— Assumiu o commando da sua companhia em infantaria n.<sup>o</sup> 23, onde foi collocado, o sr. capitão Antonio Pereira de Sande.

— Foi promovido a alferes para o corpo de officiaes do secretariado militar, sendo collocado em Villa Real, o nosso amigo José d'Oliveira Miranda, a quem abraçamos.

— Recolheu de Arganil a diligencia sob o commando do nosso amigo Alvaro Pereira da Silva, que foi chamado a Lisboa para ser presente ao sr. official da policia judiciaria do regimento de infantaria n.<sup>o</sup> 1.

— Está em via de restabelecimento, com o que muito folgamos, o sr. capitão inspector do material de guerra do regimento de infantaria n.<sup>o</sup> 23 sr. Henrique de Sousa Monteiro.



## A LIÇÃO D'HISTORIA

O professor, lançando um olhar através da janella, reparando na paisagem d'outubro que se desenrolava até ao infinito, dictou com voz forte, como se notasse a singular coincidência que punha frente a frente os mesmos povos na mesma epocha do anno:

«No dia 1 d'outubro de 1806, Frederico Guilherme rei da Prussia intimou a Napoleão a evacuação da Alemanha.

O imperador não fez caso de tal intimação e, por isso, as forças prussianas principiaram a mover-se. Compunham-se de dois corpos d'exercito, um do commando do proprio rei e de Brunswick e o outro sob o commando de Hohenloe. O seu effectivo era de 140:000 homens.»

O administrador, que nunca tinha ouvido fallar de Frederico Guilherme nem de Iena, ouvia com a mesma ingenuidade que as creanças.

Continuando, com o livro d'istoria entre os dedos trémulos, o professor lia:

«Napoleão sahio de Paris e encontrou o seu exercito na Franconia. Tinha um effectivo de 175:000 homens. O seu plano foi logo concebido. Bernardotte e Lannes principiaram o movimento. As forças inimigas tinham-se separado e era preciso batel-as separadamente, e assim a 14 d'outubro de 1806 duas batalhas, uma junto de Auerstadt e outra junto de Iena se travaram simultaneamente.»

Bruscamente, o administrador que se tinha encostado à janella, empallideceu. Os seus olhos fixavam alguma coisa que só elle via na estrada.

«Ao norte, Davout encontrou o exercito de Brunswick proximo de Auerstadt. Repelliu a carga do Blücher, tomou a offensiva e torneou o flanco esquerdo, inimigo. Brunswick ficou mortalmente ferido e os prussianos...»

— Os prussianos! exclamou o administrador.

O professor interrompeu-se. O vello com o dedo mostrava a estrada.

«Os prussianos...» quiz continuar o professor.

Mas o outro de novo o deteve.

— Eil-os. São elles que invadem a villa.

A esta exclamação todos os rapazes se levantam e por uma inconsciente curiosidade correram para a janella para ver os prussianos.

Effectivamente, avançando cautelosamente, parando com frequencia, olhando para todas as casas, com as armas na mão promptas a fazer fogo, viram os soldados com uniformes escuros e capacetes terminados em ponta.

Não havia duvida. Era a guarda avançada dos 32.º e 95.º regimentos d'infanteria alemã destinados a apoderar-se de Chateaudun e dos seus campos.

Irritado por uma dôr secreta e com uma feroz vontade, bateu na cadeira e ordenou:

«Aos seus logares!» As creanças subjugadas obedeceram.

Eu continuo, disse elle: «Brunswick foi mortalmente ferido e os prussianos fugiram em debandada. Entretanto Napoleão preparava-se para atacar o exercito de Hohenloe junto de Iena; Soldados, disse elle às suas tropas. Este exercito não combate senão para abrir caminho. O corpo que permittir a passagem fica deshonrado!—Durante a noite fez do terreno de Landgraefenberg uma especie de fortaleza d'on-

de saíram ao mesmo tempo para a planicie Lannes, Augerau, Soult e Ney...»

Uma sombra se perfilou junto à janella, a d'um sargento alemão. Observou com admiração estes dois homens e estas creanças que parecia não se lembrarem do perigo. Depois para ouvir, sem duvida, o que diziam no interior, quebrou com uma coronhada os vidros.

O professor fingia não o ver e, com uma voz forte e mais entusiasmada continuou:

«Em poucas horas as trez linhas prussianas foram derrotadas. Alguns regimentos tentaram formar-se em quadrados, mas foram também derrotados. A ala direita vinda de Weimar tentou reanimar a batalha; foi esmagada. Por fim appareceu a cavallaria de Murat que com os seus sabres impelliu, como se fosse um rebanho assustado, os soldados de Frederico Guilherme.»

A porta cedeu às coronhadas e as creanças assustadas viram entrar uma esquadra de soldados prussianos que se preparava para invadir a escola.

O administrador tinha-se aproximado da cadeira do professor e este muito daquelle tinha os olhos obstinadamente fixados no livro. E assim continuou:

«Foi para a Prussia um desastre medonho. Perdeu neste dia vinte e cinco mil mortos ou feridos, quarenta mil presoneiros e trezentas boccas de fogo.»

— Cale-se! ordenou uma voz com um forte accento germanico. E um official avançou. Era um rapaz louro, d'olhar pallido e com um sorriso mau.

Tinha comprehendido as ultimas phrases do professor e zangado pela evocação da grande dorrota soffrida pelo seu paiz na propria occasião em que as botas allemãs pisavam o solo francez, e irritado ainda pela grande resistencia que os franco-atiradores oppunham à invasão, uma febre d'odio e destruição o agitava.

— Cale-se! disse de novo, ou senão mando-o fuzilar aqui mesmo.

Mas esta ordem não o emudeceu. Levantou os olhos do livro, olhou para as creanças que o observavam, para estas creanças que deviam ser a França d'amanhã e a quem queria insuflar a sua fé patriótica, seu immortal desejo. E nos seus olhos lia-se a alegria do sonho que ia realizar.

De pé, com energia, gritou: «Na tarde da batalha de Iena, quando vieram depôr aos pés de Napoleão as 60 bandeiras tomadas ao inimigo, duas exclamações subiram até ao ceu:

Viva o Imperador! e...»

Uma ordem breve. Ferido por uma bala em pleno peito o professor caiu sobre o estrado.

O livro caiu-lhe também das mãos. Mas, immediatamente, o administrador o apanhou e olhando para as creanças como para lhes mostrar que a leitura não tinha acabado, com voz forte concluiu:

«Viva a França!»

Um segundo tiro se ouviu que fulminou o administrador.

E assim acabou a lição d'istoria.

R. LAMOTTE.

(Extrahido do S. 1. do Petit Journal).

## Organização militar

DA

Confederação Suissa de 12 d'Abril de 1907

Art. 9.º — O serviço pessoal comprehende também a observação das prescripções regulamentares, a conservação do fardamento, armamento e equipamento pessoal, os exercicios obrigatorios de tiro e, em geral, a obediencia ás obrigações militares fora do serviço.

Art. 10.º — Todo o militar é obrigado a aceitar a graduação que lhe foi imposta, a cumprir os deveres a ella inherentes e a encarregar-se d'um commando.

Art. 11.º — O militar ao serviço recebe do Estado, o pret, a alimentação e uma indemnisação de marcha para as suas deslocações de serviço. O Estado fornece-lhe quartel.

Uma lei federal fixa o pret.

As disposições relativas ao quartel, a alimentação e a indemnisação de marcha são decretadas pela Assembleia Federal.

Art. 12.º — Os membros da Assembleia Federal são dispensados do serviço d'instrução durante o tempo das sessões.

Art. 13.º — São dispensados do serviço pessoal durante o tempo da sua função ou do seu emprego:

1.º — Os membros do Conselho Federal e o secretario da Confederação;

2.º — Os ecclesiasticos não incorporados como capellães;

3.º — Os medicos directores, os administradores permanentes e os enfermeiros dos hospitaes publicos;

4.º — Os directores e guardas das penitenciarias, e os das cadeias, os agentes dos corpos de policia organizados (estes estão ao abrigo do artigo 62.º);

5.º — O pessoal dos corpos da guarda fiscal, do qual em caso de mobilisação, o Conselho Federal pode dispôr para defeza da Confederação.

6.º — Os funcionarios e empregados indispensaveis, em caso de guerra, ás empresas de transporte de interesse geral e á administração militar.

Uma ordem do Conselho Federal designa as empresas de transporte de interesse geral e o pessoal que lhe é indispensavel em caso de guerra.

Art. 14.º — O pessoal dos corpos de policia, guarda fiscal, e bem assim os funcionarios e empregados de que trata o n.º 6 do artigo 13.º, não são exceptuados do serviço senão depois de terem aprendido a escola de soldado.

Art. 15.º — A Confederação reembolsa os cantões de trez quartas partes das despesas resultantes das substituições dos professores publicos chamados como sargentos ou officiaes a satisfazerem um periodo de instrução.

Exceptuam-se os periodos de repetição.

Art. 16.º — O militar que pela sua vida privada se torne indigno do seu posto ou do serviço militar é julgado em conselho de guerra, o qual decreta a sua exclusão do serviço pessoal.

Art. 17.º — O militar condemnado por um delicto grave é excluido do serviço pessoal.

A exclusão é decretada pelo departamento militar.

Art. 18.º — Os officiaes sob tutela, ou fallencia ou contra os quaes exista um arresto, são excluidos do serviço pessoal.

(Continua.)

## GUIA MEDICO

PARA O

COLONO DE ANGOLA

Durante a viagem

Além das indicações, já feitas, a protecção da cabeça, olhos e restante corpo contra a intensidade dos raios solares e resfriamentos rapidos, que a exposição a uma corrente de vento, que tantas vezes a bordo se dá, pode causar, sobretudo estando-se a transpirar, mais alguns preceitos devem ser observados:

1.º — Deve dormir-se de noite no camarote, nunca passar a noite na coberta, exposto ás successivas variações de temperatura e á acção da humidade da noite, que podem produzir resfriamentos bruscos tão nocivos á saúde, tantas vezes causa proxima de pneumónias, bronchites, enterites, ataques de reumatismo, etc.

2.º — Deve-se adquirir o habito de levantar cedo, fazendo em seguida as lavagens ordinarias tomando-se quotidianamente banho geral, se for possivel, de preferencia tepido, ou fresco de curta duração.

3.º — Dado o primeiro signal para as refeições deve cada um preparar-se para ir tomar o seu logar á meza, lavando as mãos no seu camarote, a boca e regularizando a devida toilette.

À meza, deve-se-ha comer com moderação, mastigando bem, sem pressa, não usando bebidas geladas, mas se possivel refrescadas por meio do gelo envolvendo os vasos que as contem.

A mais excellente das bebidas, a preferivel a todas, é a agua potavel pura, filtrada ou fervida para melhor garantia da pureza.

As bebidas brancas alcoolicas devem ser absolutamente proscriptas, bem como as substancias picantes, apimentadas, que erradamente se consideram como excitantes do appetito.

4.º — Levantando-se da meza cada um devera no seu camarote repetir as mesmas lavagens, feitas antes, procurando a toilette mais commoda para a hora que se seguir.

Depois subirá a coberta, entregando-se a alguns exercicios moderados, como passeios, ou jogos pouco movimentados para dentro em pouco descançar na cadeira de recosto por uma hora, pouco mais ou menos, sendo depois do almoço que é a hora mais quente do dia.

5.º — Não convem desembarcar nos portos de escala, sem as commodidades proprias para evitar a acquisição de qualquer doença local.

Não havendo necessidade de desembarcar é preferivel não o fazer, mas se a houver, principiar-se-ha por escolher a hora em que o mar esteja sosegado, afim de evitar a molha ou qualquer incidente durante a travessia de bordo a terra e vice-versa.

Não se esquecerá a cuidada protecção, contra o sol, resfriamento e picadas de mosquitos e mosca tze-tze. (Ilha do Principe). Veja-se a deante *Prophylaxia ou meios de evitar o paludismo*, e ultima parte da *Doença do somno*.

(Continua.)

## O FRANCEZ

Inglez, allemão e italiano, sem mestre. Descoberta inapreciavel para o estudo das linguas. Novas edições melhoradas. Cada lingua, 25500 réis; cada fasc. (em Lisboa) 100 réis. O MESTRE POPULAR, de Gonçalves Pereira (pae), rua de S. Paulo 12, 1.º e Ferragal de Baixo, 31, 2.º — Lisboa. Cuidado com as falsificações.

(Continua.)



## DIHETOL (Base de Cinnamato de Sodio)

Empolas e frascos de solução puríssima e aseptica

Formula do Dr. Marques dos Santos para o tratamento especifico da

### TUBERCULOSE PULMONAR

Injecções Hypodermicas e Via Bucal. Attestados medicos. Indicam-se doentes curados. Modificação ao methodo de Landerar, de Stuttgart.

Baptista d'Abreu, preparador em Calvario, Oliveirinha. BEIRA ALTA

DEPOSITARIOS: Villaça, COIMBRA—Barral, LISBOA

## IMPRESA ACADEMICA

153—Rua da Sophia—165

COIMBRA

Grande deposito de todos os modelos, nitidamente impressos, para o serviço dos Corpos do Exercito, Districtos R. e Reserva, Hospitais Militares, etc.

Execução rapida.

## Mario Paes & Com.<sup>ta</sup>

ARMAZENS DE

Mercearias, Farinhas, Semeas e Tregaria

SÉDE—Rua Adelino Veiga—COIMBRA

Telegr. FARINHAS—Teleph. n.º 124 e 44

Vendas só por grosso

Preços em competencia com as melhores casas no nosso genero.

## Mata-sezões VERDADEIRAS PILULAS MILAGROSAS

OU MALEITAS Curam em poucos dias todas as febres intermitentes.

Estas pilulas podem tomar-se sem receio, ABREM O APETITE á comida e NÃO EXIGEM DIETA, podendo o doente comer de tudo. Preço da caixa 400 réis—meia caixa 240 réis (pelo correio mais 10 réis)

**Arranca-callos** Esta afamada pomada extrai os callos pela raiz, em 5 dias—Preço da caixa 150 réis (porte gratis)

**Unguento de Villar** Este milagroso unguento, EXPERIMENTADO HA MAIS DE 60 ANOS, cura em fortissimo o chagão, por mais antigas que sejam, varizes e frieiras ulceradas, ulcenas cancerosas e syphiliticas, herpes, impigons, tinha, sardas, nodos de melancolia e outras molestias de pelle. Milhares de curas e muitas cartas de agradecimento comprovam os seus magnificos resultados. Preço da caixa 150 réis (porte gratis). Reunite-se pelo correio a quem mandar a importancia em estampilhas ou vale

Pharmacia e drogaria FIGUEIREDO  
RUA DA SOPHIA, 30 COIMBRA

## Queijo fino da serra na

Mercearia Lusitana

## Pastelaria e Confeitaria

TELLES

450—Rua Ferreira Borges—452  
COIMBRA

Nesta casa, regularmente montada no genero das de Lisboa e Porto, encontra-se á venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos desta natureza:

Doces de ovos com os mais finos recheios.

Doces de fructa de diversas qualidades, seccos e crystalizados.

Fabricam-se grandes peças de fantasia, proprias para brindes.

Variada pastelaria em todos os generos, especializando os de folhado.

Galantinas diversas. Tête d'Achar. Paté de Liever e Foie.

Saucisses Pudings de diversas qualidades, vistosamente enfeitados. Pão de ló, pelo systema de Margaride.

Especialidade em vinhos generosos e licores finos das principaes marcas.

Amendoas, bon-bons, chocolates, queijos, chás, etc.

## CAFÉ, BEBIDAS E CERVEJAS

Deposito dos magnificos vinhos da Empreza Vinicola de Salvaterra de Magos, da finissima manteiga da Quinta de Fontello e dos productos da Fabrica de Bolachas e Biscoitos da Conraça de Lisboa, 32.

Dão-se senhas da Bonus Conimbriense.

## ALFAIATE

Antonio Ribeiro das Neves Machado

Fornecedor da Companhia dos Caminhos de Ferro

58—RUA DA SOPHIA—61

COIMBRA

Grande sortido de fazendas nacionaes estrangeiras. Colletes de phantasia, o que ha de maior novidade. Gravatas, suspensorios, collarinhos e muitos outros artigos. Especialidade em varinos de Aveiro.

Uniformes para militares.

Presunto de Melgaço (qualidade garantida), chegou a primeira remessa á

MERCEARIA LUSITANA

## DROGARIA VILLAÇA COIMBRA

Completo sortido de productos chimicos, especialidades pharmaceuticas e artigos de borracha.

Tintas, oleo de linhaça, vernizes, brochas e todos os artigos concernentes á pintura.

Deposito de aguas medicinaes.

## Methodo João de Deus

Ensina-se a ler e escrever pelo referido methodo.

Lições nos domicilios dos interessados.

Trata-se na rua Joaquim Antonio de Aguiar, n.º 76.

OFFICIAL DO EXERCITO

O melhor enchido de Portalegre

Na casa Gaitto & Cannas

## VEROL & C.<sup>a</sup>

CASA DO MILITAR Á PORTA

Fundada em 1836

Premiado nas exposições a que tem concorrido, obtendo na Exposição Nacional do Rio de Janeiro de 1908 Grand Prix e Medalha de Ouro.

LIVRARIA E PAPELARIA

COM OFFICINA DE

Typographia, Encadernação, Litographia, Pautação, Riscados e Dourador

Telephone n.º 1:321

454—Rua Augusta—456

Lisboa—Portugal

### Catalogo de livros militares

|  |         |  |        |
|--|---------|--|--------|
| Regulamento dos corpos do exercito   | 500     | campanha, por A. D. Branquinho, 1 vol. broc. . . . .   | 600    |
| Idem, continencias e honras militares  | 120     | Heroe de Chaimite, por E. de Noronha, 1 vol. broc. . . . .   | 1\$000 |
| Regulamento de campanha, 1.ª parte   | 600     | Regulamento de tiro, tradução do allemão, por J. Prata Dias, 1 vol. broc. . . . .  | 500    |
| Idem, 2.ª parte, infantaria  | 400     | Programma para 2.º sargento de infantaria, por Eduardo Ferreira Vianna   | 1\$000 |
| Idem, 2.ª parte, engenharia  | 500     | Dito, Varão e Coelho . . . . .   | 1\$200 |
| Idem, 2.ª parte, cavallaria  | 500     | Programma para 1.º sargento de cavallaria, Mascarenhas . . . . .   | 400    |
| Idem, 2.ª parte, artilheria  | 500     | Dito 1.º sargento Varão e Coelho . . . . .   | 1\$600 |
| Instrucções para uso da carabina, 1.ª, 2.ª e 3.ª parte   | 400     | Idem, para 1.º sargento de cavallaria e infantaria, Rodrigues . . . . .  | 500    |
| Jogo de espada   | 300     | Pró Patria, por Homem Christo, 1 vol. . . . .  | 900    |
| Idem, de lança   | 300     | Album militar (commendas e uniformes) . . . . .  | 500    |
| Equitação, 1.ª parte   | 300     | Exame para cabos . . . . .   | 60     |
| Idem, 2.ª parte  | 300     | Instrucções para cabos e soldados . . . . .  | 100    |
| Manejo da espingarda, 6.ª, 5.ª   | 200     | Apontamentos sobre tactica e estrategia, por José Cardoso, 1 vol. . . . .  | 600    |
| Escola do soldado  | 300     | Manual do Colono, por Alfredo Leão Pimentel, 1.º vol. . . . .  | 700    |
| Mobilisação do exercito  | 1\$000  | Idem, 2.º vol. . . . .   | 800    |
| Manual de gymnastica   | 500     | Idem, 3.º vol. . . . .   | 1\$000 |
| Regulamento de étapes  | 200     | Idem, 4.º vol. . . . .   | 1\$500 |
| Exercicios de quadros  | 300     | Idem, para instrucção de cabos e soldados, por Manuel Alexandre Montez, 1 vol. . . . .   | 150    |
| Theoria nas casernas, broc.  | 500     | A funcção do exercito, por R. A. Esteves, 1 vol. . . . .   | 500    |
| Idem, cart.  | 600     | Hygiene, por Arthur de Miranda Lemos, 1 vol. . . . .   | 300    |
| Regulamento de reservas  | 200     | Manual de gymnastica, por D. Miguel Henrique de Alarcão, 1 vol. broc. . . . .  | 800    |
| Cartilha militar   | 40      | Idem, cart. . . . .  | 1\$000 |
| Curso de habilitação para 1.ºs cabos, broc. . . . .  | 300     | Raças cavallares da Peninsula, por D. A. A. da C. Oliveira, 1 vol. . . . .   | 1\$800 |
| Idem, cart. . . . .  | 400     | Appendice ao livro «Raças Cavallares», pelo mesmo auctor, 1 vol. . . . .   | 600    |
| Idem, para 2.ºs sargentos, broc. . . . .   | 300     | Manual de instrucção para as praças de infantaria da Guarda Fiscal, por Antonio da Graça Ferreira. . . . .   | 900    |
| Idem, cart. . . . .  | 400     | Elucidario de serviços fiscaes aduaneiros, pelo mesmo auctor . . . . .   | 750    |
| A Bandeira, poesia dirigida aos soldados portuguezes   | 400     | Manual de fortification, por H. Plessix et E. Legrand  | 1\$000 |
| Notas sobre a cavallaria na actualidade, 1 vol. broc.  | 500     | Programma da parte especial do curso para 1.ºs cabos de infantaria, por José Maria «Guitton» . . . . .   | 400    |
| Guia pratico dos commandantes de destacamentos, por Eduardo F. Vianna, 1 vol. broc. (2.ª ed. augmentada) . . . . . | 800     | Programma da legislação, administração e escripturação militar, para o curso de habilitação de 2.ºs sargentos de infantaria, pelo mesmo auctor . . . . . | 300    |
| Idem, cart. . . . .  | 1\$100  | Manual para os cursos de habilitação de 2.ºs sargentos e 1.ºs cabos, por Adrião Lucas. . . . .   | 200    |
| Problemas de tactica applicada nas cartas topographicas, por F. R. da Silva, 3 vol. broc. . . . .                  | 5\$500  | Topographia. . . . .   | 50     |
| Legislação militar, por Franco, 7 vol. broc. . . . .   | 12\$500 | Idem, Mendes d'Almeida, 2 vol. broc. . . . .   | 5\$000 |
| Guia auxiliar do official para escripturação dos conselhos administrativos, 2 vol. broc. . . . .                   | 1\$400  | Metralhadoras, pelo capitão V. Bugalho . . . . .   | 800    |
| Idem, 1 vol. cart. . . . .   | 1\$700  | Hygiene nas marchas de infant.ª por Joaquim Vieira   | 300    |
| A cavallaria no campo da batalha, por F. Sá Chaves, 1 vol. broc. . . . .   | 300     | Equitação e Hypologia, por conde Fornos d'Algodres   | 1\$200 |
| Telegraphia optica, seu papel tactico e estrategico, 1 vol. broc. . . . .  | 400     |  |        |
| Codigo de Justiça Militar, 1 vol. broc. . . . .  | 600     |  |        |
| Idem, cart. . . . .  | 900     |  |        |
| Campanha do Bailundo em 1902, por F. C. Moncada, 1 vol. broc. . . . .  | 1\$000  |  |        |
| Serviço de cavallaria em campanha, por F. Tamagnini, 1 vol. broc. . . . .  | 800     |  |        |
| Administração militar em   |         |  |        |





# A VOZ DO SARGENTO

DEFENSOR DOS INTERESSES DOS SARGENTOS E EQUIPARADOS DO EXERCITO E DA ARMADA

Pela PATRIA e pela REPUBLICA

DIRECTOR E PROPRIETARIO — Antonio Rodrigues

EDITOR — José Augusto Gomes

ADMINISTRADOR — José da Silva e Sousa

SECRETARIO — Mario da Costa Vasconcellos

PUBLICAÇÃO SEMANAL

Redacção e administração: RUA DA SOPHIA, 166

Composto e impresso na

Typographia do Noticias de Coimbra

ASSIGNATURAS

Continente, trimestre - 300 reis

Ultramar, semestre - 600

ANNUNCIOS — Preços convencionaes

Anunciam-se todas as obras offerecidas á redacção

## Coronel Antonio Fernando do Rego Chagas

Ser commandante d'um regimento, ter a responsabilidade do commando d'uma alluviação d'homens, a disciplina e educação militar dos mesmos, é sem duvida um papel preponderante e d'alta envergadura.

Saber-se impôr aos seus subordinados, não pelo excesso d'applicação do regulamento disciplinar, não pela violencia, pela arbitrariedade, pela grosseria, pela perseguição, sem criar no quartel uma atmosfera de mal estar, antes zelando-lhe os interesses, tratando-os delicadamente, guiando-os com o seu salutar exemplo, recebendo-os sempre carinhosamente como amigo, é saber bem, honrar e cumprir o espinhoso cargo de commandante de regimento.

E todas estas virtudes nós reconhecemos n'esse bom amigo dos sargentos e equiparados, n'esse distincto official, prestimoso cidadão e grande democrata que apreciamos ha muitos annos, o Ex.<sup>mo</sup> Sr. Coronel Antonio Fernando do Rego Chagas, a quem vimos com altivez, com amizade e alegria bem sentida, felicitar e a sua Ex.<sup>ma</sup> familia, pelo seu anniversario natalicio, que teve lugar em 16 do corrente, desejando que esse dia se repita muitos annos, e garantir-lhe que pode contar sempre com a boa vontade, com a amizade sincera dos sargentos e equiparados, porque elles nunca esquecem aquelles, que publica e claramente lhe dão provas de consideração e apreço.

## ADULAÇÕES

Li ha dias n'outro jornal, órgão dos interesses da classe, um determinado periodo que me suggere as considerações abaixo expendidas e representam o meu gesto energico de protesto contra a orientação tomada pelo referido jornal.

Tal orientação em nada se coaduna com o espirito democratizador que nos tempos que vão correndo deve ser o apanagio, o lemmá de todas as classes.

Dizia o alludido periodo:

«... apello para todas as mães dos filhinhos dos sargentos para que lhes ensinem a bemdizer o nome do mais brioso, do mais digno e humanitario cidadão e, todos unidos bemdiremos o seu augusto nome e bradaremos: Viva o nosso protector!»

Isto, além de baixamente adullador, é algo offensivo para outros cidadãos não menos briosos nem menos dignos e que assim ficam collocados n'um plano manifestamente inferior.

Mas deixemos melindres pessoas e vamos aos factos debaixo do seu ponto de vista colectivo.

Porque foi tão grande choradeira?

Por o governo provisório da Republica nós conceder uma parcella minima do que pedimos e que pedimos por a isso nos julgarmos com direito.

Ora de duas uma: ou nós não merecemos o que pedimos e n'esse caso devemos lambor os pés aos nossos devedores, ou merecemos-lo e não vejo motivo para tal choramingueira que não tem outra utilidade senão depri-

mir-nos aos olhos de quem ler taes atoardas!

Não quer isto dizer que não nos mostremos gratos pelos melhoramentos que nos forem concedendo.

Não. Antes pelo contrario; devemos agradecer mas agradecer com a mesma grandeza d'alma que caracterizou o nosso pedir.

Agradecer de cabeça levantada como quem agradece uma coisa que de ha muito lhe devia ser dada.

Agradecer sem baixaza!

Agradecer sem humilhação!

Quando a União dos Sargentos formulou os seus alvitres e os apresentou em nome da classe ao ministerio actual, não foi decerto pedir-lhe pelas alminhas para que os convertesse em factos.

Se assim fosse, olha-la-hiam com aquelle menosprezo com que olhamos um mendigo duvidoso e as suas propostas dormiriam o eterno somno nas pastas ministeriaes se não fossem logo lançadas na valla cummum dos papeis velhos!

Tal modo de pedir seria indigno d'uma classe que se presa e quer presar-se de ter desempenhado um papel tão importante nos destinos da nossa querida Patria!

Tal modo de pedir classifica-o de repugnante o grande orador Antonio Vieira, nas seguintes palavras:

«Não ha coisa que mais repugne aos homens que o pedir. E é tal essa repugnancia que nem o sangue a modera, nem o amor a facilita, nem a mesma ambição, que é mais a vence».

Pois bem. A um tal modo de pedir é que corresponderia um tal modo de

agradecer; e não me consta que vez alguma se pedisse com essa repugnancia.

Pois que! Nós os sargentos que vinhamos de ha tantos annos pugnando pela nossa libertação e da nossa querida Patria que tanto amamos, porque somos portuguezes de alma e coração, porque somos filhos do Povo, d'este bom Povo que sabe ser forte como um leão quando lhe querem arrebatar um atomo da sua liberdade, e meigo como um pombo quando as ternas emoções da Igualdade segredam ao seu espirito bellicoso todo um hymno de amor e de concordia!

Nós, tão nobremente sacrificados em 1891, em 28 de Janeiro — isto para não fallar senão de movimentos contemporaneos e de que não possa haver refutação possível —, e finalmente tão gloriosamente victoriados na apothese de 5 d'Outubro, haviamos de descer do nosso pedestal de gloria, e, de rastos, ir mendigar a esmola d'umas melhorias que nada têm de desproporcionadas, e que de ha tanto nos vinham sendo promettidas como bol a cão faminto?

Não. Não podia ser!

Pedimos com a serenidade de quem sem desprestijos educativos, pede o que de direito lhe assiste.

Pedimos para nós e por consequencia para bem das nossas familias, que bem precisam de melhor sorte, sem contudo mostrarmos esse caudal de lagrimas e essa ladainha de bençãos que as mães dos filhinhos dos sargentos nem sequer pensam em murmurar.

E' debaixo d'esta orientação, isto é, sem tocar o ridiculo, que se deve agradecer. Tudo o mais é impostura. E' improprio das ideias democraticas que avassalam o espirito. E' simplesmente abjecto!

Se alguém ha a bemdizer, é o Destino que trouxe a este malfadado paiz estes felizes dias de risonhas esperanças!

Se algum augusto nome ha a eternisar em nossos peitos ou no de nossos filhos, é o Nome intangivel e bello da REPUBLICA pois que é por Elle que nos veem todos os beneficios.

E se é por esse Nome sublime que nos hão-de vir todos os beneficios, tambem por esse mesmo Nome faremos os sacrificios de que todos unidos sejamos capazes, afim de obtermos aquillo a que temos jús, sem deprimencias nem adulações. Isto é, respeito e consideração.

Para se chegar a este fim são factores imprescindiveis os melhoramentos que se acham entre mãos das respectivas commissões, e que, força é dize-lo, correm com uma morosidade desanimadora.

Apesar de tudo sejamos commedidos no agradecer como o temos sido no pedir e tenhamos em vista aquelle judicioso apologo do lobo e a raposa, em que este para salvar aquella se

deixou cair no fundo d'um poço, hypnotizado pela miragem d'um queijo resplandente que não era senão o reflexo da lua serena na superficie tranquilla da agua chrystalina.

Dôa a quem doer, esta é a verdade.

ESTEVÃO RODRIGUES

## Reformados

Sr. redactor do jornal A Voz do SARGENTO

Permitta V. que nas columnas do seu jornal, que se propõe defender a classe dos sargentos, eu venha expôr para ser apreciado por S. Ex.<sup>a</sup> o Ministro da Guerra, um facto que, apesar de não tratar sómente dos sargentos, os visa especialmente:

O artigo 9.<sup>o</sup> do decreto de 22 de outubro de 1868 que creou as companhias de reformados, não dava o direito de arrancar ás praças reformadas, senão quando desempenhassem serviços; mas, na pratica, isto é com o tempo, conheceu-se a necessidade de soccorrer os velhos servidores da Patria, no ultimo quartel da vida, e para que não andassem mendigando o pão quotudiano, concederam-lhe a que podessem arrancar nos corpos do exercito em cuja localidade residissem; e por portaria de 15 de dezembro de 1890, publicada na Ordem do Exercito, n.<sup>o</sup> 46, de 17, ordenou-se que aos reformados fosse descontado do seu pret a contribuição para rancho, como ás praças na effectividade do serviço.

Este beneficio foi mantido desde então até 19 de outubro de 1900, data em que foi publicado o decreto para a reforma das praças de pret do exercito, o qual no seu § 1.<sup>o</sup> do art. 6.<sup>o</sup>, manda que não seja fornecido quartel nem rancho ás praças reformadas, senão quando em serviço, mas sem gratificação.

Pela doutrina do citado §, suscitaram-se duvidas entre alguns dos srs. commandantes das companhias de reformados das quaes resultou ser publicada a circular n.<sup>o</sup> 16, da 2.<sup>a</sup> repartição da secretaria da guerra de 8 de novembro de 1900, que diz:

«Só se mantenha tal beneficio ás que actualmente o gosam, não se estendendo de futuro»; ora, se duvidas existiam, duvidas ficaram, pois os commandantes das companhias de reformados entenderam que só gosavam os que na occasião arranchavam, e os interessados entendiam que todos os reformados n'aquella data gosavam tal regalia, muito embora não aproveitassem d'ella, e não se estendendo de futuro, bem claro está, que era para os que de futuro viessem a ser reformados; este modo de pensar, explica-se da seguinte forma:

Pelo decreto de 22 d'outubro de



1868, os soldados tinham 145 réis diários e os sargentos, 175 réis, também diários, quando contassem mais de 20 annos de bom e effectivo serviço, e pelo decreto de 19 de outubro de 1900, os soldados tinham 160 réis diários, e os sargentos 360 réis diários, com o mesmo tempo de serviço, o que não é sufficiente para poderem viver, todavia comparando-os, existe alguma differença: portanto aos primeiros, homens velhos e arruinados, faltando-lhe o auxilio do Estado caminham para a morte lentamente, por falta de alimentação, ao passo que os segundos, muito embora não possam dispensar tal auxilio, podem melhor alimentar-se, pela differença que existe nos seus mínguados vencimentos.

Com o devido respeito, venho chamar a attenção de S. Ex.<sup>a</sup> o Sr. Ministro da Guerra para estes infelizes, que depois de se terem arruinado em defeza da Patria se vêm privados da alimentação indispensavel á vida.

Praticava S. Ex.<sup>a</sup> um acto humanitario mandando que fosse concedido quartel e cama aos reformados que d'isso carecessem, especialmente quando em serviço, pois que as gratificações que vencem quando desempenham serviço são tão diminutas, que não podem alimentar-se com ellas, e senão veja-se:

O art. 5.<sup>o</sup> do decreto de 22 de outubro de 1868, ainda em vigor, dá como gratificação aos sargentos que coadjuvam os commandantes de companhia, na escripturação, 50 réis diários, quando o numero de praças for superior a 100, e quando for inferior, é reduzida a metade, isto é a 25 réis diários!!

Os soldados que desempenham o serviço de serventes nas inspecções d'artilheria têm de gratificação 25 réis diários, e os da inspecção d'engenharia vencem 60 réis; como poderão viver com taes gratificações estes infatigaveis servidores?

Pois apesar de tudo isto posso informar com verdade, que alguns têm requerido, (é verdade também ser no tempo da nefanda monarchia) e terem-lhe sido indeferidos os seus requerimentos, em que desistiam das gratificações, unica e simplesmente para poderem arrancar.

Que este punhado de verdades caem no lucido espirito de S. Ex.<sup>a</sup> o Ministro da Guerra, para que os velhinhos não sejam privados da alimentação é o meu maior e mais ardente desejo.

Muito grato pela publicação d'estas linhas fica o camarada e amigo

Porto, 13-2-911.

JOSÉ MATHIAS RAMALHETE

2.<sup>o</sup> sargento reformado

### Palavras de incitamento

PRESADOS CAMARADAS

O aparecimento do vosso jornal, tendo por divisa — PELA PATRIA E PELA REPUBLICA — além de pugnar nobre e valentemente, sem bravatas, que seriam ridiculas, pelos interesses dos sargentos e seus equiparados, veio encher de alegria o meu coração de patriota e republicano ardente e fervoroso e de camarada agradecido que vem modesta e desataviadamente, em palavras simples, descoloridas mas sinceras, felicitar-vos entusiasmaticamente pela vossa sympatica ideia e valoroso emprehendimento.

Agora, presados camaradas, é preciso não desanimar.

A generosa empreza a que dedicada e voluntariamente metteram hombros, é ardua e de grandes respon-

sabilidades, mas eu estou intimamente convencido que a vossa boa e inabalavel vontade é igual á vossa competencia, e que os nossos camaradas, do exercito e da armada, avaliando como devem o alcance de tão transcendente e sympathico emprehendimento, não regatearão, decerto, o seu concurso para assegurar longa vida e o maior progresso a esse pequeno jornal que tem por titulo A Voz do SARGENTO e que nos promete, não chimeras impossiveis e irrealisaveis, mas o possivel dentro das suas nobres aspirações e do seu generoso e atraente programma, que se lê no primeiro artigo do seu 1.<sup>o</sup> numero e do qual sobreesae, o que para mim mais sympatico torna este jornal e por consequencia a vossa ideia, o procurar manter a mais estreita e pura cohesão entre sargentos e equiparados.

Creio-vos com sinceridade e inquebrantavel vontade.

Oxalá o apoio dos nossos camaradas vos não falte; oxalá o desfalecimento nunca vos vença.

Santarem, 3—2—911.

BALTHASAR FALCÃO

Contra mestre de musica de caçadores n.º 6

### À Imprensa

A todos os collegas que nos temem feito amaveis referencias os nossos sinceros agradecimentos.

5-2-911

Cinco de Fevereiro de 1911 constituirá de futuro uma data brilhante, uma data gloriosa para a minha querida terra.

Cinco de Fevereiro de 1911, será para a formosa cidade da Nabancia, que me foi berço, uma data tão memoravel, como 5 d'Outubro de 1910, para a nação, para a nossa patria querida.

Quando d'aqui a alguns seculos, investigadores como João Maria de Souza Vieira e Guimarães, procurarem elementos para a sua historia, encontrarão decerto gravada em letras d'oiro a data que nos serve de epigraphe.

E porquê? dirão! Porque todo este arrazoado com que procuramos frisar a solemnidade d'aquelle dia? Apenas meia duzia de palavras, laconicas, simples e modestissimas, satisfazem aquella pergunta!

E' que em 5 de Fevereiro de 1911 se organisou em Thomar o Batalhão de Voluntarios da Republica, facto que, pelo que tem de honroso, deve ficar gravado no nosso coração de Thomarenses e de patriotas.

Pois não é sublime, encantador, bello, contemplar a expontaneidade, a promptidão, o entusiasmo, a satisfação, claramente, nitidamente manifesta, com que esse punhado d'homens de todas as camadas sociaes, pharmaceuticos, jornalistas, commerciantes, operarios, trabalhadores, accorreram sollicitos a responder á chamada feita na parada do quartel de infantaria 15, pelo nosso camarada Manuel Francisco Relvas, para o seu primeiro exercicio militar?

Pois não é sublime admirar a vontade, aquelle modo prazenteiro e extremamente attencioso, com que esse punhado de patriotas, obedecia pouco depois ás vozes dos seus instructores?

Pois não é sublime admirar o garbo, a relativa correcção, com que esses homens logo no seu primeiro

exercicio, manobravam já á voz dos instructores, dando-nos ideia d'uma força militar já regularmente adestrada? E' mais do que isso. E' soberbo. E' commovente. E' enfim, aquillo que pelo que vale e significa, os nossos conhecimentos, rudimentares, modestissimos, não sabem burilar, descrever em phrases d'oiro.

Nada de desanimos pois, caros conterraneos. Avante! Não vos esqueceis que á vossa frente, tendes vós officiaes illustres, patriotas apaixonados, republicanos convictos, como são Bivar Salgado e Dias Costa que com os meus briosos camaradas Gil Augusto Domingos da Silva, José Joaquim de Jesus, Manuel Francisco Relvas, Manuel Mendes Braga, Sabino Augusto da Silva, Diamantino Simões de Freitas, Antonio David Braz e Emilio Augusto Bataglia, empregarão toda a sua intelligencia, todo o seu saber, toda a sua boa vontade e energia para fazer de vós prestantes cidadãos, promptos a lutar sempre pela independencia, pelo bem estar da nossa querida patria, vertendo por ella até a ultima gotta do vosso sangue.

E assim, quando terminada a instrucção que os habilita a manejar uma espingarda, procurares no vosso lar, um pouco de repouso a que a fadiga por ella causada convida, a vossa esposa, com aquella graça, com aquelle encanto, com aquella pontinha de ironia disfarçada, tão peculiar ao sexo fragil, nos disser risonha, e com completa ignorancia de assumptos militares: Então já sabes fazer meia volta á direita? e os vossos filhos pequeninos vos disserem: Então papásinho, já sabes marcar passo? Vós tornando-vos graves, sizudos, senhores de suas pessoas, pela certeza do dever cumprido, dir-lhe-heis: Sim, já sei tudo isso, aproveitando então o magnifico eusejo para despertar no coração, no espirito ingenuo e curioso d'esses pequeninos entes, sangue do vosso sangue, vida da vossa vida, o sacrosantissimo amor da patria, recordando-lhes ou repetindo-lhes o que no seu precioso poema LUSIADAS disse o mais eminentemente poeta portuguez:

*Honrae a Patria que a Patria vos contempla.*

Salvé pois conterraneos!

Thomar, 8—2—911.

A. L. A.  
1.<sup>o</sup> sargento

### NOTICIAS MILITARES

Regressou do Bussaco, onde se achava destacado, o nosso amigo Humberto Maria Fernandes, 2.<sup>o</sup> sargento de infantaria 23.

Terminaram os seus trabalhos a inspecção de material de guerra em infantaria 23.

### Doentes

Tem estado bastante doente o nosso presado amigo José d'Oliveira Miranda, alferes do secretariado militar, a quem desejamos um prompto restabelecimento, bem como a sua ex.<sup>ma</sup> esposa que também se encontra doente.

### Conferencia

O sr. Guilherme Telles de Menezes realizou no salão nobre dos Paços do Concelho, na ultima sexta feira, uma conferencia sobre occupou colonias.

O conferente occupou-se, principalmente, da escravatura, considerando todos os paizes com responsabilidades neste ponto.

Foi muito applaudido.

## PLACARD

Agradecemos e publicamos qualquer collaboração que nos seja enviada, reservando-nos o direito da não publicação d'aquella que seja contraria á orientação do nosso jornal.

A importancia da assignatura, pode ser enviada a esta redacção em sellos ou em vale do correio.

Aos srs. assignantes que mudem de residencia por qualquer motivo, pedimos para darem immediato conhecimento á redacção do nosso jornal, afim de não soffrerem demora na recepção.

Pedimos aos nossos colaboradores a fineza de não se melindrarem por não lhe ser dada immediata publicidade aos seus escriptos, porque attendendo ao pequeno espaço de que dispomos no nosso jornal, resolvemos public-los por ordem de chegada a esta redacção e urgencia do assumpto a tratar.

Recebemos e muito agradecemos importancia das assignaturas do presente trimestre, dos srs. João da Costa Garrett, 1.<sup>o</sup> sargento d'infantaria 23; José Mathias Ramalhete, 2.<sup>o</sup> sargento reformado, Porto; sargentos do deposito de deportados, 8. Julio da Barra; Antonio Joaquim de Campos, 1.<sup>o</sup> sargento da guarda fiscal, Gerez; Carolino José, 1.<sup>o</sup> cabo d'infantaria 23; Miguel Antonio Ribeiro, 2.<sup>o</sup> sargento da guarda fiscal, Torrinha; Accacio Marques Mesquita, 2.<sup>o</sup> sargento da guarda fiscal, Belem; José Domingos Rodrigues, 1.<sup>o</sup> sargento reformado, Louzada; João Herminio Barbosa e José Alves Arezes, 1.<sup>o</sup> sargentos, Isaac Vieira Braga, 2.<sup>o</sup> sargento, todos d'infantaria 3, Vianna do Castello; Guilherme Francisco Gravata, 2.<sup>o</sup> sargento da guarda republicana, 1.<sup>o</sup> esquadrão, Lisboa; Christovão José Antunes, mestre de ferradores, José Antonio de Carvalho, selheiro-correio, João Lourenço dos Santos, carpinteiro e Casimiro Saraiva da Silva, espingardeiro, todos de cavalaria 5, Evora; Antonio Mauricio dos Santos, 2.<sup>o</sup> sargento reformado, correios, Porto; Antonio Julio Antunes, 2.<sup>o</sup> sargento da guarda fiscal, Porto; e a importancia de um semestre dos srs. José d'Albuquerque, alferes de infantaria 23 e José da Silva Junior, 2.<sup>o</sup> sargento da guarda fiscal, Matto-sinhos.

### Carnaval

A commissão promotora dos bailes do carnaval que vão realizar-se no Coimbra-Centro, trabalha com o maior afan para que estes sejam revestidos do maior brilho e entusiasmo.

### Registo civil

Realizou-se hontem na administração do concelho, o registo civil de casamento, do nosso amigo Amílcar de Sousa Ferreira, 2.<sup>o</sup> sargento do D. R. R. 23, com a sr. D. Maria do Cou Pedro de Jesus.

Testemunharam o acto os srs. Joaquim Aureliano da Costa, tenente de infantaria e dr. Francisco Pedro de Jesus.

Aos noivos os nossos parabens, desejando-lhe uma prolongada lua de mel.



SECÇÃO HISTORICA

O General Silveira

Procurando modestamente contribuir para a commemoração do centenario da guerra peninsular, vamos hoje lembrar aos nossos leitores uma das figuras mais notaveis daquelle periodo de luctas pela independencia patria e um dos mais ardentis agitadores contra o dominio francez — o general Francisco da Silveira Pinto da Fonseca.

Para bem se avaliar este homem de excepcionaes qualidades é necessario despil-o duma certa fama de boçalidade e ignorancia que lhe empana um pouco o nome e que tem vindo com elle atravez dos annos; e tomando de parte, como exagero de expressão qualquer malevola referencia, (1) procuremos ver nelle o homem que, em grande instrucção, realmente, insequiu com audacia mas com pontuação, com energia mas com a razão necessaria, impôr-se a genes francezes que vinham victoriosos e a quem custava a acreditar que houvesse alguém que lhes tomasse o passo.

Ora assim, e lembrando tambem que era de uma altivez intransigente que o levou a não se misturar com aquelles que logo se venderam ao vencedor, Silveira apparece-nos como uma personalidade destacada do seu meio, mixto da valentia tradicional da sua provincia que era Traz-os-Montes, inquebrantavel na sua fé de liberdade audaz, mas sabendo moldar essa rudeza energica e justiceira, ás necessidades modernas da guerra e comprehendendo com justeza e valor os planos postos em execução.

Era transmontano, como dissemos, (2) e da sua provincia conservou elle sempre a rudeza altiva que tanto se impõe na vida pratica e a persisten-

cia tenaz nas luctas incetadas. Como era de familia nobre seguiu a carreira militar que elle começou por sentar em Almeida, no regimento de cavallaria alli aquartelado.

Não seriam grandes os seus estudos porque pouca importancia ligava a isso o regimen de fanatismo de D. Maria I, mas é certo que não foi sómente a boçalidade da provincia, a rudeza do tempo e a ignorancia da sua classe, o cabedal de conhecimentos que o levou a tão habilmente se apresentar nos campos de batalha.

A intuição e o valor não eram o sufficiente — digam o que disserem; já lá vae o tempo em que os deuses e o relampejar do Genio intervinham terrenamente nas cousas guerreiras...

Em 1801, no periodo funesto da guerra desastrosa com a Hespanha, foi elle a alma da criação d'um corpo de voluntarios que entrou na empreza de Monterey (1); e em 1808 n'um periodo não menos funesto de decadencia moral dos portuguezes, quando todos os dirigentes se curvavam com vileza ao espectacular vencedor, (2) Silveira, então tenente coronel de cavallaria 6, de Chaves, pediu a sua demissão de official para não ir destrerrado nessa Legião que Napoleão obrigou a ir combater nos seus exercitos.

No entanto não se julgue que assim procedeu por um estímulo de commoidade ou de arreigado regionalismo; Silveira ao ver-se livre, foi ser na sua provincia, como diz o tenente-coronel Adriano Beça, «a encarnação viva da insurreição transmontana contra a dominação franceza». (3)

(Continua.)

(1) Foi uma malograda tentativa do valeroso Gomes Fereire d'Andrade contra a praça hespanhola de Monterey, na Galliza. Comandava então aquelle general as forças de Traz-os-Montes.

(2) Referimo-nos a Junot que sem dar um tiro se apoderou d'um reino! Tão baixo nos tinha levado a dynastia de Bragança!

(3) Na Revista Militar, vol. LXI, 164.

POBRESINHOS

Janeiro: O céu brilhante, a noite, fria, agreste;  
Da imensidade azul as nuvens já se foram;  
Sopra rijo e cortante o vento de nordeste;  
Sentadas n'um portal, três creancinhas choram.

Pobres anjos! Têm fome e frio!... São rotinhos,  
E, descalços na pedra, os pézitos gelados!  
Ninguem para calar, co'um mimo, os pobrezinhos,  
Para iludir, co'um beijo, a fome aos engeitados!

Vão-se enchendo os cafés... No asfalto do Rocio  
Cruza-se a burguesia e a nobreza elegante:  
São ricos! Não têm fome e não padecem frio.

No escuro portal, a chorar e a tremer  
Um pequenino scisma, olhando o céu distante:  
«Deve ser quente além... tanta luzinha a arder!»

MARIA DA CUNHA.

Organização militar

Confederação Suissa de 12 d'Abril de 1907

Cessando a causa da exclusão a auctoridade decreta a sua reintegração. Os sargentos em idênticas circunstancias são tambem excluidos do serviço pessoal, enquanto durar o motivo da exclusão.

Art. 19.º — os officiaes e sargentos incapazes são dispensados do serviço pela auctoridade que os nomeou e submettidos ao imposto militar.

A esta auctoridade compete dar seguimento ás propostas de separação do serviço formuladas pelo commandante da divisão ou do corpo do exercito e ratificadas pelo departamento militar suizo.

A commissão da Defeza Nacional propõe a separação do serviço para officiaes superiores.

IV — Serviços auxiliares

Art. 20.º — Os mancebos apurados para os serviços auxiliares são n'elles incorporados em seguida ao recrutamento.

Os serviços auxiliares são principalmente destinados a completar, segundo as necessidades do exercito e do serviço activo, os trabalhos de sapadores, serviço sanitario, de alimentação, de informações e transportes.

Os mancebos incorporados nos serviços auxiliares não aprendem a instrucção. Pagam o imposto militar nos annos em que não fazem serviço.

O Conselho Federal fixa as prescripções convenientes aos serviços auxiliares.

V — Prestações especiaes do Estado

Art. 21.º — A Confederação garante aos militares os meios precisos para se tratarem das doenças e accidentes.

A applicação d'este principio é regulado pela lei de seguros militares contra as doenças e accidentes.

Art. 22.º — As familias que caiem na miseria em consequencia do serviço militar do seu amparo recebem soccorros proporcionaes ás suas necessidades. Taes soccorros são diferentes dos facultados pela assistencia publica.

Art. 23.º — Os soccorros são entregues aos interessados pela communa (administração do conselho) em que residem; quando residam no estrangeiro são-lhe enviados pela communa a que pertencem.

A auctoridade communal fixa a importancia e a natureza dos soccorros e tomá alem d'isso todas as medidas indicadas pelas circunstancias. Communica-o á auctoridade cantonal e esta ao departamento militar suizo.

Art. 24.º — As despesas da communa são pagas trez quartas partes pela Confederação e a restante pelo Cantão.

Art. 25.º — Em caso de contestação, o Conselho Federal pronuncia-se em ultima instancia sobre as decisões tomadas pelas communas.

Art. 26.º — O reembolso dos soccorros não pode ser reclamado.

Art. 27.º — Quando um civil é morto ou ferido n'um exercicio militar, a Confederação é responsavel pelo damno, a não ser que se não prove a força maior ou que a responsabilidade do desastre caiba á victima.

Se o accidente occasionou a morte, a Confederação é responsavel para com as pessoas, de que o defunto legalmente era amparo.

(Continua.)

GUIA MEDICO

PARA O

COLONO DE ANGOLA

Durante a viagem

6.º — Durante a viagem succede a muitas pessoas enjoarem, como consequencia do desequilibrio que causa baloço do navio, obrigando a um jogo novo (e a que se não está habituado) de equilibrio, trazendo as vertingens, a nausea, o vomito, etc.

Para evitar este mal — o enjoo — não ha remedio efficaz. O melhor será ir para bordo com o proposito firme de não enjoar, procurar abstrahir o mais possivel dos movimentos do navio, deita-se na posição horizontal, fechando os olhos ou ficando em ponto que lhe não traga a ideia os movimentos do navio sendo preferivel escolher na coberta um ponto ou logar mais central e onde se sintam menos aquelles movimentos. Procurar distrahir-se de qualquer forma até que se habitue. Deve-se sempre realizar uma alimentação progressivamente crescente, embora a principio se reponha.

Termo da viagem — Desembarque

Approximando-se o termo da viagem cada um deve começar a dispôr tudo para o desembarque. Escolherá, como já se disse a proposito da ida a terra nos portos de escala, a melhor hora para desembarcar e tomará os cuidados já tambem indicados.

Se o navio fundear de noite será preferivel desembarcar no dia immediato, salvo, se em terra tiver as commodidades e condições apropriadas para o poder fazer sem risco da propria saude.

Deve notar-se que ha portos de mar onde a calema ou mareta é muito consideravel, por vezes perigosa e isto deverá obrigar a redobrar de cuidados, taes são: Landana, Cabinda, Ambrizette, Ambriz, Novo Redondo, e rarrissimas vezes Benguella.

Installação — Escolha da habitação

A casa que o colono habita e onde decerto passará mais de metade do tempo, deve merecer-lhe os maiores cuidados. Deve ser bem situada, bem exposta, bem ventilada, bem limpa, e ter salubridade adequada, suppondo-se que a construcção obedeceu ás regras da hygiene tropical.

Infelizmente a immensa maioria das casas em Angola, mesmo na capital, estão muito longe de satisfazer a estas condições.

Para que a casa seja bem situada deve collocar-se em sitio elevado e secco longe de logares pantanosos e humidos, tanto quanto possivel, e pelo menos, sempre de forma que lhes fique a barlavento.

Para que a casa bem situada tenha boa exposição deve orientar-se de forma que os ventos predominantes lhe soprem de frente.

(Continua.)

O FRANCEZ

Inglez, allemão e italiano, sem mestre. Descoberta inapreciavel para o estudo das linguas. Novas edições melhoradas. Cada lingua, 25500 réis; cada fasc. (em Lisboa) 100 réis. O MESTRE POPULAR, de Goncalves Pereira (pae), rua de S. Paulo 12, 4.º e Ferregial de Baixo, 31, 2.º — Lisboa. Cuidado com as falsificações.



### IMPRENSA ACADEMICA

153—Rua da Sophia—165

COIMBRA

Grande deposito de todos os modelos, nitidamente impressos, para o serviço dos Corpos do Exército, Districtos R. e Reserva, Hospitais Militares, etc.

Execução rapida.

#### Mata-sezoes

OU MALEITAS

Estas pilulas podem tomar-se sem receio, **ABREM O APETITE** á comida e **NÃO EXIEM DIETA**, podendo o doente comer de tudo. Preço da caixa 400 réis — meia caixa 240 réis (pelo correio mais 10 réis).

#### Arranca-callos

#### Unguento de Villar

Esta afamada pomada extrai os callos pela raiz, em 5 dias — Preço da caixa 150 réis (porte gratis). Este milagroso unguento, **EXPERIMENTADO HA MAIS DE 60 ANOS. cura as feridas o chagão**, por mais antigas que sejam, varizes e frieiras ulceradas, ulceras cancerosas e syphiliticas, **herpes, Impigens**, fúncas, sardas, nodosos de melancolia e outras molestias de pelle. Milhares de curas e muitas cartas de agradecimento comprovam os seus magnificos resultados. Preço da caixa 150 réis (porte gratis). Remette-se pelo correio a quem mandar a importancia em estampilhas ou vale.

Pharmacia e drogaria **FIGUEIREDO**  
RUA DA SOPHIA, 30 COIMBRA

### Pastelaria e Confeitaria

#### TELLES

450 — Rua Ferreira Borges — 452

COIMBRA

Nesta casa, regularmente montada no genero das de Lisboa e Porto, encontra-se á venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos desta natureza:

Doces de ovos com os mais finos recheios.

Doces de fructa de diversas qualidades, seccos e crystalizados.

Fabricam-se grandes peças de fantasia, proprias para brindes.

Variada pastelaria em todos os generos, especializando os de folhado.

Galantinas diversas. Tête d'Achar. Paté de Liever e Foie.

Saucisses Pudings de diversas qualidades, vistosamente enfeitados. Pão de ló, pelo systema de Margaride.

Especialidade em vinhos generosos e licores finos das principaes marcas.

Amendoas, bon-bons, chocolates, queijos, chás, etc.

#### CAFÉ, BEBIDAS E CERVEJAS

Deposito dos magnificos vinhos da Empreza Vinicola de Salvaterra de Magos, da finissima manteiga da Quinta de Fontello e dos productos da Fabrica de Bolachas e Biscoitos da Cou-raça de Lisboa, 32.

Dão-se senhas da Bonus Coimbricense.

Queijo fino da serra na

Mercearia Lusitana

### DIHETOL

(Base de Cinnamato de Sodio)

Empolas e frascos de solução purissima e aseptica

Formula do Dr. Marques dos Santos para o tratamento especifico da

#### TUBERCULOSE PULMONAR

Injecções hypodermicas e via bocal. Attestados medicos. Indicam-se doentes curados. Modificação ao methodo de Landerar, de Stuttgart.

Baptista d'Abreu, preparador em Calvario (BEIRA ALTA)

Depositarlos: Drogaria Villaca, Coimbra; Pharmacia Barral, Lisboa  
Pharmacia Magalhães, Porto

### Mario Paes & Com.ª

ARMAZENS DE

Mercearias, Farinhas, Semeas e Tregaria

SÉDE—Rua Adelino Veiga—COIMBRA

Telegr. FARINHAS—Teleph. n.º 424 e 44

Vendas só por grosso

Preços em competencia com as melhores casas no nosso genero.

#### VERDADEIRAS PILULAS MILAGROSAS

Curam em poucos dias todas as febres intermitentes.

Esta afamada pomada extrai os callos pela raiz, em 5 dias — Preço da caixa 150 réis (porte gratis). Este milagroso unguento, **EXPERIMENTADO HA MAIS DE 60 ANOS. cura as feridas o chagão**, por mais antigas que sejam, varizes e frieiras ulceradas, ulceras cancerosas e syphiliticas, **herpes, Impigens**, fúncas, sardas, nodosos de melancolia e outras molestias de pelle. Milhares de curas e muitas cartas de agradecimento comprovam os seus magnificos resultados. Preço da caixa 150 réis (porte gratis). Remette-se pelo correio a quem mandar a importancia em estampilhas ou vale.

#### ALFAIATE

Antonio Ribeiro das Neves Machado

Fornecedor da Companhia dos Caminhos de Ferro

58—RUA DA SOPHIA—61

COIMBRA

Grande sortido de fazendas nacionais estrangeiras. Colletes de phantasia, o que ha de maior novidade. Gravatas, suspensorios, collarinhos e muitos outros artigos. Especialidade em varinos de Aveiro.

Uniformes para militares.

Presunto de Melgaço (qualidade garantida), chegou a primeira remessa á

#### MERCEARIA LUSITANA

#### DROGARIA VILLAÇA

COIMBRA

Completo sortido de productos chimicos, especialidades pharmaceuticas e artigos de borracha.

Tintas, oleo de linhaça, vernizes, brochas e todos os artigos concernentes á pintura.

Deposito de aguas medicinaes.

#### O melhor enchido de Portalegre

Na casa Gaitto & Cannas

#### Methodo João de Deus

Ensina-se a ler e escrever pelo referido methodo.

Lições nos domicilios dos interessados.

Trata-se na rua Joaquim Antonio de Aguiar, n.º 76.

OFFICIAL DO EXERCITO

## VEROL & C.ª

CASA DO MILITAR Á PORTA

Fundada em 1836

Premiado nas exposições a que tem concorrido, obtendo na Exposição Nacional do Rio de Janeiro de 1908 Grand Prix e Medalha de Ouro.

#### LIVRARIA E PAPELARIA

COM OFFICINA DE

Typographia, Encadernação, Litographia, Pautação, Riscados e Dourador

Telephone n.º 1:321

434 — Rua Augusta — 436

Lisboa — Portugal

#### Catalogo de livros militares

|  |        |
|--|--------|
| Regulamento dos corpos do exercito   | 500    |
| Idem, continencias e honras militares  | 120    |
| Regulamento de campanha, 1.ª parte   | 600    |
| Idem, 2.ª parte, infantaria  | 400    |
| Idem, 2.ª parte, engenharia  | 500    |
| Idem, 2.ª parte, cavallaria  | 500    |
| Idem, 2.ª parte, artilheria  | 500    |
| Instrucções para uso da carabina, 1.ª, 2.ª e 3.ª parte   | 400    |
| Jogo de espada   | 300    |
| Idem, de lança   | 300    |
| Equitação, 1.ª parte   | 300    |
| Idem, 2.ª parte  | 300    |
| Manejo da espingarda, 6.ª, 5   | 200    |
| Escola do soldado  | 300    |
| Mobilisação do exercito  | 15000  |
| Manual de gymnastica   | 500    |
| Regulamento de etapes  | 200    |
| Exercicios de quadros  | 300    |
| Theoria nas casernas, broc.  | 500    |
| Idem, cart.  | 600    |
| Regulamento de reservas  | 200    |
| Cartilha militar   | 40     |
| Curso de habilitação para 1.ª cabos, broc  | 300    |
| Idem, cart.  | 400    |
| Idem, para 2.ª sargentos, broc.  | 300    |
| Idem, cart.  | 400    |
| A Bandeira, poesia dirigida aos soldados portuguezes   | 100    |
| Notas sobre a cavallaria na actualidade, 1 vol. broc.  | 500    |
| Guia pratico dos commandantes de destacamentos, por Eduardo F. Vianna, 1 vol. broc. (2.ª ed. augmentada) | 800    |
| Idem, cart.  | 15100  |
| Problemas de tactica applicada nas cartas topographicas, por F. R. da Silva, 3 vol. broc.                | 55500  |
| Legislação militar, por Franco, 7 vol. broc.   | 125500 |
| Guia auxiliar do official para escripturação dos conselhos administrativos, 2 vol. broc.                 | 15400  |
| Idem, 1 vol. cart.   | 15700  |
| A cavallaria no campo da batalha, por F. Sá Chaves, 1 vol. broc.   | 300    |
| Telegraphia optica, seu papel tactico e estrategico, 1 vol. broc.  | 100    |
| Codigo de Justiça Militar, 1 vol. broc.  | 600    |
| Idem, cart.  | 900    |
| Campanha do Bailando em 1902, por F. C. Moncada, 1 vol. broc.  | 15000  |
| Serviço de cavallaria em campanha, por F. Tamagnini, 1 vol. broc.  | 800    |
| Administração militar em   |        |

|   |       |
|---|-------|
| campanha, por A. D. Branquinho, 1 vol. broc.  | 600   |
| Heroe de Chaimite, por E. de Noronha, 1 vol. broc.  | 15000 |
| Regulamento de tiro, traducção do allemão, por Prata Dias, 1 vol. broc.   | 500   |
| Programma para 2.º sargento de infantaria, por Eduardo Ferreira Vianna  | 15000 |
| Dito, Varão e Coelho  | 15200 |
| Programma para 1.º sargento de cavallaria, Mascarenhas  | 400   |
| Dito 1.º sargento Varão e Coelho  | 15800 |
| Idem, para 1.º sargento de cavallaria e infantaria, Rodrigues   | 500   |
| Pró Patria, por Homem Christo, 1 vol.   | 90    |
| Album militar (commendas e uniformes)   |       |
| Exame para cabos  |       |
| Instrucções para cabos e soldados   |       |
| Apontamentos sobre tactica e estrategia, por José Cardoso, 1 vol.   | 600   |
| Manual do Colono, por Alfredo Leão Pimentel, 1.º vol.   | 700   |
| Idem, 2.º vol.  | 800   |
| Idem, 3.º vol.  | 15000 |
| Idem, 4.º vol.  | 15300 |
| Idem, para instrucção de cabos e soldados, por Manuel Alexandre Montez, 1 vol.  | 150   |
| A função do exercito, por R. A. Esteves, 1 vol.   | 500   |
| Hygiene, por Arthur de Miranda Lemos, 1 vol.  | 300   |
| Manual de gymnastica, por D. Miguel Henrique de Alarcão, 1 vol. broc.   | 800   |
| Idem, cart.   | 15000 |
| Raças cavallares da Peninsula, por D. A. A. da C. Oliveira, 1 vol.  | 15800 |
| Appendice ao livro «Raças Cavallares», pelo mesmo auctor, 1 vol.  | 600   |
| Manual de instrucção para as praças de infantaria da Guarda Fiscal, por Antonio da Graça Ferreira.  | 900   |
| Elucidario de serviços fiscaes aduaneiros, pelo mesmo auctor  | 750   |
| Manual de fortification, por H. Plessix et E. Legrand   | 15000 |
| Programma da parte especial do curso para 1.ª cabos de infantaria, por José Maria «Guitton»   | 400   |
| Programma da legislação, administração e escripturação militar, para o curso de habilitação de 2.ª sargentos de infantaria, pelo mesmo auctor | 300   |
| Manual para os cursos de habilitação de 2.ª sargentos e 1.ª cabos, por Adrião Lucas   | 200   |
| Topographia   | 50    |
| Idem, Mendes d'Almeida, 2 vol. broc.  | 55000 |
| Metralhadoras, pelo capitão V. Bugalho  | 800   |
| Hygiene nas marchas de infantaria, por Joaquim Vieira   | 300   |
| Equitação e Hypologia, por conde Fornos d'Algodres  | 15200 |



# A VOZ DO SARGENTO

DEFENSOR DOS INTERESSES DOS SARGENTOS E EQUIPARADOS DO EXERCITO E DA ARMADA

Pela PATRIA e pela REPUBLICA

DIRECTOR E PROPRIETARIO — Antonio Rodrigues

EDITOR — José Augusto Gomes

ADMINISTRADOR — José da Silva e Sousa

SECRETARIO — Mario da Costa Vasconcellos

PUBLICAÇÃO SEMANAL

Redacção e administração: RUA DA SOPHIA, 166

Composto e impresso na  
Typographia do *Noticias de Coimbra*

ASSIGNATURAS

Continente, trimestre - 300 reis  
Ultramar, semestre - 600

ANNUNCIOS — Preços convencionaes

Annunciam-se todas as obras offerecidas á redacção

## A disciplina no exercito

Disciplina quer dizer ordem, respeito, obediencia, acatamento; não deve ser percebida com terror nem com medo.

A disciplina não deve estabelecer só o respeito, deve tambem collocar entre superiores e subordinados um laço de estima que pode, sem affectar a obediencia, que os regulamentos impõem, traduzir-se n'uma amizade respeitosa.

Só pode ter a verdadeira comprehensão da disciplina quem fór bem educado.

No nosso exercito, tão mal se tem interpretado este thema, que se tem chamado disciplinador, a quem muito castiga. E' um erro crasso este modo de ver. A disciplina, n'este caso, não existe e os castigos são a consequencia da sua ausencia. Quanto mais se punir, mais ha a punir. O excesso de punição faz de um soldado um inimigo de todos e até de si mesmo; do castigo nasce a revolta, da disciplina bem cuidada nasce a dedicação do soldado pelos seus deveres, evitando-se o castigo.

O superior é tudo n'este caso. Deve, com intelligencia, chamar a si a sympathia dos subordinados, trata-los com bondade e ser generoso quando tenha de os punir.

Isto não quer dizer que se deva perdoar a mesma falta duas vezes ou passar em claro uma transgressão de que houve conhecimento. A verdadeira disciplina está exactamente no facto de não se consentir a repetição de faltas e de evitar que ellas se commettam.

Ao abuso responde-se com a punição, mas ás faltas leves deve corresponder sempre um conselho reparador e amigo. O que não fór isto é tyrania ou despotismo.

Não ha de ser facil conseguir que a disciplina seja assim estabelecida, se attendermos a que nem todos os individuos a quem compete disciplinar ou castigar, sabem separar a indole do seu genio ou a sua má disposição de momento das condições de que o investiram.

Não é raro ver-se um grande castigo para uma pequena falta, assim como o desprezar-se os motivos que levaram o delinquente a

transgredir, o seu tempo de serviço, o comportamento anterior, etc.

Esta benevolencia, que deve haver na applicação das penas, já se subentendia no antigo regulamento disciplinar, mas rariissimas vezes se fazia uso d'ella. A disciplina, no antigo regimen, foi substituida pelo absolutismo. Ainda hoje se notam grandes vestigios d'essa errada disciplina. E' ver o receio com que o nosso soldado expõe as suas razões deante de um superior; notae a sua attitude, o seu olhar; por vezes não está longe de parecer o escravo deante do senhor, tal é o receio que lhe inspira a physionomia do seu interlocutor.

Pois bem. A Republica deve tambem inspirar uma obra de saneamento na maneira de tratar e cuidar do soldado. A sua generosidade deve ser comprehendida por quem pode punir e imitada sem desaire para a disciplina.

Para que esta remodelação se faça completa, para que se faça convergir sobre esta obra as attentões dos graduados é necessario que todos vão transformando e ensinando a modificar o velho systema de disciplinar o soldado. Havemos de ver depois, com viva satisfação, que para haver disciplina e ordem nos quartéis, não é preciso inspirar o medo.

Comecemos por collocar o soldado ao nivel dos demais cidadãos, ensinemo-lo a ler, façamos-lhe comprehender os seus deveres para com a Patria e para com a Republica, tratemo-lo com benevolencia aliada á necessaria disciplina, excluamos o tratamento de tu, que deprime e vexa e a obra se irá aperfeçoando por si mesmo.

Ha de ser este um dos melhoramentos das condições da existencia humana.

Temos estranhado que não fosse ainda nomeada comissão alguma encarregada de elaborar um novo regulamento de continencias e honras militares, visto que o regulamento em vigor é a ordenança de 79—que não tem adaptação possivel aos tempos d'hoje.

O nosso amigo José Correia Amado tomou de trespaeos o antigo estabelecimento de cabedaeos, do sr. Borges d'Oliveira, na rua Eduardo Coelho, que começa amanhã a girar com a sua firma.

## O despertar de um povo

Despertou emfim o nosso querido Portugal do longo somno que dormia e ao seu despertar desabou um throno e uma grande esperanza n'um futuro melhor, a que tem jus, entrou no espirito do seu Povo.

E' que elle soffria e soffre, n'uma grande parte, vergado ao peso de muitas prepotencias e superstições, que lhe tolhem a liberdade de acção e de pensamento, matando-lhe a iniciativa e a razão. E todavia é bem merecedor d'uma bem melhor sorte.

Portugal contém em si elementos bastantes para dar a todos os seus filhos um relativo bem estar material e moral, quando convenientemente explorado e a sua riqueza equitativamente distribuida, por leis sabias e justas, soberanamente respeitadoras dos interesses sagrados de todos os cidadãos. O seu solo feracissimo tanto do Continente, como das Ilhas Adjacentes e Colonias, está ainda em grande parte por colonisar, o que se poderia fazer, ao menos desviando a corrente emigratoria nacional para aquellos pontos, que para tal fim se podessem aproveitar; a todos garantindo, primeiro, trabalho, devidamente remunerado, e depois, pela applicação de leis agrarias a posse do terreno trabalhado. E' pelo trabalho que as nações se elevam, á sombra redemptora da paz e da liberdade, dentro dos limites dos direitos e deveres dos cidadãos. Trabalhemos, pois, physica, moral e intellectualmente para que Portugal occupe no mundo e no conceito dos outros povos o lugar que de direito lhe pertence. Trabalhemos mas com uma forte vontade, intelligente e energica, para que elle seja grande como já o foi; ou mais ainda e se salve de vez do abismo para que corria.

Tal só se poderá conseguir pelo esforço, união e cooperação de todos os bons portuguezes, animados do mais intenso patriotismo, civismo, fé e creença na redempção, o mais possivel, completa e radical. Nada de luctas facciosas de mesquinhos interesses, mas apenas ampla discussão do que mais convenha aos superiores interesses do estado. Que a politica se faça, mas apenas na accepção rigorosa e nobre da palavra, que só assim contribuirá poderosa e beneficamente para a grandeza do paiz, seu elevado, unico, necessario e precioso fim.

Com a instrucção primaria obrigatoria e gratuita, dever-se-ha procurar arrancar o povo á ignorancia e traz-lo a colaborar efficaç e conscienciosamente nos negocios do estado, ao menos pelo uso genuino e tão exacto, quanto possivel do voto.

Acabe-se de vez com aquelle negociante de consciencias, a que se dá

o nome de cacique e que faz do povo ignorante e sem recursos, um rebanho de que dispõe como lhe convem.

Acabe-se com o cacique, não só instruindo o povo e melhorando-lhe as condições economicas, mas pondo-o desde já absolutamente de parte para que perca a nefasta influencia que infelizmente ainda conserva; o que é um facto, senão em quasi todos os pontos do paiz, pelo menos em muitos, onde ainda preponderam os elementos corruptores, que contribuiram para o estado a que chegou a nossa patria, que só deve ser servida por aquelles que verdadeiramente a amem e que como tal sejam incapazes de abusar dos seus concidadãos para servirem o seu egoismo.

A Republica não se fez em Portugal unicamente para que a associação politica dos seus cidadãos deixasse de se chamar «Reino de Portugal» para se chamar «Republica Portuguesa», fez-se para interesse geral de todos, fez-se para que cada portuguez seja ou possa vir a ser um verdadeiro cidadão, plenamente consciente dos seus direitos e deveres, para poder gozar da liberdade maxima, sem a qual é impossivel o progresso dos povos e a sua participação nos negocios publicos.

Assim é preciso que seja e assim será.

O contrario seria seguir os processos da, felizmente, extincta monarchia á qual assim convinha, para poder manter os privilegios que lhe eram proprios.

CORREIA D'ALMEIDA

## Ideal Bemdito

Outrora em Portugal o exercito era o poder da força divorciado da nação, cheio de complexidades, que se movia insensivelmente, da mesma maneira como se move no alto mar um navio de alto bordo.

Era até mais do que isso — a machina de marca antiga de fabrico e constituição, cheia de segredos, que, só aos felizes machinistas era dado conhecer.

Se aos elementos que a constituíam era dada vida, isso era arriscar sobremaneira o pensamento; porque o meio ambiente em que ella funcionava era de tal ordem que proporcionava aos grandes e considerados sentenciadores, a maxima: «quem não nasceu para o exercito, o melhor é ir tratar d'outra vida».

Tornava-se necessario que se fivesse já nascido para o exercito, particularidade esta que tinha que ver com a falta de iniciativa, inconsciencia, automatismo e sobretudo o esquecimento da pessoa.

A vida militar era um fantasma horripilante, que causava os maiores sustos e o mais descaravel dos in-



fortunios, ás familias que tinham filhos em vespera de sorteio.

Não se podem mesmo avaliar a grande magua, nem as lagrimas que se vertiam, ante a desdita d'um filho, um parente ou um amigo, lhe ter cabido por sorte ser obrigado a vestir o fato de galucho, ir marcar passo na recruta e fazer exercicios de fogo, etc.

Tal vida era amaldiçoada vezes sem conto.

Povoações, freguezias, haviam em que se quotizavam todos os paes de mancebos, para remirem os que cahissem nas sortes, o que levavam a effeito.

Quem não tinha tido esta felicidade, deitava lagrimas de punho, por saber que o filho de A ou B, se tinha livrado por ter pago a praça.

O mancebo ao entrar a porta do quartel, tanta coisa lhe tinham dito, que tudo lhe infundia medo e respeito á mistura com desespero, desde o simples soldado até ao official; elle nem sabia onde se havia de metter, tal era o receio de que vinha possuido. As primeiras cartas que a familia d'elle recebia, eram cheias de magua e saudade, que ainda mais a fazia chorar.

Logo na primeira noite ou na segunda de militar, elle tinha ouvido ler debaixo do maior silencio, e com voz bem firme, á ordem, que o soldado n.º tal de tal companhia, fôra castigado por faltar ao recolher, apresentando-se 15 minutos mais tarde e que o 1.º cabo de tal companhia tinha sido castigado com um horror de dias de detenção, por usar botas sem fijas, etc., etc.

D'ali em deante já não era um homem; isso sim! nem mesmo poderia sê-lo; elle mesmo sem saber como, depois de tantas e tão variadas coisas que lhe tinham á força de theorias dadas á semelhança, como se ensina taboada nas escolas, mettido no caco, e da maneira como tinha principiado a ser tratado, desde o primeiro dia de instrucção, se tinha, pensando sempre na liberdade e na sua casa, prestado a ser um barato manequim.

Bastava, o uniforme que lhe tinham distribuido, que lhe dava um aspecto de mumia pintada e que elle não podia, sob grave pena, adequar o melhor que pudesse, ao corpo.

E, assim ainda mais elle se convencencia que tinha vindo para a vida militar sem saber porque nem para quê e que a sua differença entre o nada era nenhuma.

Não havia positivamente nada que o fizesse convencer do contrario.

Que vida!

Ouvir o soldado palavras boas de incitamento pelo estudo, pela honra de ser bom militar para bem poder defender a Nação, da bocca d'um ministro, como ha pouco o fez S. Ex.ª o actual Ministro da Guerra, era coisa que as praxes dos intangiveis semideuses não consentiam, porque nem mesmo era dado ao militar de gradação inferior, quanto mais ao soldado, aproximar-se do Ministro da Guerra.

Ter uma corporação de militares de inferior gradação a dita de se aproximar do mesmo ministro dizer-lhe pela bocca do seu chefe, duas ou tres palavras de boas vindas e de agradecimento, pelos beneficios prestados á mesma classe, e ouvir a retribuição d'essa prova de cortezia e d'esse sentimento de gratidão, d'um tal serio e respeitavel, cheio de infinita bondade e de tão patente afeição, como o fez agora S. Ex.ª o Ministro da Guerra, isso era senão impossivel, pelo menos difficil.

Ser um Ministro da Guerra acompanhado por todas as corporações militares, na occasião da sua despedida

e á sahida d'um quartel, e com o seu modo affavel a todos cumprimentar apertando a mão, orgulhando-se de o fazer, como o fez agora o mesmo Ex.ª Ministro, isso nem pensa-lo, quanto mais faze-lo, porque certamente havia o receio de se sujar e tal prova de popularidade e estima, coisa que tendia cada vez mais a desaparecer, apparecendo em sua substituição a outra, não era muito extensivo.

Que differença de tempos!

O ideal era bem outro!

Só se pensava na ostentação vã e occa e no luxo que pesava á Nação, e, assim, tudo quando não fosse pertencente á casta das camadas altas e que tivesse a desdita de pertencer ás camadas baixas, era um paria, um bicho que em pouco se assemelhava aos felizes mortaes.

Evidentemente a vida não era boa, e, os superiores de vez em quando ainda a faziam peor; faziam d'ella uma escravidão militarizada, sem pensar a maior parte d'elles, em militarismo; tal era a cegueira e a que ponto ella tinha chegado!

O povo não via o exercito com bonitos olhos, porque elle só servia o rei e não a PATRIA, pelo menos assim o tinha jurado, e, já d'isso algumas vezes tinha dado indicios.

O dia mais alegre e feliz em que o soldado tinha visto o verdadeiro sol irradiando bem penetrantes raios de delicioso conforto e de inestimavel amor, era aquelle em que elle tinha tirado o pesado symbolo da escravidão — a sua farda — por ter acabado o seu tempo de serviço, passando á reserva, vendo-se desafogadamente livre de tal escravidão moderna.

Já ia mais satisfeito; deixava de ser um escravo e passava a ser um homem livre no gozo plenissimo dos seus direitos; ia passar a sua vida libertada no seio da familia que tanto o extremecia.

Mas, ainda assim, ao sahir a porta do quartel, ainda ia horrorizado, duvidoso por vezes, e com medo de por qualquer circumstancia o fizessem voltar para traz, para a vida que levava amaldiçoada lá bem no fundo do seu coração.

Emfim; tudo isto era verdadeiro inferno; mas era assim como se vivia no antigo regimen de luxuosos espartos e de adeantadas pessoas que tinha medo de se sujar, que nem no purgatorio nem no inferno redimirão os seus pecados.

A Republica a mais nobre aspiração que um povo pode ter, o facto mais sublime e a felicidade maior d'uma Nação — essa ideia cheia de encantos bellos que a nossa alma consolam e que o nosso coração satisfazem; essa crânça no florescimento da nossa querida Patria que criminosamente jazeu por muitos annos abandonada como se fosse terra damninha e ingrata, essa encarnação viva e indestructivel do Governo do Povo, incumbiu-se de acabar com este mau estado de coisas e ha de sahir-se feliz.

Haja vista o que tem feito em curto espaço de tempo debaixo do maior espirito democratico S. Ex.ª o Ministro da Guerra.

Toda a gente crê n'isso; nem mesmo deixará de ser assim.

A escolha de S. Ex.ª o Ministro da Guerra para tal fim não podia deixar de ser mais acertada.

Já houve occasião de apreciar o grande chefe militar que o exercito felizmente tem á sua frente, e, d'algumas palavras por S. Ex.ª proferidas, se soube que desaparecia a tal escravidão moderna e o bolór das coisas antigas no exercito.

Assim era de esperar.

A maneira lhana e affavel de S.

Ex.ª na sua rapida visita a Thomar, deixou vivamente impressa na corporação militar a mais bella e a mais grata das recordações.

Nunca na vida militar, pode-se afirmar bem alto! houve um chefe tão digno e tão respeitavel e que tanto, tanto nos prendesse á sua consideração e respeito.

Mas, tudo isto só se conseguiu implantando a Republica, bella, nobre, esplendida e luminosa, tal qual ella é, fazendo a egualdade precisa de todos os cidadãos perante a lei e acabando com as castas e camadas, livrando-nos de peias e de tropeços, para nos fazer cidadãos conscientes e convictos de que só a Patria merece as nossas dedicações e os nossos sacrificios, acabando de vez com preconceitos e velharias de que um regimen banido se valia e sustentava.

Republica! és o Ideal Bemdito!

NATAL.

Lisboa, 15 de Fevereiro de 1911.

...Sr. Director de *A Voz do Sargento*

Meu presado camarada

Por indicação, certamente, de algum amigo meu de Coimbra, chegaram-me ás mãos os primeiros numeros do seu jornal, que se propõe defender os interesses dos sargentos do exercito e da armada e dos seus aquiparados.

Se a sua confecção não é um primor que possa satisfazer os mais exigentes, *A Voz do Sargento* é, pelo menos, um trabalho honesto e bem intencionado, que envolve, ao mesmo tempo, uma ideia altruista. Honro-me com ella por pertencer á classe dos sargentos.

Por mais de uma vez se tem tentado no nosso meio, a criação de um jornal destinado á defeza da classe, mas foram sempre infelizes essas tentativas.

E', portanto, com desvanecimento que vejo esta obra d'agora bem orientada e patrioticamente secundada com a boa vontade e intelligencia d'alguns dos nossos camaradas como Larcher, Vieira, Cantista, Pires e Oliveira e outros, que, á excepção do primeiro, não tenho a honra de conhecer pessoalmente.

Um jornal é sempre um meio de educação, quando bem dirigido. *A Voz do Sargento* era agora necessaria mais do que nunca.

Diffundindo a ideia que a fez nascer, ella irá por essas provincias, por Lisboa e pelas colonias, e a todas as partes onde houver um sargento, estabelecer um laço de boa e leal camaradagem, que nem só se adquire no convívio pessoal.

E' pois necessario que todos contribuam com o seu contingente de trabalho ou com a sua quota trimestral, para que os fundadores de *A Voz do Sargento* vejam premiada de bom exito a sua sympathica iniciativa.

Aqui em Lisboa me tem os camaradas de Coimbra com o meu fraco prestimo á sua disposição, independentemente da minha collaboração, se fôr acceptavel, e da minha quota, quando cobrar.

Seria uma injustiça dizer que o sargento não tinha já á sua disposição as columnas de grande parte da imprensa periodica, para vir a publico apresentar as suas reclamações. Se nem sempre a sua defeza vinha a lume, não era tanto por menos consideração para com a classe como pelas leis de opressão em que todos viviam.

A classe dos sargentos foi, pode dizer-se com desassombro, a maior victima de perseguições e a que mais

trabalhou em prol da Republica. Seria fastidioso fazer aqui a historia do que foi esse trabalho. Todos o sabem.

Agora, porém, *A Voz do Sargento* é jornal nosso, da nossa casa, da nossa grande classe. Os seus directores lá declaram n'elle, que acceptarão com agradecimento, qualquer collaboração, reservando-se o direito de não publicarem a que fôr contraria aos principios do jornal.

Acho justissima esta clausula, o jornal será para cada um vir explicar as suas ideias, quando estas não vão de encontro ás instituições vigentes e sejam razoaveis. Não poderá servir para a discordia entre A e B, entre este e aquelle corpo, esta ou aquella arma.

Vem agora a proposito frizar, quanto seria honroso que terminasse de uma vez para sempre, com as rivalidades de armas. Todos somos soldados e, como taes, com os mesmos deveres para com a Patria e para com a Republica.

Que o nosso lemma seja sómente, servil-as com o brio e dignidade e com honra e patriotismo, caminhando sempre de mãos dadas no desempenho d'este alto dever.

Seria este o ideal supremo. Do impulso que se der á instrucção, colherá grandes beneficios o caminho por onde elle se ha de attingir.

Nem só a educação militar pode fazer uma obra de remodelação na classe dos sargentos. A instrucção, por assim dizer, civil, particular, propria do individuo, ou como lhe queiram chamar, não é menos indispensavel para o sargento se collocar ao nivel de uma accepção superior.

Esta educação, quando não vem dos bancos das escolas, tem o sargento de a adquirir por iniciativa e vontade propria depois que entra no quartel. O tempo é escasso nos primeiros mezes, mas depois lá veem algumas horas de ocio que, bem aproveitadas, servirão para augmentar os nossos conhecimentos com uns pequenos nadas, que valem muito quando o sargento está deslocado do convívio militar.

Sim, porque não basta fallar em acções militares e na vida do quartel, é necessario conhecer alguma coisa que não pertença ao seu mistér.

E' vulgar o sargento travar o conhecimento com individuos completamente alheios a assumptos militares.

Não pondo já o caso na conversação com uma senhora, com quem seria indelicado fallar-se de questões alheias ao seu conhecimento, com qualquer individuo não será menos inconveniente.

Depois na rua, no theatro, nos passeios, em toda a parte onde o sargento apparece, deve ter uma apresentação e uma conducta que o nobilita e o faça considerado de todos, mostrando saber mais alguma coisa do que a tactica militar e regulamentos. Um pouco de arte, litteratura, theatro, etc., será mais do que o preciso para alcançar o fim desejado.

Finalmente, o sargento tem direito a exigir a consideração que não é favor dar-lh'a, mas é necessario que, por todos os meios ao seu alcance, se torne merecedor d'essa consideração, impondo-se com a sua educação esmerada, com o seu porte cavalheiresco e com as suas qualidades de caracter.

O primeiro passo para merecer esta consideração, está dado. E' preciso que todos secundem os que ha a dar.

Acceptae um cordeal aperto de mão do vosso camarada

BENTO DA SILVA FERNANDES  
1.º sargento d'infantaria 2



SECÇÃO HISTORICA

O General Silveira

(CONCLUSÃO)

Foi então que para elle começou o período movimentado da sua vida, período glorioso que lhe viria a dar verdadeiro renome.

Era duma tenacidade incançavel e duma invejavel energia; e como encontrou um excellento auxiliar no valor do soldado portuguez sobre que tinha indiscutivelmente prestigio, Silveira conseguiu notaveis resultados.

Ligeiramente os expomos porque a sua acção na guerra peninsular não é para as proporções desta secção.

Assim, com a entrada de Sout, em 1809, pelo norte da sua provincia, reflectidamente se conservou na defensiva ao sul de Chaves, espionando os movimentos do invasor e deixando-o seguir na sua marcha sobre Braga. Depois de lhe ter encomendado a rectaguarda quando passava sobre Salamonde, cahiu sobre Chaves a 21 de março e com quatro dias de cerco conseguiu recuperá-la no dia 25, fazendo 1:400 prisioneiros, tomando peças d'artilharia e muitos cavallos — cortando assim a comunicação de Sout com Orense e com o corpo de exercito de Ney que tambem operava no norte.

Depois deste feito que lhe deu incontestavel superioridade moral, tentou surprender os invasores em Braga; e a seguir, em volta do Porto, executou operações de tal forma arriscadas que ficaram notorias, chegando a entrar em 13 d'abril em Penafiel, e ameaçando assim com as avançadas em Paredes, a cidade do Porto. (1)

Sout, então, teve de desviar os olhos para ali e reconhecendo o perigo concentrou cerca de 10:000 homens sobre Penafiel, sob o commando de Delaborde; e Silveira recuando, recolheu-se a Amarante, onde, devido a um ardil, teve o primeiro revez da sua vida.

Mas glorioso revez! Delaborde forçou a ponte de Amarante, é certo; mas quatorze dias levou a lucta que ainda hoje faz vibrar de comoção corações de patriotas ao

(1) Silveira então dispunha de cerca de 6:000 homens, milicias na maior parte.

ver o valor e a abnegação dos soldados daquelle tempo, filhos do povo como os d'hoje, mas promptos no sacrificio pela liberdade da sua patria! Foi necessario que um ardil resolvesse a pendencia — porque pareciam invenciveis aquelles defensores! (1)

O revez porem, deu-lhe maior estimulo; e eil-o que em breve, apoiado por movimentos do general Bacellar, recuperou Amarante e não largou os invasores quando estes retiraram sobre a Galiza — merecendo Silveira pelos feitos nesta campanha a promoção a marechal de campo.

Durante a 3.ª invasão, cahiu sobre Puebla de Sanabria em 4 d'agosto de 1810; bateu o general Gardane em Valverde a 14 de novembro e fez com que Claparède não atravessasse o Douro para o norte, em successivos recontros e manobras durante janeiro de 1811, dificultando assim a situação de Massena sobre as linhas de Torres.

Foi então promovido a tenente general; e seguindo o exercito aliado, commandou uma divisão sob as ordens de Wellington e como tal se houve brilhantemente na batalha de Victoria. (2)

Terminada a guerra, Silveira, que na guerra adquirira alguma coisa que lhe faltava e que os seus estudos lhe não ensinaram — isto é, a competencia raciocinada na arte, voltou para a sua provincia coberto de gloria e... de invejas.

No entanto, antes de morrer, a 29 de maio de 1821, esse homem que tanto se expuzera pela autonomia da sua patria, entrou numa tentativa de rebelião contra a gloriosa revolução Vinte que proclamára a sua ampla liberdade politica!

São coisas do mundo...

(1) A defeza foi de 18 de abril a 2 de maio e deixou a villa em ruinas, «ruínas que serão um padrão» diz Silveira no *Diario official das operações*. O sr. coronel Taveira diz: «foram bem merecidos todos os elogios feitos a Silveira». (Na *Campanha do marechal Sout*, 121). Foi por esta defeza que lhe conferiram o titulo de conde d'Amarante em 1811.

(2) Em 21 de junho de 1813.

PLACARD

A importancia da assignatura, pode ser enviada a esta redacção em sellos ou em vale do correio, afim de nos evitar a grande despeza proveniente da cobrança.

Aos srs. assignantes que mudem de residencia por qualquer motivo, pedimos para darem immediato conhecimento á redacção do nosso jornal, afim de não soffrerem demora na recepção.

Pedimos aos nossos colaboradores a fineza de não se melindrarem por não lhe ser dada immediata publicidade aos seus escriptos, porque attendendo ao pequeno espaço de que dispomos no nosso jornal, resolvemos publicá-los por ordem de chegada a esta redacção e urgencia do assumpto a tratar.

Pedimos aos nossos colaboradores que restrinjam, o mais que possam, os seus escriptos, pois que o pequeno espaço de que dispomos nos obriga

muitas vezes, a luctar com difficuldades, para dar publicidade a originaes muito extensos.

Recebemos e muito agradecemos a importancia das assignaturas do presente trimestre, dos srs. Ricardo Freire dos Reis, tenente d'infanteria 23; Manuel João Affonso, sargento ajudante d'infanteria 19; Joaquim Maria Ferreira, major d'infanteria 23; Serafim Pinheiro da Costa, 2.º sargento da guarda fiscal, Boa-Vista, Lisboa; Augusto Fernandes da Cruz, 2.º sargento da guarda republicana, Porto; Godofredo de Frias Barbosa e João Barreiros, 2.º sargentos do D. R. R. 14, Santa Comba-Dão; Adelino Odilio de Sousa, 2.º sargento da guarda fiscal, Freixo de Espada á Cinta; Alvaro Augusto Bento, 1.º sargento do Arsenal do Exercito; D. Virginia Julia de Castilho e Albuquerque, quinta da Machada, Coimbra; José Carlos de Castor, 2.º sargento da companhia de subsistencias, Chaves; e a importancia de um semestre do sr. Simão José Carneiro, 2.º sargento da guarda fiscal, Porto.

(Continua).

Bandeira e Patria

Almas que pranteaes as cores azul e branca Em que se amortalhou a velha monarchia: Respeito a vossa dôr, se ella é sentida e franca, Como a que faz brotar a morte inesperada D'um ente estremecido — a da mulher amada — Que a vida nos encheu de amor e de alegria.

Mas não voteis raucor ás novas cores d'agora, Que tremulam na terra e vão mares em fóra Annunciar ao mundo a redempção d'um povo; Dizer-lhe o nosso ardor, esse vigor sagrado De quem sonha juntar ás glorias do Passado, Soberbas, immortaes, as d'um Portugal novo.

Verde e vermelho agora a Patria symbolisam. São estas duas côres as que mais concretisam Da paixão que as gerou o sentimento ardente; Esp'rança num provir mais amplo, mais risonho; Sangue de quem luctou p'ra realizar um sonho, E que por elle morreu, talvez, obscuramente.

Não digaes que não tem historia esta bandeira, Porque não tremulou impavida altaneira Nas guerras de conquista, onde iam as d'outrora. Esta, num só momento, aureolou-se de gloria, Fez conquistas tambem, e a sua bella historia! Escreveu-a, grandiosa, em menos d'uma hora!

E p'ra ella ficar sagrada para nós, Como os velhos pendões dos inclitos avós, Um facto basta só, mas eloquente! Ella foi a mortalha heroica, ensanguentada, Que acompanhou do povo á ultima morada Os filhos, que hão morrido amando-a ternamente.

Amae-a vós tambem, almas que amaeis ainda As cores azul e branca, essa bandeira linda. Mas a quem proscreeu o Portugal moderno. Nos vossos corações, onde o amor não fenece, Daq-lhe o melhor logar, aquelle que bem merece, Pois ella diz — Amor — e o Amor é sempiterno.

A Patria é uma só, seja qual for a côr Que em si materialise esse sublime amor Que nos inunda a alma em ondas de altivez, Amae a Patria sempre, amae-a até morrer, Para que ella não possa, exausta, perecer, Enquanto sobre a terra houver um portuguez.

Loanda — Janeiro — 1911.

J. Monteiro.

Concessões

Não tendo sido decretado, ao contrario do que a imprensa diaria noticiou, que os sargentos e equiparados, com familia na sede do regimento, podessem ser tratados em suas casas quando doentes, e como esta medida constitue uma acertada e justa concessão, esperamos que a Ex.ª Commissão encarregada de melhorar as nossas condições, a não esqueça.

Offerecimento patriótico

O sr. major Joaquim Maria Ferreira offerece-se para ensinar a ler, gratuitamente, pelo methodo João de Deus, os filhos dos sargentos e equiparados que queiram comparecer todos os dias ao meio dia, na Escola regimental d'infanteria 23.

E' digno de registo o offerecimento do sr. major Ferreira, que constitue um acto de patriotismo bem digno de ser imitado.

Acto de justiça

Ficou sem effeito a exoneração dada ao pae do nosso editor, de escrivão do Juizo de Paz da freguezia de Santa Cruz, d'esta cidade, no qual é encartado ha 17 annos. Folgamos immenso que assim succedesse, pois o contrario seria uma violencia accintosa, para o que não havia justificação possivel.

Consortio

Realisou-se no dia 25 do corrente, o enlace matrimonial do sr. dr. Jorge Ayres de Campos com a sr.ª D. Luiza de Sousa Refoios, seguindo em seguida em automovel para o Bussaco, onde foram passar a lua de mel.

Innumeras felicidades é o que desejamos aos illustres noivos.

NOTICIAS MILITARES

Foi collocado no Quartel General da 3.ª Divisão Militar, o nosso presado amigo José d'Oliveira Miranda, muito digno offeiro do secretariado militar, pelo que o felicitamos com um abraço.

Já está entre nós, como sargento ajudante em infantaria 23, com o que muito folgamos, o nosso amigo José Augusto de Figueiredo Themido.

Uso de traje civil

Consta que vae ser auctorizado o uso de traje civil, cuja auctorização é dada pelos commandantes de companhia aos 1.º sargentos e pelos commandantes de regimento aos 2.º sargentos.

Augmento de vencimento

Os sargentos ajudantes vão ter o augmento de 30 réis no seu vencimento, os 1.º sargentos 60 réis e os 2.º sargentos, 120 réis.

Anniversario jornalístico

Entrou no 2.º anno da sua publicação, o nosso collega e bem redigido semanario *Noticias de Cantanhede*, pelo que o felicitamos.

Carnaval

No Club Recreativo Conimbricense e Coimbra-Centro, teem decorrido com bastante animação os bailes organizados por estas sociedades, pelo que as felicitamos agradecendo os convites que nos foram feitos.

O carnaval nas ruas tem estado bastante semsaborão.

Aos nossos assignantes

A grande abundancia de original obrigou-nos a não dar hoje publicidade as secções «Organização militar da Confederação Suissa de 12 d'abril de 1907» e «Guia Medico para o Colono de Angola». D'esta falta pedimos desculpa aos nossos presados assignantes.

Falleceu ante-hontem o sr. Antonio José Ribeiro, tio do nosso amigo Julio Ribeiro, 2.º sargento no Ultramar. Os nossos pesames.

**O FRANCEZ**  
Inglez, allemão e italiano, sem mestre. Descoberto inapreciavel para o estudo das linguas. Novas edições melhoradas. Cada lingua, 2,500 réis; cada fasc. (em Lisboa) 100 réis. O MESTRE POPULAR de Gonçalves Pereira (pae), rua de S. Paulo 12, 4.º e Ferragial do Baixo, 31, 2.º — Lisboa. Cuidado com as falsificações.



## IMPRESA ACADEMICA

153—Rua da Sophia—165

COIMBRA

Grande deposito de todos os modelos, nitidamente impressos, para o serviço dos Corpos do Exército, Districtos R. e Reserva, Hospitais Militares, etc.

Execução rapida.

Mario Paes & Com.<sup>ta</sup>

ARMAZENS DE

Mercearias, Farinhas, Semeas e Tregaria

SEDE—Rua Adelino Veiga—COIMBRA

Telegr. FARINHAS—Teleph. n.º 124 e 44

Vendas só por grosso

Preços em competencia com as melhores casas no nosso genero.

## Mata-sezões

OU MALEITAS

Estas pilulas podem tomar-se sem receio. ABREM O APETITE á comida e NÃO EXIGEM DIETA, podendo o doente comer de tudo. Preço da caixa 400 réis—meia caixa 240 réis (pelo correio mais 10 réis)

## Arranca-callos

## Unguento de Villar

Esta afamada pomada extrae os callos pela raiz, em 5 dias—Preço da caixa 150 réis (porte gratis). Este milagroso unguento, EXPERIMENTADO HA MAIS DE 60 ANOS, cura as feridas e chagas, por mais antigas que sejam, varizes e frieiras ulceradas, ulcera cancerosa e syphilitica, herpes, impigens, tinea, sardas, nodos de melancolia e outras molestias de pelle. Milhares de curas e muitas cartas de agradecimento comprovam os seus magnificos resultados. Preço da caixa 150 réis (porte gratis). Remette-se pelo correio a quem mandar a importancia em estampilhas ou vale

Pharmacia e drogaria FIGUEIREDO

RUA DA SOPHIA, 30 COIMBRA

## Pastelaria e Confeitaria

## TELLES

450—Rua Ferreira Borges—452

COIMBRA

Nesta casa, regularmente montada no genero das de Lisboa e Porto, encontra-se á venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos desta natureza:

Doces de ovos com os mais finos recheios.

Doces de fructa de diversas qualidades, seccos e crystalisados.

Fabricam-se grandes peças de fantasia, proprias para brindes.

Variada pastelaria em todos os generos, especializando os de folhado.

Galantinas diversas. Tête d'Achar. Paté de Liever e Foie.

Sauccisses. Pudings de diversas qualidades, vistosamente enfeitados. Pão de ló, pelo systema de Margaride.

Especialidade em vinhos generosos e licores finos das principaes marcas. Amendoas, bon-bons, chocolates, queijos, chás, etc.

## CAFÉ, BEBIDAS E CERVEJAS

Deposito dos magnificos vinhos da Empreza Vinicola de Salvaterra de Magos, da finissima manteiga da Quinta de Fontello e dos productos da Fabrica de Bolachas e Biscoitos da Couraça de Lisboa, 32.

Dão-se senhas da Bonus Conimbriense.

Queijo fino da serra na

Mercearia Lusitana

## ALFAIATE

Antonio Ribeiro das Neves Machado

Fornecedor da Companhia dos Caminhos de Ferro

58—RUA DA SOPHIA—61

COIMBRA

Grande sortido de fazendas nacionaes estrangeiras. Colletes de phantasia, o que ha de maior novidade. Gravatas, suspensorios, collarinhos e muitos outros artigos. Especialidade em varinos de Aveiro.

Uniformes para militares.

Presunto de Melgaço (qualidade garantida), chegou a primeira remessa á

## MERCEARIA LUSITANA

DROGARIA VILLAÇA

COIMBRA

Completo sortido de productos chimicos, especialidades pharmaceuticas e artigos de borracha.

Tintas, oleo de linhaça, vernizes, brochas e todos os artigos concernentes á pintura.

Deposito de aguas medicinaes.

O melhor enchido de Portalegre

Na casa Gaitto &amp; Cannas

## Methodo João de Deus

Ensina-se a ler e escrever pelo referido methodo.

Lições nos domicilios dos interessados.

Trata-se na rua Joaquim Antonio de Aguiar, n.º 76.

OFFICIAL DO EXERCITO

## DIHETOL

(Base de Cinnamato de Sodio)

Empolas e frascos de solução purissima e aseptica

Formula do Dr. Marques dos Santos para o tratamento especifico da

## TUBERCULOSE PULMONAR

Injecções hypodermicas e via buccal. Attestados medicos. Indicam-se doentes curados. Modificação ao methodo de Landerar, de Stuttgart.

Baptista d'Abreu, preparador em Calvario (BEIRA ALTA)

Depositarios: Drogaria Villaça, Coimbra; Pharmacia Barral, Lisboa  
Pharmacia Magalhães, Porto

VEROL & C.<sup>a</sup>

CASA DO MILITAR Á PORTA

Fundada em 1836

Premiado nas exposições a que tem concorrido, obtendo na Exposição Nacional do Rio de Janeiro de 1908 Grand Prix e Medallia de Ouro.

LIVRARIA E PAPELARIA

COM OFFICINA DE

Typographia, Encadernação, Litographia, Pautação, Riscados e Dourador

Telephone n.º 1:321

154—Rua Augusta—156

Lisboa—Portugal

## Catalogo de livros militares

|  |        |   |       |
|--|--------|---|-------|
| Regulamento dos corpos do exercito   | 500    | campanha, por A. D. Branquinho, 1 vol. broc.  | 600   |
| Idem, continencias e honras militares  | 120    | Heroe de Chaimite, por E. de Noronha, 1 vol. broc.  | 15000 |
| Regulamento de campanha, 1.ª parte   | 600    | Regulamento de tiro, traducção do allemão, por J. Prata Dias, 1 vol. broc.  | 500   |
| Idem, 2.ª parte, infantaria  | 400    | Programma para 2.º sargento de infantaria, por Eduardo Ferreira Vianna  | 15000 |
| Idem, 2.ª parte, engenharia  | 500    | Dito, Varão e Coelho  | 15200 |
| Idem, 2.ª parte, cavallaria  | 500    | Programma para 1.º sargento de cavallaria, Mascarenhas  | 400   |
| Idem, 2.ª parte, artilheria  | 500    | Dito 1.º sargento Varão e Coelho  | 15600 |
| Instrucções para uso da carabina, 1.ª, 2.ª e 3.ª parte   | 400    | Idem, para 1.º sargento de cavallaria e infantaria, Rodrigues   | 500   |
| Jogo de espada   | 300    | Pró Patria, por Homem Christo, 1 vol.   | 900   |
| Idem, de lança   | 300    | Album militar (commendas e uniformes)   | 500   |
| Equitação, 1.ª parte   | 300    | Exame para cabos  | 60    |
| Idem, 2.ª parte  | 300    | Instrucções para cabos e soldados   | 400   |
| Manejo da espingarda, 6.ª, 5.ª   | 200    | Apontamentos sobre tactica e estrategia, por José Cardoso, 1 vol.   | 600   |
| Escola do soldado  | 300    | Manual do Colono, por Alfredo Leão Pimentel, 1.º vol.   | 700   |
| Mobilisação do exercito  | 15000  | Idem, 2.º vol.  | 800   |
| Manual de gymnastica   | 500    | Idem, 3.º vol.  | 15000 |
| Regulamento de etapas  | 200    | Idem, 4.º vol.  | 15500 |
| Exercicios de quadros  | 300    | Idem, para instrucção de cabos e soldados, por Manuel Alexandre Montez, 1 vol.  | 150   |
| Theoria nas casernas, broc.  | 500    | A funcção do exercito, por R. A. Esteves, 1 vol.  | 500   |
| Idem, cart.  | 600    | Hygiene, por Arthur de Miranda Lemos, 1 vol.  | 300   |
| Regulamento de reservas  | 200    | Manual de gymnastica, por D. Miguel Henrique de Alarcão, 1 vol. broc.   | 800   |
| Cartilha militar   | 40     | Idem, cart.   | 15000 |
| Curso de habilitação para 1.º cabos, broc.   | 300    | Raças cavallares da Peninsula, por D. A. A. da C. Oliveira, 1 vol.  | 15800 |
| Idem, cart.  | 400    | Appendice ao livro «Raças Cavallares», pelo mesmo auctor, 1 vol.  | 600   |
| Idem, para 2.º sargentos, broc.  | 300    | Manual de instrucção para as praças de infantaria da Guarda Fiscal, por Antonio da Graça Ferreira.  | 900   |
| Idem, cart.  | 400    | Elucidario de serviços fiscaes aduaneiros, pelo mesmo auctor  | 750   |
| A Bandeira, poesia dirigida aos soldados portuguezes   | 100    | Manual de fortification, por H. Plessix et E. Legrand   | 15000 |
| Notas sobre a cavallaria na actualidade, 1 vol. broc.  | 500    | Programma da parte especial do curso para 1.º cabos de infantaria, por José Maria «Guitton»   | 400   |
| Guia pratico dos commandantes de destacamentos, por Eduardo F. Vianna, 1 vol. broc. (2.ª ed. augmentada) | 800    | Programma da legislação, administração e escripturação militar, para o curso de habilitação de 2.º sargentos de infantaria, pelo mesmo auctor | 300   |
| Idem, cart.  | 15100  | Manual para os cursos de habilitação de 2.º sargentos e 1.º cabos, por Adrião Lucas   | 200   |
| Problemas de tactica applicada nas cartas topographicas, por F. R. da Silva, 3 vol. broc.                | 55500  | Topographia   | 50    |
| Legislação militar, por Franco, 7 vol. broc.   | 125500 | Idem, Mendes d'Almeida, 2 vol. broc.  | 55000 |
| Guia auxiliar do official para escripturação dos conselhos administrativos, 2 vol. broc.                 | 15400  | Metralhadoras, pelo capitão V. Bugalho  | 800   |
| Idem, 1 vol. cart.   | 15700  | Hygiene nas marchas de infant.ª por Joaquim Vieira  | 300   |
| A cavallaria no campo da batalha, por F. Sá Chaves, 1 vol. broc.   | 300    | Equitação e Hypologia, por conde Fornos d'Algodres  | 15200 |
| Telegraphia optica, seu papel tactico e estrategico, 1 vol. broc.  | 200    |   |       |
| Codigo de Justica Militar, 1 vol. broc.  | 600    |   |       |
| Idem, cart.  | 900    |   |       |
| Campanha do Bailundo em 1902, por F. C. Moncada, 1 vol. broc.  | 15000  |   |       |
| Serviço de cavallaria em campanha, por F. Tamagnini, 1 vol. broc.  | 800    |   |       |
| Administração militar em   |        |   |       |



# A VOZ DO SARGENTO

DEFENSOR DOS INTERESSES DOS SARGENTOS E EQUIPARADOS DO EXERCITO E DA ARMADA

Pela PATRIA e pela REPUBLICA

DIRECTOR E PROPRIETARIO — Antonio Rodrigues

EDITOR — José Augusto Gomes

ADMINISTRADOR — José da Silva e Sousa

SECRETARIO — Mario da Costa Vasconcellos

PUBLICAÇÃO SEMANAL

Redacção e administração: RUA DA SOPHIA, 166

Composto e impresso na  
Typographia do *Noticias de Coimbra*

ASSIGNATURAS

Continente, trimestre - 300 réis

Ultramar, semestre - 600

Numero avulso, 30 réis

ANNUNCIOS — Preços convencionaes

Annunciam-se todas as obras offerecidas á redacção

## Pela Republica

Não deve ser estranho para ninguém que os sargentos pugnem pelos seus interesses, visto que n'esse sentido estão empenhadas todas as classes e ainda porque sendo a nossa, não só a mais desprotegida mas até perseguida pelo antigo regimen, estão na logica do momento todas as nossas pretensões; porém não nos sendo licito duvidar das boas intenções do governo provisório que com a mais nobre isenção e boa vontade vem cuidando dos oprimidos e, tendo ainda a velar por nós o esclarecido criterio de S. Ex.<sup>a</sup> o Ministro da Guerra, devemos sociegadamente esperar que a Republica nos fará inteira justiça logo que a sua estabilidade e desafogada situação lh'o permittam.

Acceite este principio, é dever de todos nós trabalhar sem descanso pelo resurgimento da nacionalidade portugueza, que é o mesmo que dizer — pela consolidação da Republica. Não pode nem deve ser outro o papel do sargento, e o momento é ainda da maior oportunidade.

Agora que tanto se falla entre nós em regalias, é bom não esquecer que a primeira e mais importante, por isso que d'ella derivam todas as outras, é não pôr entraves ao andamento da Republica. Ella segue regularmente o seu natural caminho, mas como ainda ha muitos antipatriotas assalariados pela canalha jesuitica, que se empenham em caluniar a Republica e os seus homens mais illustres, tendo por divisa espalhar a desconfiança entre os ingenuos e incautos, oppoñhamos-lhe nós o mais formal desmentido, bradando de fôrma a que o nosso echo se faça ouvir em toda a parte — Queremos a Republica como a unica forma de governo capaz de salvar a nossa querida patria e digamos ainda a esses tansos: Enquanto houver sargentos em Portugal, ha de forçosamente haver Republica, porque em cada um de nós pulsa um coração de patriota e hoje os cultos de Patria e Republica estão tão intimamente ligados que não ha forma de distingui-los.

Em favor da Republica e por

tanto dos nossos interesses, devemos fazer guerra, mas guerra sem treguas ao passado, contribuindo assim d'uma maneira eficaz para a regeneração nacional, do que com certeza nos advirão as mais lisongeiras compensações. Porque, não haja duvidas: Só nos emanciparemos quando esmagarmos certos preconceitos que já não teem justificação possível e que ainda muito nos opprimem.

A' sombra do antigo regimen, crearam-se privilegios e até castas ou classes privilegiadas de que nós sargentos tanto nos resentimos. Pois cá no burgo, ou por falsa noção do que deve ser o novo regimen ou por muito lhe custar o desapego a taes privilegios, ainda germinam certos habitos que muito contrariam, não só a liberdade e iniciativa com que nos bafejou a implantação da Republica, mas até o mais elementar bom senso. Creio ainda que em mais partes succederá o mesmo.

E' pois fazendo guerra ao passado que firmaremos a nossa situação no futuro.

O sargento, como regra geral, foi sempre um humilde e dedicado servidor da patria e, como felizmente tem a noção do dever, continua-lo-ha sendo em todas as conjuncturas.

Devido, umas vezes ao servilismo a que o antigo regimen e certas classes o votaram, outras vezes simplesmente para serem uteis e agradáveis, faziam o que lhes pertencia e o que lhes não pertencia, nunca se poupando a trabalhos nem sacrificios.

Além d'isso o sargento é o mais valioso coadjutor de quem exerce commando. E' por assim dizer o traço de união entre o soldado e o commando, tanto na espinhosa vida do quartel como nos lances perigosos d'uma campanha.

Ora sendo, isto uma verdade de todos conhecida, como se explica o desprezo e systematica má vontade com que somos tratados e por vezes até perseguidos, por aquelles que teem o dever moral de nos levantar em vez de nos deprimir?

Francamente, não percebo. Será immolação por o novo regimen estar disposto a considerar-nos como homens?

Ou será ainda por o mesmo nos ter concedido alguma cousa a que tinhamos jus?

Chaves, 21 de fevereiro, de 1911.

MANUEL JOÃO AFFONSO

Sargento ajudante d'infantaria n.º 19

## DESPEITOS

Ha quatro mezes que em Portugal está implantada a Republica.

Ha quatro mezes que as palavras Igualdade e Fraternidade resoam aos nossos ouvidos como canção eolica vinda das infinitas regiões siderias, adormecendo em bucolicos remansos de paz este grandioso Povo, este velho guerrilheiro da morte que cansado de tantas pejejas quer recostar-se emfim nos coxins voluptuosos do Progresso e correr e voar para a imensidade azul onde rutila o sol coruscante da sciencia!

Ha quatro mezes que se vive n'esta doce illusão que faz vibrar de alegria todos os peitos, que faz pulsar todos os corações em que não entra o sangue venoso da reacção, e comtudo...

E comtudo não passa ainda de uma illusão!

E' que essa bemdita semente não floresce com a mesma facilidade com que florescem as accacias ao sol vivificante da Primavera.

Nem o sol que a bafeja tem ainda a força calorifica necessaria para enviar até ella, em estonteantes vibrações de luz, os preciosos átomos d'esse Ideal, que só os poetas podem conceber!

Está ainda sob a forma de nublosa mal condensada.

E d'aquí até que se condense, muitas luctas hão de travar-se para se reagir contra o frio ainda bastante sensível dos despeitos e dos rancôres!

E' a lucta do servo contra o senhor, do humilde contra o poderoso.

São os ultimos arrancos d'um regimen fallido que não quer libertar os seus vassallos da grilheta humilhante, sem que a força poderosa da Razão lhe tire das mãos as chaves desmoralisadoras; sem que a alavanca rigida do Direito lhe quebre para sempre as cavilhas ferrugentas!

São as hossanas dos oprimidos contra as imprecações colericas dos oppressores!

E' finalmente a lucta titanica d'uma alluviação de pygmeus contra gananciosos e avaros gigantes que não podem ver que subam até si os parias e os desherdados!

Ah! Mas a funda fatal irá dirigindo os seus certos projectis até tombar por terra o ultimo caudilho de tão nefanda raça!

E se á violencia do braço ha a jun-

tar a ignorancia do cerebro, é ainda a culpa dos oppressores que, com Deus no Paraizo, obstavam a que se comesse do fructo da sciencia para não sermos eguaes a elles.

Quando, pois, o mal vem de Deus que admira que chegasse aos homens?

De todo esse cahos de orgulhos e de de ambições mal suffocadas nasceram as grèves que nos ultimos tempos sacudiram a nascente Republica; surgiram os conflitos que tão maldosamente tem sido propalados na imprensa estrangeira.

E' que em todas as classes tem havido e continuará a haver enquanto o arado do Progresso não revolver por completo a terra ainda arida da nossa civilização, preponderante mais ou menos invejosos que, como vulgarmente se diz, não podem ver uma camisa lavada no corpo d'outrem.

E, seguindo a regra, a classe dos sargentos não forma excepção.

Tem tambem os seus perseguidores, os seus detractores, os seus amesquinhadores.

O orgulho, o despeito e o rancor encontram, quasi na generalidade, o seu melhor meio de desenvolvimento no official subalterno.

Analysemos os factos e vejamos a razão do que deixo dicto.

O official subalterno (com bastantes excepções felizmente) assentando praça aos 16 annos e classificado estudante, principia, devido ao orgulho nascido da sua pouca idade, a não olhar já senão d'alto todos aquelles que considera inferiores a si na illustração, embora o não sejam na gradação ou nas acções.

E, como consequencia d'esse vicio que lhe empobrece o espirito, ei-lo a querer distinguir-se d'elles por todos os meios possíveis.

Ou alterando o plano d'uniformes, ou mostrando-se menos correcto nas attensões devidas áquelles que julga seus inferiores, ou usando para com elles d'uma altivez relativamente provocante, o ponto é que se evidenciem clara e indiscutivelmente «estudantes», «entes superiores».

Ora se a maior parte dos seus superiores hierarchicos não ligam importancia a essas demonstrações puramente vaidosas e quasi inoffensivas, outros ha mais ciosos da obstinação dos seus deveres e fazem-lhe sentir a incorrectão do seu proceder.

Prompto! E' o bastante! O seu amor proprio altamente melindrado principia a destillar uma tal dose de rancor, que concentrando-se no seu espirito juvenil, nem espera muitas vezes a sahida da Escola do Exercito para explodir.

E lá vae depois continuar no regimento a obra de vingança que jurou n'um momento de tetrica allucinação.

Felizmente com o galão de capitão



veem os cabellos brancos e com estes um mais lucido pensar.

Só então se compenetraram do erro em que elaboraram.

Quanto pode a vaidade humana!

Agora então que a classe dos sargentos tem em expectativa uma tal ou qual melhoria de situação, junta-se a esse rancor descabido o despeito que a mesma lhe inspira, e razão ha para julgarmos que é devido à influencia malefica d'esse despeito que tanto se accentua a dificuldade na concessão de pequenas regalias que mesmo simples circulares poderiam auctorisar.

Mesmo que fosse necessario utilizar-se a acção da dictadura, é bem verdade que a ella se tem recorrido para a sancção de leis de tão mais elevada importancia, que a ellas se deve a transformação radical que se vae operando nas nossas condições sociaes.

Mas a nublosa ha de condensar-se. O formoso astrô em formação ir-se-ha aproximando de nós em magnificos reverberos de luz e as castas oppressoras, de face congestionada, tombarão para sempre no tremedal a que os levaram as suas indomaveis paixões!

Só então as palavras Igualdade e Fraternidade deixarão de ser um mytho.

Até lá, luctaremos quanto nos for possível para reagir contra o frio ainda sensível dos despeitos e dos rancores que nos quer entorpecer os membros.

ESTEVÃO RODRIGUES

## A educação

Ultimamente no jornal a *Mocidade*, tratei deste complexo assumpto da educação, e novamente volto a importuna-los com a continuação dos meus modestos escriptos.

Sem duvida a minha falta de recursos intellectuaes e a pobreza da minha bagagem litteraria, não me auxiliam e portanto não me permitem que eu desenvolva este assumpto de tão grande importancia como seria meu desejo.

Dentro do acanhado meio em que vivo, estarei sempre ao lado dos que trabalham pelo desenvolvimento da educação, pois só ella poderá fazer prosperar a nossa querida patria e elevar a cultura intellectual do nosso povo.

É preciso que todos comprehendamos a sympathica missão que temos a desempenhar, na qual a mulher tem o mais importante papel reservado como mãe educadora.

A historia do nosso paiz apresenta-nos a mulher em todas as epochas da nossa nacionalidade, cultivando os variados ramos do saber humano, e regista em letras d'ouro os nomes dessas mulheres que embellezam uma pagina da nossa historia; é, portanto preciso que as novas gerações saibam conservar as tradições honrosas das suas antepassadas, trabalhando tambem por engrandecer a patria e por produzir alguma coisa de util à sociedade.

Olvidemos a mulher da actualidade, esse ente emirante que de

noite se esfalta nas reuniões dos titulares, e que de dia se embebe na leitura de Rocambole, e, voltemos os nossos olhos para a mulher futura, para esse valioso elemento, que previamente preparado, muito e muito pode produzir.

Não desprezemos a educação de quem tantos serviços temos a esperar, e em breve teremos um ideal realisado.

Leiria, 28 de Fevereiro de 1911.

JORGE DAS NEVES LARCHER  
2º sargento d'infantaria 16.

## À liberdade

Tu, Liberdade, és o ar vivificante  
Que a plenos haustos nossa alma aspira;  
E és ainda nella a luz d'eterea pira  
Que a aquece e banha de fulgor constante!

E do Poeta que com amor te cante,  
E's o som sem igual na sua lyra;  
E és do captivo que por ti suspira,  
A propria Alma da prisão errante!

Mas mais do que ar e luz, e dom e aneio,  
E quanto bem de ti a Vida veio,  
Tu és, ó Liberdade, a propria Vida,

Pois sendo ella um continuo movimento,  
Só em ti pôde ter seu nascimento,  
E só em ti não ser interrompida!

JOAQUIM GOMES

## O novo regulamento disciplinar do exercito

### I

Meu caro redactor, como acima de tudo, prezamos sempre a justiça e a coherencia, francamente: doe-nos ver a **má fé** com que se tem analysado um documento, rasmamente liberal e proprio d'uma republica verdadeiramente democratica.

O novo regulamento disciplinar, faz honra á commissão que o elaborou, ao governo que o discutiu e approvou, e muito especialmente ao velho e sincero republicano que neste momento, tão difficil, está á frente dos negocios da guerra.

O ideal seria, não ser necessario nenhum diploma coercivo.

Mas estará a nossa sociedade em condições de o poder dispensar? E se elle tem ainda d'existir, como existe em toda a parte onde ha forças organisadas, onde, em que paiz, monarchico, ou republicano, se encontra melhor ou sequer igual?

De resto, parece-nos que o melhor que ha a fazer é comparar os pedidos que a nossa classe formulou, com o regulamento, para vermos se alguma razão de queixa nos assiste, porque, á parte pouquissimas coisas, affigura-se-nos que a commissão, o governo e o ministro, ainda foram mais além dos nossos pedidos e se assim for, carece-nos, sem duvida, auctoriidade moral para combater tal diploma.

Alvitre apresentado pela commissão de sargentos sobre o regulamento disciplinar:

1.º — Que nenhum sargento seja punido sem que seja ouvido sobre a presumida falta, e, quando se não conforme com a arguição, seja no-

meado um official para syndicar, que tenha patente superior á do arguente.

A isto responde o **artigo 61.º** dizendo: Sempre que seja possível, o superior deve ouvir o inferior antes de lhe applicar qualquer punição.

O **artigo 94.º**, permitindo fazer reclamações da maneira mais lata, o **artigo 95.º**, regulando a forma de as fazer, o **artigo 96.º** permitindo recurso amplo sobre reclamações, os **artigos 97.º a 101.º** estabelecendo doutrina clara e concludente sobre o assumpto e o **102.º** permitindo queixas.

Mais: o § 1.º do **artigo 95.º**, manda proceder a averiguações, o **artigo 98.º** e § unico, igualmente manda proceder a novas averiguações, e sempre por officiaes de patente superior á do que impoz a pena no primeiro caso, e á do recorrido no segundo.

O **capitulo VIII**, que é o que contém as disposições supra-citadas, é d'uma amplitude sem eguel.

Sem duvida alguma fica largamente satisfeito o primeiro alvitre.

Chamamos a especial attenção dos nossos camaradas para a analyse fria, serena e desapaixionada que nos propomos fazer do novo diploma, pois, que com isso, supomos que mais um pequeno serviço prestamos ás novas instituições que cada vez mais adoramos, porque bem novos começamos a soffrer os horrores da nefasta monarchia.

M.

## PLACARD

Pedimos aos nossos assignantes a fineza de nos enviarem a importancia de suas assignaturas, em sellos ou em vale do correio, afim de nos evitar a grande despeza proveniente da cobrança.

Aos srs. assignantes que mudem de residencia por qualquer motivo, pedimos para darem immediato conhecimento á redacção do nosso jornal, afim de não soffrerem demora na recepção.

Pedimos aos nossos colaboradores a fineza de não se melindrarem por não lhe ser dada immediata publicidade aos seus escriptos, porque attendendo ao pequeno espaço de que dispomos no nosso jornal, resolvemos publicá-los por ordem de chegada a esta redacção e urgencia do assumpto a tratar.

Pedimos aos nossos colaboradores que restrinjam, o mais que possam, os seus escriptos, pois que o pequeno espaço de que dispomos nos obriga muitas vezes, a luctar com difficuldades, para dar publicidade a originaes muito extensos.

Recebemos e muito agradecemos a importancia das assignaturas d'um semestre dos srs. Humberto Maria Fernandes, 2.º sargento d'infantaria 23; Annibal de Lemos Guardado, solicitador em Pombal; João Roseiro Boa-Vida, 1.º sargento da guarda-fiscal, Guarda; José Tavares Ribeiro, 1.º sargento reformado, Porto; Bento da Silva Fernandes, 1.º sargento d'infantaria 2 e Francisco Ismael, 2.º sargento do D. R. R. n.º 2, Lisboa; Felix Carneiro da Silva, 2.º sargento da companhia de subsistencias, Coimbra; Roberto de Figueiredo, 1.º sargento, José Antonio Vieira d'Azevedo, José Antonio Candido d'Oliveira, 2.º sargentos, todos do D. R. R. n.º 8, Braga; José do Rosario Ferreira, 1.º sargento de caçadores 2; Augusto dos Santos da Conceição, 1.º sargento de

infantaria 23; David d'Oliveira, alferes de reserva, Foz do Douro; e a importancia de um trimestre dos srs. Gaspar Augusto Porphyrio de Carvalho, 2.º sargento reformado, Villa do Conde; José Carlos de Castor, 2.º sargento da companhia de subsistencias, Chaves; Joaquim José Marques, sargento ajudante na Escola Pratica d'Infantaria; José Monteiro de Castro, 2.º sargento d'infantaria n.º 16, Mafra; Arthur da Silva e Costa, 1.º sargento da guarda fiscal, Salvaterra do Extremo; Manoel Marques, sargento ajudante d'artilheria, Forte da Ameixoeira, Lisboa; Manoel Martins Candido, contra-mestre de musica, Jayme Duarte da Fonseca Fabião, alferes, Julio Cezar Quaresma, musico de 3.ª classe, Arthur Martins Dionysio, alferes, Agostinho Pereira, tenente, Fernando Ribeiro dos Reis, musico de 2.ª classe, Luiz de Castro e Almeida, tenente, Joaquim José Magro, 1.º sargento e Lourenço d'Almeida, espingardeiro, todos d'infantaria 23; Manoel Rodrigues Simões, rua das Cosinhas, Coimbra; João de Brito Pimenta d'Almeida, chefe da succursal da Manutenção Militar de Coimbra; Joaquim da Silva Delgado, sargento ajudante, Eugenio da Silva Carrajola, 1.º sargento, Hermenegildo André, Alfredo da Fonseca Campello e Manoel da Silva Rebello, 2.º sargentos, todos do grupo d'artilheria de guarnição n.º 6, Porto; Prim Antonio de Figueiredo, rua da Sophia, Coimbra; José Luiz de Carvalho e Abel Correia d'Almeida, 2.º sargentos d'infantaria 19, Chaves; Victorino de Souza, 2.º sargento reformado, Porto; Joaquim dos Reis Monteiro, 2.º sargento da guarda republicana, Estrella, Lisboa; Ignacio Fernandes, 2.º sargento da guarda fiscal, Porto; Alexandre Magno Dias dos Reis, 2.º sargento de caçadores 4, Elvas e Francisco Pereira, 2.º sargento do D. R. R. n.º 7, Leiria.

## Balancete de 31 de janeiro a 6 do corrente

### Receita

|  |        |
|--|--------|
| Recebido, accusado no n.º 3                | 63300  |
| Idem, no n.º 4                             | 63600  |
| Idem, no n.º 5                             | 35900  |
| Idem, no n.º 6                             | 173100 |
| Recebido por conta do annuncio Verol & C.ª | 35590  |
| Da Tabacaria Monaco                        | 60     |
| Saldo negativo                             | 195805 |
| Somma                                      | 573355 |

### Despeza

|   |        |
|---|--------|
| Dispendido com a impressão, até ao presente numero                            | 365510 |
| Idem com circulares, estampilhas, postaes e envelopes (serviço de propaganda) | 75050  |
| Expediente do n.º 1   | 25440  |
| Idem, do n.º 2  | 15940  |
| Idem, do n.º 3  | 25175  |
| Idem, do n.º 4  | 25300  |
| Idem, do n.º 5  | 25280  |
| Idem, do n.º 6  | 25130  |
| Pago á repartição de fazenda (sellos)   | 530    |
| Somma   | 573355 |

### Louvor

Pelo sr. coronel Antonio Fernando do Rego Chagas, commandante do regimento d'infantaria n.º 23, foi louvado em ordem regimental, o sr. alferes José d'Albuquerque, pela intelligencia, zelo e dedicacão com que desempenhou o cargo de secretario do conselho administrativo, no periodo decorrido de 10 de outubro de 1910, até 4 do corrente.



SECÇÃO HISTÓRICA

Os portugueses em Wagram

Na véspera da batalha de Wagram, (1) a 5 de Julho de 1809, Napoleão, para quem o dia seguinte iria ter uma excepcional importância — quer sofresse um revez, quer contasse mais uma das suas estrondosas victorias — não estava satisfeito com a posse da colina de Baumersdorf, pelo seu adversario, o archi-duque Carlos d'Austria.

O seu olhar vivo, afeito a resoluções rápidas nos campos de batalha, viu bem que aquella colina lhe seria necessaria para o dia seguinte; e com o cair do dia, naquelle jogo complicado que precede as grandes acções militares, Napoleão «malicioso e titanico» segundo a phrase de Zolá, (2) resolveu ordenar que se tomasse a colina.

E com o escurecer, no marche-marche das divisões do corpo d'exercito de Oudinot, avançando em massa sobre a margem do Russbach, quem quer que attentamente olhasse, veria anónimamente encorporada a valerosa 13.<sup>a</sup> meia brigada portugueza!

Lá ia, com o coronel Pego á frente, numa decisão intrepida; á margem do rio, uma companhia de granadeiros lançou-se á bayoneta sobre a ponte; os austriacos recuaram e numa povoação fronteira defenderam-se com esforço; mas toda ella, toda essa valente meia-brigada transpoz a ponte e decididamente resolveu continuar na marcha que enceton.

Nem tudo porém corre á medida dos nossos desejos; e enquanto o resto das tropas francezas, mandadas ao assalto, contornando a aldeia tão bem defendida, procurava atacar a colina desejada, os portuguezes tiveram de sustar á investida e abrigar-se. E que a fusilaria era tremenda; e para a reatguarda, mais de cem cadaveres de compatriotas marcavam o caminho audaciosamente trilhado.

Nisto, quando todos num ultimo

(1) Foi uma das maiores batalhas de Napoleão, esta que se deu nos arredores de Vienna, contra o exercito austriaco do archi-duque Carlos. Combatu-se todo o dia e deve-se a resolução da victoria ao emprego do fogo concentrado de cem peças d'artilheria sobre o centro austriaco. Tornou-se notavel nesta batalha, o marechal Masséna que commandava a esquerda. Os austriacos perderam 22.000 homens e quasi igual numero de presioneiros, e os francezes tiveram cerca de 20.000 mortos.

(2) Em *La Débacle*, part. 1.<sup>a</sup>, III.

esforço se lançavam á doida sobre a aldeia barricada, do alto da colina, numa debandada enorme, numa espantosa confusão, enovelando-se, chocando-se, as divisões de Grandjean e Frère, acossados pela fusilaria e metralha dos austriacos, vinham lançar-se de novo á travessia do rio, naquella ancia inconsiderada de salvação.

Os nossos portuguezes estacaram: a avalanche era formidavel!

O coronel Pego então, serenamente, volta-se para os dois batalhões que ali estavam e diz vibrantemente: — Firmes!

Immediatamente, aquella voz bem portugueza teve o condão de realizar quasi o impossivel; e enquanto uma parte continuava na lucta contra a aldeia que tomou quasi num combate corpo a corpo, indifferente á avalanche humana que passava, encosta abaixo, para o rio, a outra parte resistia aos ataques duma violenta carga de cavallaria!

Cahia a noite; o nevoeiro subia do Danubio e começava a envolver a terra; e Napoleão, na incerteza dos acontecimentos, queria saber o que havia. Berthier mandou um ajudante á desfilada; e quando este atravessou a ponte e se dirigiu a Baumersdorf, foi encontrar a aldeia limpa d'austriacos, os portuguezes senhores d'ella, e lá em cima, as baterias inimigas, de longe, metralhando aquelle punhado d'homens — os unicos que ficaram na outra margem, senhores do campo e ameaçando o proprio acampamento austriaco!

A avalanche passara, descera ao rio, sumira-se na escuridão da noite nevoenta; só aquelle grupo valente a que já faltavam duzentos e trinta e tantos homens, se sustinha firme, numa posição cuja posse «concorreu essencialmente para o ganho da batalha de Wagram» como escreveu o ajudante de Berthier (1) que lá fôra observar.

E enquanto o escuro da noite encobria o panico cobarde de tanto soldado coberto de gloria, o coronel Pego, como lição ao grande exercito imperial, ia sempre dizendo em bom portuguez, com vibrante serenidade: — Firmes, rapazes, firmes!

(1) Segundo Castro Pereira de Mesquita: *Historia da Legião Portuguesa*.

Juramento

Prestou, no dia 5, juramento de fidelidade perante todos os officiaes de infantaria n.º 23, o sr. alferes do corpo do secretariado militar, José d'Oliveira Miranda.

Encontra-se já restabelecido da grave doença que o obrigou por bastante tempo a guardar o leito, o nosso distincto collaborador Manuel Maria Cantista, 4.º sargento d'infantaria n.º 40, pelo que o abraçamos.

Batalhão Voluntario

Ao saber-se na cidade que o regimento d'infantaria n.º 23 se achava de prevenção, quasi todos os voluntarios se apresentaram immediatamente no quartel offerecendo os seus serviços, procedimento este que muito captivou o sr. coronel Chagas e que

nós registamos com vivo entusiasmo.

Honra pois aos grandes voluntarios de Coimbra!

Chegou no sabbado a esta cidade o sr. dr. Amílcar Ramada Curto, sendo recebido com uma entusiastica manifestação de sympathia.

Os seus amigos politicos offereceram-lhe no domingo um banquete de cento e tantos talheres, na sede do Coimbra-Club, o qual correu animadissimo, sendo levantados numerosos brindes a que o sr. dr. Ramada Curto agradeceu com um bailhante discurso.

Pela redacção do *Commercio do Porto* foram-nos offerecidos os seguintes livros: «Revolta militar do Porto em 31 de janeiro de 1891» e os romances «Myosotis» e «Um sonho de amor». Muito penhorados, agradecemos a offerta.

Organização militar

DA Confederação Suíssa de 12 d'Abril de 1907

Art. 28.º — A Confederação é responsável nas mesmas condições, pelos danos causados nas propriedades por exercicios militares.

A Assembleia Federal decreta e regula a indemnisação.

Art. 29.º — A Confederação pode recorrer contra os auctores dos accidentes ou danos causados nas propriedades, se tiver havido erro da parte d'elles.

CAPITULO VI

Prestações das communas e habitantes

Art. 30.º — As communas e aos habitantes compete:

1.º — Fornecer ás tropas e solipede aquartelamento e alimentação e bem assim parques ou locais destinados á arrecadação de viaturas.

2.º — Effectuar os transportes requisitados mediante o pagamento justo pela confederação.

Art. 31.º — As communas fornecem gratuitamente:

1.º — Os edificios para a inspecção, recrutamento, revistas d'armamento e equipamento.

2.º — As secretarias do estado maior, casas da guarda, prisões e enfermarias.

3.º — As praças d'armas e os locais para a concentração de tropas em caso de mobilisação.

4.º — As carreiras de tiro (artigo 124).

Art. 32.º — Para a criação das carreiras de tiro ou d'exercicio, o Conselho federal pode auctorisar as communas a applicar a lei federal sobre expropriações por utilidade publica.

Art. 33.º — Os proprietarios não podem oppôr-se á realização d'exercicios militares nos seus terrenos, por cujos danos a Confederação se responsabilisa.

A Assembleia federal decreta a maneira de indemnisação.

Art. 34.º — De dez em dez annos, ou quando se torne necessario, procede-se por communas ou por cantões ao recenseamento de cavallos e muares aptos para os diversos serviços.

Os possuidores são obrigados a conduzir-os gratuitamente ao lugar marcado para o recenseamento, e ficam responsaveis pelas despesas resultantes do seu esquecimento ou negligencia.

Cada communa tem um registo dos cavallos, muares e vehiculos do seu territorio.

TITULO II

Organização do exercito

CAPITULO I

Sua divisão

Art. 35.º — O exercito comprehendé a elite, a primeira reserva e a segunda reserva.

A elite é formada dos militares de vinte aos trinta e dois annos completos.

A primeira reserva dos militares dos trinta e trez aos quarenta annos completos. A segunda reserva dos militares de quarenta e um aos quarenta e oito annos completos.

A segunda reserva são ainda aggregados os individuos incapazes de elite e da 1.ª reserva, e os voluntarios com conhecimento sufficiente de tiro e aptidão physica necessarias.

(Continua).

GUIA MEDICO

PARA O

COLONO DE ANGOLA

Installação — Escolha da habitação

Porém, quando a instrucção tiver de ser algo sacrificada por qualquer circumstancia impossivel de vencer procurar-se ha pela orientação remediar este inconveniente e nesse caso daremos a frente ao lado d'onde soprem os ventos mais secco e menos frios.

Para que uma casa seja bem ventilada precisa ter janellas e portas bem rasgadas e dispostas de forma que a circulação do ar no interior esteja assegurada.

Além disto a casa deve tambem ser ventilada por baixo do pavimento do rez do chão, o qual todas as vezes que seja possivel, deverá ficar a cima do solo um metro, pelo menos.

Uma disposição muito recommendavel, por hygienica, que é, vem a ser a de assentar o pavimento do rez do chão em pilares ou mais elegantemente em arcadas, sendo o solo tornado impermeavel por uma camada efficaç de cimento.

Egualmente se deve prover á ventilação do espaço entre o telhado e o forro do andar primeiro ou rez do chão se não houver audares.

Para que uma casa seja limpa é preciso que as paredes, pavimentos e tectos obedeçam a dadas condições que permittam uma limpeza efficaç.

Assim: os pavimentos proprios para uma limpeza ideal são os de mosaico ou de corticite, as paredes, as de escaiola ou guarnecidas a azulejo ou feitas de tijolo de topos vidrados ou ainda de fibro-cimento ou de estuque; sendo aquelles preferiveis. Porém, a maioria das casas são de pedra e cal, ou pedra e barro, muitas ainda de adobes, algumas de madeira e outras até de zinco, e mesmo de madeira e zinco.

A excepção das duas primeiras categorias, as outras devem abandonar-se.

Nestes casos as paredes serão caídas pelo menos uma vez por anno de qualquer cor, excepto branco por fora.

Sendo madeira ou zinco podem ser pintadas a óleo que permite as lavagens.

Os pavimentos, que ha são, em geral, de madeira, que devem manter-se bem limpos por meio de lavagens amudadas com agua, sabão e chloreto de cal, a um por cento. (Formula n.º 14).

Os mans cheiros nunca devem procurar debellar-se por meio de outros cheiros, como vulgarmente se faz queimando alfazema, que só consegue mascarar ou encobrir e nunca destruir esses cheiros. Deve empregarem-se o chloreto de cal, e afastarem-se as causas desses cheiros.

(Continua).

O FRANCEZ

Inglez, allemão e italiano, sem mestre. Descoberta inapreciavel para o estudo das linguas. Novas edições melhoradas. Cada lingua, 24.500 réis; cada fasc. (em Lisboa) 400 réis. O MESTRE POPULAR, de Gonçalves Pereira (pai), rua de S. Paulo 12, 4.º e Ferregial de Baixo, 31, 2.º — Lisboa. Cuidado com as falsificações.



## IMPRESA ACADEMICA

153—Rua da Sophia—165

COIMBRA

Grande deposito de todos os modelos, nitidamente impressos, para o serviço dos Corpos do Exército, Districtos R. e Reserva, Hospitais Militares, etc.

Execução rapida.

## Mario Paes & Com.<sup>ta</sup>

ARMAZENS DE

Mercearias, Farinhas, Semeas e Tregaria

SÉDE—Rua Adelino Veiga—COIMBRA

Telegr. FARINHAS—Teleph. n.º 124 e 44

Vendas só por grosso

Preços em competencia com as melhores casas no nosso genero.

### Mala-sezões VERDADEIRAS PILULAS MILAGROSAS

OU MALEITAS

Curam em poucos dias todas as febres intermitentes.

Estas pilulas podem tomar-se sem receio. ABREM O APETITE á comida e NÃO EXIGEM DIETA, podendo o doente comer de tudo. Preço da caixa 400 réis—meia caixa 240 réis (pelo correio mais 10 réis).

### Arranca-callos

Esta afamada pomada extrae os callos pela raiz, em 5 dias—Preço da caixa 150 réis (porte gratis).

### Unguento de Villar

Este milagroso unguento, EXPERIMENTADO NA MAIS DE 60 ANOS, cura as feridas e chagas, por mais antigas que sejam, varizes e freiras ulceradas, ulcers cancerosas e syphiliticas, herpes, impigons, tinha, sardas, nodos de melancolia e outras molestias de pelle. Milhares de curas e muitas cartas de agradecimento comprovam os seus magnificos resultados. Preço da caixa 150 réis (porte gratis). Remette-se pelo correio á quem mandar á importancia em estampilhas ou vale.

Pharmacia e drogaria FIGUEIREDO  
RUA DA SOPHIA, 30 COIMBRA

## Pastelaria e Confeitaria TELLES

450—Rua Ferreira Borges—452  
COIMBRA

Nesta casa, regularmente montada no genero das de Lisboa e Porto, encontra-se á venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos desta natureza:

Doces de ovos com os mais finos recheios.

Doces de fructa de diversas qualidades, séccos e crystalizados.

Fabricam-se grandes peças de fantasia, proprias para brindes.

Variada pastelaria em todos os generos, especializando os de folhado.

Galantinas diversas. Tête d'Achar. Patê de Liever e Foie.

Saucisses Pudings de diversas qualidades, vistosamente enfeitados. Pão de ló, pelo systema de Margaride.

Especialidade em vinhos generosos e licores finos das principaes marcas.

Amendoas, bon-bons, chocolates, queijos, chás, etc.

### CAFÉ, BEBIDAS E CERVEJAS

Deposito dos magnificos vinhos da Empreza Vinicola de Salvaterra de Magos, da finissima manteiga da Quinta de Fontello e dos productos da Fabrica de Bolachas e Biscoitos da Cou-raça de Lisboa, 32.

Dão-se senhas da Bonus Conimbri-cense.

### Queijo fino da serra na

Mercearia Lusitana

### ALFAIATE

Antonio Ribeiro das Neves Machado

Fornecedor da Companhia dos Caminhos de Ferro

58—RUA DA SOPHIA—61  
COIMBRA

Grande sortido de fazendas nacionaes estrangeiras. Colletes de phantasia, o que ha de maior novidade. Gravatas, suspensorios, collarinhos e muitos outros artigos. Especialidade em varinos de Aveiro.

Uniformes para militares.

Presunto de Melgaço (qualidade garantida), chegou a primeira remessa á

### MERCEARIA LUSITANA

### DROGARIA VILLAÇA COIMBRA

Completo sortido de productos chemicos, especialidades pharmaceuticas e artigos de borracha.

Tintas, oleo de linhaça, vernizes, brochas e todos os artigos concernentes á pintura.

Deposito de aguas medicinaes.

### O melhor enchido de Portalegre

### Na casa Gaitto & Cannas

### Methodo João de Deus

Ensina-se a ler e escrever pelo referido methodo.

Lições nos domicilios dos interessados.

Trata-se na rua Joaquim Antonio de Aguiar, n.º 76.

OFFICIAL DO EXERCITO

## DIHETOL (Base de Cinnamato de Sodio)

Empolas e frascos de solução purissima e aseptica

Formula do Dr. Marques dos Santos para o tratamento especifico da

### TUBERCULOSE PULMONAR

Injecções hypodermicas e via buccal. Attestados medicos. Indicam-se doentes curados. Modificação ao methodo de Landerar, de Stuttgart. Baptista d'Abreu, preparador em Calvario (BEIRA ALTA)

Depositarios: Drogaria Villaça, Coimbra; Pharmacia Barral, Lisboa  
Pharmacia Magalhães, Porto

## VEROL & C.<sup>a</sup>

### CASA DO MILITAR Á PORTA

#### Fundada em 1836

Premiada nas exposições a que tem concorrido, obtendo na Exposição Nacional do Rio de Janeiro de 1908 Grand Prix e Medalha de Ouro.

#### LIVRARIA E PAPELARIA

COM OFFICINA DE

Typographia, Encadernação, Litographia, Pautação, Riscados e Dourador

Telephone n.º 1:321

454—Rua Augusta—456

Lisboa—Portugal

#### Catalogo de livros militares

|  |        |   |       |
|--|--------|---|-------|
| Regulamento dos corpos do exercito   | 500    | campanha, por A. D. Branquinho, 1 vol. broc.  | 600   |
| Idem, continencias e honras militares  | 120    | Heroe de Chaimite, por E. de Noronha, 1 vol. broc.  | 15000 |
| Regulamento de campanha, 1.ª parte   | 600    | Regulamento de tiro, tradução do allemão, por J. Prata Dias, 1 vol. broc.   | 500   |
| Idem, 2.ª parte, infantaria  | 400    | Programma para 2.º sargento de infantaria, por Eduardo Ferreira Vianna  | 15000 |
| Idem, 2.ª parte, engenharia  | 500    | Dito, Varão e Coelho  | 15200 |
| Idem, 2.ª parte, cavallaria  | 500    | Programma para 1.º sargento de cavallaria, Mascarenhas  | 400   |
| Idem, 2.ª parte, artilheria  | 500    | Dito 1.º sargento Varão e Coelho  | 15600 |
| Instrucções para uso da carabina, 1.ª, 2.ª e 3.ª parte   | 400    | Idem, para 1.º sargento de cavallaria e infantaria, Rodrigues   | 500   |
| Jogo de espada   | 300    | Pró Patria, por Homem Christo, 1 vol.   | 900   |
| Idem, de lança   | 300    | Album militar (commendas e uniformes)   | 500   |
| Equitação, 1.ª parte   | 300    | Exame para cabos  | 60    |
| Idem, 2.ª parte  | 300    | Instrucções para cabos e soldados   | 100   |
| Manejo da espingarda, 6.ª, 5.ª   | 200    | Apontamentos sobre tactica e estrategia, por José Cardoso, 1 vol.   | 600   |
| Escola do soldado  | 300    | Manual do Colono, por Alfredo Leão Pimentel, 1.º vol.   | 700   |
| Mobilisação do exercito  | 15000  | Idem, 2.º vol.  | 800   |
| Manual de gymnastica   | 500    | Idem, 3.º vol.  | 15000 |
| Regulamento de étapes  | 200    | Idem, 4.º vol.  | 15500 |
| Exercicios de quadros  | 300    | Idem, para instrucção de cabos e soldados, por Manuel Alexandre Montez, 1 vol.  | 150   |
| Theoria nas casernas, broc.  | 500    | A função do exercito, por R. A. Esteves, 1 vol.   | 500   |
| Idem, cart.  | 600    | Hygiene, por Arthur de Miranda Lemos, 1 vol.  | 300   |
| Regulamento de reservas  | 200    | Manual de gymnastica, por D. Miguel Henrique de Alarcão, 1 vol. broc.   | 800   |
| Cartilha militar   | 40     | Idem, cart.   | 15000 |
| Curso de habilitação para 1.º cabos, broc.   | 300    | Raças cavallares da Peninsula, por D. A. A. da C. Oliveira, 1 vol.  | 15800 |
| Idem, cart.  | 400    | Appendice ao livro «Raças Cavallares» pelo mesmo auctor, 1 vol.   | 600   |
| Idem, para 2.º sargentos, broc.  | 300    | Manual de instrucção para as praças de infantaria da Guarda Fiscal, por Antonio da Graça Ferreira   | 900   |
| Idem, cart.  | 400    | Elucidario de serviços fiscaes aduaneiros, pelo mesmo auctor  | 750   |
| A Bandeira, poesia dirigida aos soldados portuguezes   | 100    | Manual de fortification, por H. Plessix et E. Legrand   | 15000 |
| Notas sobre a cavallaria na actualidade, 1 vol. broc.  | 500    | Programma da parte especial do curso para 1.º cabos de infantaria, por José Maria «Guitton»   | 400   |
| Guia pratico dos commandantes de destacamentos, por Eduardo F. Vianna, 1 vol. broc. (2.ª ed. augmentada) | 800    | Programma da legislação, administração e escripturação militar, para o curso de habilitação de 2.º sargentos de infantaria, pelo mesmo auctor | 300   |
| Idem, cart.  | 15100  | Manual para os cursos de habilitação de 2.º sargentos e 1.º cabos, por Adrião Lucas   | 200   |
| Problemas de tactica applicada nas cartas topographicas, por F. R. da Silva, 3 vol. broc.                | 55500  | Topographia   | 50    |
| Legislação militar, por Franco, 7 vol. broc.   | 125500 | Idem, Mendes d'Almeida, 2 vol. broc.  | 55000 |
| Guia auxiliar do official para escripturação dos conselhos administrativos, 2 vol. broc.                 | 15400  | Metralhadoras, pelo capitão V. Bugalho  | 800   |
| Idem, 1 vol. cart.   | 15700  | Hygiene nas marchas de infantaria, por Joaquim Vieira   | 300   |
| A cavallaria no campo da batalha, por F. Sá Chaves, 1 vol. broc.   | 300    | Equitação e Hypologia, por conde Fornos d'Algodres  | 15200 |
| Telegraphia optica, seu papel tactico e estrategico, 1 vol. broc.  | 200    |   |       |
| Codigo de Justiça Militar, 1 vol. broc.  | 600    |   |       |
| Idem, cart.  | 900    |   |       |
| Campanha do Bailundo em 1902, por F. C. Moncada, 1 vol. broc.  | 15000  |   |       |
| Serviço de cavallaria em campanha, por F. Tamagnini, 1 vol. broc.  | 800    |   |       |
| Administração militar em   |        |   |       |



# A VOZ DO SARGENTO

DEFENSOR DOS INTERESSES DOS SARGENTOS E EQUIPARADOS DO EXERCITO E DA ARMADA

Pela PATRIA e pela REPUBLICA

DIRECTOR E PROPRIETARIO — Antonio Rodrigues  
 EDITOR — Joaquim Ferreira  
 REDACTOR E ADMINISTRADOR — José Augusto Gomes  
 SECRETARIO — Mario da Costa Vasconcellos

## PUBLICAÇÃO SEMANAL

Redacção e administração: RUA DA SOPHIA, 166  
 Composto e impresso na  
 Typographia do Noticias de Coimbra

## ASSIGNATURAS

Continente, trimestre - 300 reis  
 Ultramar, semestre - 600  
 Numero avulso, 30 reis

## ANNUNCIOS — Preços convencionaes

Annunciam-se todas as obras offerecidas á redacção

## Actos de justiça

Mais uma medida de grande interesse para os sargentos e equiparados acaba de ser promulgada. Bem haja pois o nobre Ex.<sup>mo</sup> Ministro da Guerra em ir favorecendo estas classes que tão relevantes serviços prestam ao exercito, e que pelas tristes condições em que viviam, eram credoras de ser olhadas e servidas com mais carinho e generosidade. E' que a monarchia tinha por lemma, ser padroeira da nobreza e do clero. A Republica tem uma outra divisa mais alevantada, mais altruista: ser do povo; ser de todos os que trabalham e produzem.

Já aqui o dissemos e hoje o repetimos:

O facto de nos podermos tratar em casa quando doentes e desde que tenhamos familia legalmente constituída, é simplesmente humanitario e racional. Não se comprehendia mesmo o contrario d'isso. Verdade seja que essas alterações ao regulamento de saude que nos vieram aproveitar, trazem consigo umas leves peias que bem se evitavam, como seja a de deixar ao arbitrio do commandante do corpo ou do medico, tudo o que n'ella nos é concedido.

Esta condição só podia ser accete quando se dessem casos muito excepçoes e não em casos vulgares.

O artigo 315.<sup>o</sup> diz por exemplo que os sargentos poderão passar a convalença em casa com auctorisacão do commandante do corpo e ainda sob parecer favoravel do medico. Não percebemos porque seja necessaria uma tamanha exigencia. Se uma determinação superior auctorisacão uma certa regalia, parece-nos escusado que outras auctoridades tenham poderes para porventura impedirem o seu uso, salvo em casos que o legislador não possa prever.

E' de crer, que na maioria, estas auctoridades decidam sempre pelo que for de maior justiça; mas é tambem de crer que algumas outras, devido ao seu temperamento ou ás suas ideias retrogradadas, nem sempre se pronunciem a favor da jus-

tiça, dando isso lugar a prejuizos e a descontentamentos.

Achavamos pois mais consentanea com a razão, não tornar a situação duvidosa e arbitraria. A disposição ser uma unica para todos e em forma de não poder sentir divergencias.

No meio de tudo, isto seremos unanimes em concordar que a intenção do nobre Ex.<sup>mo</sup> Ministro da Guerra é exclusivamente a de nos beneficiar, pelo que lhe devemos ser extremamente gratos e dedicados.

E se esse beneficio não veio tão completo como seria para desejar, é talvez isso devido a velhos preconceitos que ainda empanam o nome sagrado da Republica e que, como toupeiras daminhas se infiltram pelo solo que pisamos.

### Transferencia

Em satisfação ao seu desejo, foi transferido para o regimento d'infantaria n.<sup>o</sup> 8, o nosso camarada de redacção, 1.<sup>o</sup> sargento José da Silva e Souza, facto com que muito nos congratulamos, por ver assim realizada a sua aspiração, pois que se aproxima dos entes que lhe são queridos, mas que muito sentimos porque sempre tivemos n'elle um leal companheiro de trabalho, como administrador.

Por esta circumstancia, passa a administração do nosso jornal a cargo do nosso camarada José Augusto Gomes e editor o nosso amigo Joaquim Ferreira.

## Lição aos descrentes

Depois de proclamada a Republica em Portugal, tem havido na sombra um trabalho de intriga feito com um desassombro, que não condiz com a impotencia dos monarchicos quando era seu dever correr em defeza das instituições, de que se julgavam alicerces.

Quando o canhão troava nas ruas da cidade e era patriotico vir lutar pelos seus ideaes, acobardaram-se em casa á espera da gloria dos republicanos, para depois lhes cuspir o ferrete da ignominia e vir assistir á sahida do paquete que os levaria a Timor.

A gloria dos bons portuguezes foi um fracasso terrivel para elles.

Agora mordem-se e querem levar consigo os que são indifferentes aos destinos da Patria, numa lueta de enredos e falsidades que envorgonham todos os portuguezes, quaesquer que sejam as suas vistas politicas.

São estas linhas dedicadas aos individuos das classes cujos interesses este jornal defende, que ainda não estejam conscienciosamente convictos de que só a implantação da Republica poderia salvar Portugal de resvalar num abismo insondavel e vergonhoso.

Venham conosco os incredulos a ver a herança da monarchia e o primeiro padrão onde havemos de parar, ha de ser no que designar a classe dos sargentos. O vilipendio é tamanho que faz lagrimas—depois de perseguidos, castigados—depois de escarnecidos, expulsos. Olhemos a procedencia historica d'este avilimento—alcança-nos a vista a 1891.

Paremos agora a ver a estreiteza dos limites de defeza que conferiam aos sargentos — a mordaca como simbolo de liberdade, por fallar eram castigados, por se defenderem eram expulsos. A intelligencia estava em monopolio com o Direito—o sargento não podia ser intelligente — o sargento não tinha direitos.

Pois bem. A alvorada de 5 de Outubro de 1910, derruiu para sempre estas notas de atrazo, que fizeram tantos desgraçados.

Hoje já a classe dos sargentos e seus equiparados, está sendo motivo de serios estudos no sentido de ser elevado a um plano superior. Hoje, todo o paiz a admira com sympathia e orgulho, porque vê nella um poderosissimo factor para a defeza da Republica.

N'estas circumstancias, os descrentes que não vierem conosco não merecem ser portuguezes.

BENTO DA SILVA FERNANDES

1.<sup>o</sup> sargento d'infantaria 2

## A ignorancia e a mendicidade

Nenhum povo, absolutamente nenhum, pode considerar-se devidamente civilizado, enquanto em volta de si pairarem estes dois flagellos sociaes.

Nenhum governo, absolutamente nenhum, pode merecer os applausos

unanimos dos seus subditos, emquanto não decretar medidas que os extingam. Porque, nada mais repugnante, nada mais incomprehiensivel nos tempos d'hoje, do que o analphabetismo; nada mais desolador, nada que inspire maior lastima, do que a mendicidade. E se por um lado o quadro se nos affigura assim sombrio, no reverso tem ainda um cunho de perigoso.

E' que o ignorante, na sua cegueira d'entendimento, não vê mais deante de si do que a vida material; da parte moral, só vê aquella que a sensibilidade propria lhe faz sentir; de resto, procura viver nas trevas, porque só nellas o seu pensamento se encontra commodamente; repudia tudo o que concorra para o bem da humanidade, porque tudo isso o affronta e desconsoa, visto que a ignorancia só conhece as leis da materialidade.

O mendigo, esse, pela ordem natural das coisas, amaldiçoa a vida, que mal e pouco gosa, e odeia os homens, que afinal estão longe de lhe tributar o amor fraternal, que de facto nos devia unir.

E ahí temos dentro d'uma sociedade que quer avançar, quer progredir, quer confraternisar — e este naturalmente o programma da sociedade culta e patriota — elementos de destruição, de incompatibilidade e de retrocesso.

Parece pois logico e humano que antes de se valer a parte sã da sociedade, antes mesmo de se cuidar afincadamente no grande saneamento que a vida social com todos os seus desmandos vem carecendo, deve-se procurar socorrer com o preciso curativo essa chaga corrosiva e pestilenta que é: ignorancia e mendicidade. E' isso que se não tem feito em Portugal nem em nenhum outro paiz. Apenas se tem procurado nos paizes onde ao assumpto alguma importancia parece ligar-se, amortecer-lhe os offeitos perniciosos, mas não anniquila-los. A razão d'isso está talvez em evitar despesas e conceiras que nem dão um lucro immediato nem honorarias de vulto. São actos de consciencia que a opinião justa aprecia, mas não festeja. E os homens de todos os tempos tem uma propensão extraordinaria para tudo o que seja vaidade e folguedo.

Particularizando o caso só a nós, portuguezes, é-nos dado acreditar que o Governo da nossa Republica incluirá no seu programma esta grande obra de moralidade e a transformará num facto antes de poucos annos.

Terá com isso muito a lucrar, não só a Patria, como a propria Republica, porque ignorantes e mendigos só poderão maldizer a sua Patria porque os não protege, e hostilizar a Republica por não lhe comprehenderem a sua magnanima accção.



## FOLGAS DE SERVIÇO

Determina o § 10.º do artigo 203.º do regulamento geral para o serviço dos corpos do exercito que quando haja menos de seis sargentos na escala da guarda de policia do quartel, agruparão com elles os sargentos mais antigos fóra d'aquella escala, que não estiverem impedidos, necessarios para completar esse numero. Estes sargentos não serão nomeados para o serviço de dia ao regimento, batalhão ou grupo, salvo quando a folga d'este serviço fór inferior a trez dias.

Consta-nos porem, que no regimento de cavallaria n.º 3, não é devidamente acatada aquella disposição regulamentar (como o não são todas aquellas que sejam tendentes a conceder aos sargentos quaesquer regalias) pois que são os sargentos obrigados a fazerem guardas com a folga de trez dias, sem contudo serem attendidos nas suas justas reclamações que a tal respeito tem feito.

Como o periodo do posso, quero e mando acabou ha já cinco mezes, e com elle todas as injustiças e desmandos, que de ha muito vinham sendo praticados, vimos rogar a V. Ex.ª Ex.ª Sr. Ministro se digne fazer respeitar as leis e regulamentos militares, tal como são, para bem da disciplina e bom nome do exercito portuguez, que tão bem tem sabido corresponder aos bons desejos da Nação.

UM SARGENTO

## Impressões

As leis conscienciosas do governo provisório, vão se accentuando pela sua integridade de principios puramente liberaes, de doutrinas indubitavelmente democratas. Contudo, não satisfazem o desejo interesseiro, de muitos, porque ha desejos impossiveis de satisfazer.

Recordar o que fez o governo transacto, para confrontarmos com o que o actual tem feito é o sufficiente para reconhecermos o nosso adeantamento e a energia e actividade dos nossos ministros da Republica.

Relatar tudo, é impossivel e dispensavel; no emtanto, é essencial que cada um confronte e pondere para que não suscitem duvidas. Não faltam exemplos. Nem sempre recordar é amar, porque se recordarmos mais uma vez, é para confirmarmos que é de odio a nossa recordação; e como nós, todos os pequenos.

Só os grandes choram pela monarchia porque só elles a *adolavam!*

E' por isso que os pequenos tanto têm pedido.

Parecerão exagerados os pedidos feitos pela classe dos sargentos, mas, infelizmente, o que isso atesta, denota, é o mau caminho que trilhavamos, a má administração, a pessima jurisdicção.

Ter-se-hão feito alguns pedidos que, talvez, podiam permanecer occultos, mas o da amnistia geral e completa, esse nunca.

Não ignoramos que as classes inferiores do exercito foram as mais beneficiadas, assim como também as

mais sacrificadas em tempos de triste memoria.

A celebre vindicta havia assentado arraiaes em toda a parte — até no exercito!

Somos os mesmos homens, a transformação foi só de principios, e isto bastará para prevermos que seria de pouco effeito a amnistia, se não tivéssemos a convicção que tudo se ha de transformar, que tudo ha de evolucionar fatalmente.

A alegria pairou em todos os semblantes ao ser recebida a agradável noticia d'amnistia, e, de certo, o primeiro impulso d'alma foi bemdizer quem procedeu com tamanha justiça.

Entrámos n'uma nova phase, precisamos esquecer os vícios monarchicos e por isso despojamo-nos das suas reliquias: algumas de bem nefando criterio!

Devemos iniciar nova epocha no calendario da nossa existencia e ir marcando com caracteres indeleveis actos de justiça, como o que acaba de praticar o Ex.ª Sr. Ministro da Guerra.

E' bello, é sublime receber um beneficio! Mas, é sem duvida muito mais honroso e consolador saber operar com justiça.

A justiça, esse ideal sagrado, fluctuava ao acaso no oceano immenso da indiferença e do vicio. Felizmente, a indolencia, a placidez d'espíritos inertes, sossobrou, e, entre as ondas encapeladas d'uma revolta despontou a Republica e com ella a Justiça.

Amamos uma e outra como amamos o torrão onde nascemos, como amamos a nossa querida Patria.

Seja a Justiça o lemma da Republica e o idolo das nossas aspirações, que assim trilharemos o caminho do dever.

Contudo, haja toda a confiança, mas não seja demasiada a credulidade: nada de adulações e de fanatismo.

Ponta Delgada, 18 de fevereiro de 1911.

JOÃO MONIZ DE SÁ BORGES  
2.º sargento d'artilheria

## Reunião dos sargentos da guarnição do Porto

### Appoiam as medidas energicas para a cosolidação da Republica

Afim de tratarem de interesses para a sua classe e secundarem as justas pretensões que os seus collegas da capital apresentaram ao sr. Ministro da Guerra, reuniram-se em 7 do corrente, no salão da Assembleia Commercial, da cidade do Porto, cedido gentilmente pela direcção da mesma Assembleia, para aquelle fim, os sargentos da guarnição daquela cidade, no numero de 120 membros.

Depois de discutidos os diversos assumptos que motivaram a sua convocação, foi unanimemente resolvido:

Dar todo o apoio á comissão central dos sargentos nomeada pelos seus camaradas de Lisboa e que tem a sua sede n'aquella cidade;

Nomear uma comissão composta de um delegado de cada unidade da guarnição do Porto, presidida pelo sargento ajudante d'infantaria n.º 6, Miguel da Fonseca Pinheiro, afim de juntamente com a comissão central dos sargentos resolver os assumptos de interesse para a classe;

Telegraphar ao sr. coronel Xavier Barreto, titular da pasta da guerra, testemunhando-lhe o seu reconhecimento pela manifesta boa vontade que mais de uma vez tem mostrado

para melhorar a situação dos sargentos do exercito, classe que mais proximamente convive com os soldados, educando-os no sacrosanto dever da Patria, e que tão despresados os seus interesses foram pelo regimen extinto;

Telegraphar ao sr. Ministro da Justiça, agradecendo-lhe a forma como tem tratado das causas de classe, pedindo para que insista junto do sr. Ministro da Guerra para que sejam satisfeitas as nossas pretensões ha tempo entregues ás respectivas comissões.

Resolveram mais agradecer ao sr. General Pimenta de Castro, commandante da divisão, espirito liberal e genuinamente democratico, as provas de deferencia e consideração que sempre dispensou á corporação dos sargentos, testemunhando-lhe assim a profunda sympathia que ao illustre official, existe no meio da corporação.

Finalmente resolveu-se agradecer á Direcção da Assembleia Commercial pela gentileza da cedencia das suas salas.

E não havendo mais nada a tratar, depois de unanimemente se resolver apoiar e defender as medidas energicas para a cosolidação da Republica, tomadas pelo governo provisório, encerrou-se a sessão eram 10 horas da noite.

## Adelino Veiga

Tivemos o prazer de assistir, no dia 8, a convite do Coimbra-Centro, a uma sympathica homenagem feita á memoria do saudoso poeta operario conimbricense, que em vida se chamou Adelino Veiga, e que foi auctor de dois preciosos livros de versos que tem por titulo *A Lyra do Trabalho* e *a Guitarra d'Almiva*.

A sala estava bellamente ornamentada, destacando-se alem do retrato do saudoso poeta o do illustre artista e nosso amigo João Machado, presidente daquela collectividade, que, com a sua boa vontade soube dar a festa um cunho verdadeiramente sympathico.

Enaltecendo Adelino Veiga, como operario, como poeta e como jornalista, discursaram os srs. João Machado, Francisco Fonseca, Antonio Rodrigues, Antonio Sanhudo, Mario Pio e José Pereira da Cruz.

Em homenagem ao saudoso poeta publicamos a seguir uma das suas produções.

### ○ VETERANO

Eu vi-o muitas vezes encostado,  
Melancholicamente, além, á esquina;  
Elle tinha no rosto bem estampado  
O sello da miseria, triste sina.

Usava ainda a farda de soldado,  
Na cabeça a velhissima bar'tina,  
E o bigode grisalho e queimado,  
Indicío de uma vida peregrina.

Fôra dos sete mil batalhadores,  
E soffrera da guerra os mil horrores,  
Da guerra, esse dragão que tudo assola!

Perdera a luz dos olhos na batalha...  
Deram-lhe em paga d'isso uma medalha...  
Com ella ao peito, o velho pede esmola!

### Jardim Escola João de Deus

Ficou transferida para o dia 2 de abril a inauguração deste magnifico estabelecimento de ensino, situado proximo do Seminario de Coimbra.

Assiste á sua inauguração o sr. Ministro do Interior.

## PLACARD

Pedimos aos nossos assignantes a fineza de nos enviarem a importância de suas assignaturas, em sellos ou em vale do correio, afim de nos evitar a grande despeza proveniente da cobrança.

Aos srs. assignantes que mudem de residencia por qualquer motivo, pedimos para darem immediato conhecimento á redacção do nosso jornal, afim de não soffrerem demora na recepção.

Pedimos aos nossos colaboradores a fineza de não se melindrarem por não lhe ser dada immediata publicidade aos seus escriptos, porque attendendo ao pequeno espaço de que dispomos no nosso jornal, resolvemos publicá-los por ordem de chegada a esta redacção e urgencia do assumpto a tratar.

Pedimos aos nossos collaboradores que restrinjam, o mais que possam, os seus escriptos, pois que o pequeno espaço de que dispomos nos obriga muitas vezes, a luctar com difficuldades, para dar publicidade a originaes muito extensos.

Recebemos e muito agradecemos a importância das assignaturas de um trimestre dos srs. José d'Oliveira Miranda, alferes do secretariado militar, Coimbra; João Garcia de Barros e José Maria Varella, 1.º sargentos; Alfredo José Barroso, Francisco Dias Furtado, Manuel Caetano de Sousa, David de Jesus, Candido da Silva, Francisco Duarte Rio Correia e Joaquim da Silva; 2.º sargentos, todos do 3.º batalhão d'infantaria 17, Lagos; Manuel Miranda Branco, sargento ajudante, Manuel Maria Cantista, Francisco de Mattos, Luiz Cesar Rodrigues, José Luiz da Cruz, José Maria Annes d'Assis, Carolino Alves Vieira e Guilhermino Augusto Ramires, 1.º sargentos, Henrique de Assumpção Villa Verde e Alvaro Vaz, 2.º sargentos, todos d'infantaria n.º 10, Braganca; José da Cruz Barroso, 2.º sargento da guarda fiscal, Villa Nova de Portimão; Manuel Joaquim Magro, 1.º sargento d'infantaria n.º 2, Manuel Francisco, rua de S. Pedro, 40, Hygino Augusto Moraes, rua da Prata, 14, 5.º, Lisboa; Jayme Ferreira, 1.º sargento d'infantaria n.º 14, Vizeu; Manuel Maria da Costa e Manuel Joaquim Cruz, 2.º sargentos da guarda fiscal, Villa Nova de Gaia; Domingos José Fernandes, 1.º sargento da guarda fiscal, Vimioso; José da Cruz Diniz Esteves, 1.º sargento d'infantaria n.º 20, Guimarães; Isidro Joaquim da Silva, correeiro d'infantaria 14, Vizeu; Manuel Antonio Vieira, José dos Reis Severo, Manuel Antonio Lucio e Manuel Joaquim da Trindade Rijo, 1.º sargentos, José Antonio dos Santos, José da Conceição das Neves Martins, Marianno Leonardo Rava, Domingos dos Reis Severo e Joaquim Braz Pereira, 2.º sargentos, todos de caçadores, Elvas; Julio Pereira Machado, Antonio José Martins, Antonio de Couto e Vasconcellos e Adelino Octavio d'Almeida Graça, 1.º sargentos d'infantaria 20, Guimarães; Antonio Joaquim Lopes Navarro, 2.º sargento da guarda fiscal, Vinhães; Agostinho Ildefonso do Valle, Coimbra; Raphael Gomes, 2.º sargento d'infantaria 23; Virgínio Augusto Lopes, 2.º sargento e Joaquim Francisco Themudo, 1.º sargento da guarda fiscal, Arronches.

(Continua).



## SECÇÃO HISTÓRICA

## A ponte da Murcella

Faz agora precisamente um século que o marechal Massena ia arrastando penosamente, por esse paiz fóra, uma difficil retirada. Desde as linhas de Torres até à fronteira, o caminho ficou marcado por combates mais ou menos sangrentos, por acções demonstrativas sem resultado e sempre por devastações, selvagerias e morticínios injustificaveis para quem, como os soldados de Napoleão, tinha as responsabilidades das tradições republicanas.

Mas, quer na Redinha, Pombal, Casal Novo, Miranda e Foz d'Arouce e por ali adeante, embora Massena tivesse de recuar — mostrou que não era um inexperiente na arte de guerra e que a sua gloria não era uma cousa postíça.

Assim se evidenciou no dia 17 e 18 de março, na ponte da Murcella, quando nessa posição elle intentou fazer sustar por algum tempo a marcha dos alliados.

A posição era cubiçada já de há muito e ha muito sobre ella incidiam as atenções dos entendidos; e considerada como era, mesmo pelos invasores, como uma das chaves de Lisboa, Massena não podia deixar de para ella voltar os olhos quando, na sua difficultosa retirada, elle previa o não poder transpor o Mondego em Coimbra e seguir para o Porto como tencionava.

Por isso, ainda mal reconstituído o exercito depois da acção da Redinha, já Drouet marchava com a divisão para occupar a Murcella; e como Massena não atravessou o Mondego por causa duma suposta e phantasiada resistencia, ponde abertamente marchar, caminho do Alva, numa retirada excepcionalmente difficil e que só uma tenacidade pouco vulgar a podia conseguir com certa ordem.

Em 17 tomou posição na margem direita do Alva, desde a foz deste rio, até ao Sarzedo; (1) mas se lá estava Ney para sustentar a parte perigosa da retirada junto á ponte, para compensar, a insubordinação imperdoavel de Reynier fez com que este, sem querer saber das consequências, tomasse uma posição na es-

querda muito afastada, deixando livre entre o seu corpo d'exercito e o centro, um intervalo de cerca dos seus oito kilometros!

Wellington, sempre vigilante, soube tirar todo o partido deste erro de Reynier; e limitando-se em 17 a estabelecer o contacto pela serra da Murcella, no dia 18, fazendo arrojadamente evolucionar tres divisões do exercito alliado na serra de Santa Quiteria que domina toda a bacia do Alva naquelle ponto, ameaçou atacar aquella parte vulneravel de defesa, obrigando Reynier a separar-se do resto do exercito, enquanto que na ponte da Murcella, as tropas ligeiras, num ataque mais demonstrativo que outra cousa, sustentaram um tiroteio d'algum tempo com as tropas de Ney. (1)

Esta concepção do generalissimo inglez, pôde á simples vista parecer banal; mas para quem conhece o terreno, o plano pensado e posto em começo de execução por elle é notavel e revelador das suas qualidades excepcionaes de militar.

Tinha porém, como competidor — digam o que disserem alguns patriotas baratos — um não menos habil general; e que ás primeiras evoluções do inimigo, embora tivesse o exercito enfraquecido com a sahida de forrageadores e não soubesse de Reynier — tomou as immediatas medidas que desfizeram os planos de Wellington e que, com uma rapida mudança do corpo do exercito de Junot para o ponto ameaçado, com a immediata concentração na serra da Moita, seguida a uma não menos rapida retirada, o puzeram assim a salvo dos seus perseguidores e lhe deram sobre elles um dia de avanço.

Foi uma acção brilhante? Houve cargas de cavallaria, algum canhoneio assombroso, actos de extraordinario heroismo?

Não; foi uma acção simples que se resolveu quasi com evoluções, mas que nos parece digna de estudo.

Ha heroicidades que commovem mas que a critica reduz a zero; e manda a verdade que se diga que nem tudo se leva a ferro e fogo...

(1) Nesta escaramuça entraram os seguintes regimentos portuguezes: Infantaria 1 e 16 e caçadores 4 (brigada de Pack) e os batalhões de caçadores 1 e 3 (divisão ligeira de Erskine), mas sem ter havido baixas.

## Desafronta

Do nosso amigo e illustre collaborador Estevam Rodrigues, recebemos um artigo, em que d'uma forma categorica, altiva e nobre, repudia as insinuações systematicas e aleivosas que lhe foram feitas por um jornal que se diz órgão da classe.

Sentimos não o poder publicar, por ser do nosso programma não estabelecer polemicas com esse jornal, pois que o contrario, seria trahir o fim a que nos propozemos.

## Ministro do Fomento

Espera-se que visite brevemente esta cidade, o sr. dr. Brito Camacho, illustre Ministro do Fomento.

## Lei de recrutamento

Pela nova lei de recrutamento, ficam sendo as readmissões annuaes.

Por modo algum podemos conformar-nos com este systema de readmissão para sargentos e equiparados, porque só prejuizos poderá acarretar para estas classes.

O futuro demonstrará os factos.

## Louvôr

Todo o pessoal de instrucção d'infanteria n.º 23, incluindo os recrutas, foi louvado em ordem regimental, uns pela dedicacão, zelo e boa vontade com que se desempenharam deste serviço, outros pela dedicacão e boa vontade com que receberam o ensino que lhes foi ministrado.

O batalhão voluntario de Coimbra já no domingo recebeu instrucção com arma.

## Organização militar

DA

Confederação Suíssa de 12 d'Abril de 1907

Na cavallaria o tempo de serviço dos sargentos e soldados da élite é de 10 annos.

Art. 36.º — Os capitães servem na élite até aos trinta e oito annos completos e na primeira reserva até aos quarenta e quatro completos.

Os officiaes superiores servem na élite e 1.ª reserva até aos quarenta e oito annos completos.

Na 2.ª reserva, todos os officiaes servem até aos cincoenta e dois annos completos, podendo continuar nesta situação depois de attingida esta idade se assim o desejarem.

Os officiaes na idade de servirem na élite podem ser incorporados na 1.ª ou 2.ª reserva e os na idade de servirem na 1.ª reserva podem ser incorporados na 2.ª

Art. 37.º — A passagem d'uma classe a outra effectua-se em 31 de dezembro. O Conselho Federal pode adia-la se houver probalidades de guerra.

N'este caso a 1.ª reserva é chamada a completar a élite e a 2.ª reserva a completar a 1.ª

## CAPITULO II

## Composição do exercito

Art. 38.º — O exercito comprehende:

- 1.º — Os estados maiores;
- 2.º — O estado maior general;
- 3.º — As armas, a saber:

a) infantaria (fuzileiros, carabineiros, cyclistas e metralhadores);  
b) cavallaria (dragões, exploradores e metralhadores a cavallo);  
c) artilheria (de campanha, montanha e guarnição, parque);  
d) engenharia (officiaes engenheiros, sapadores, pontoneiros e obreiros do caminhos de ferro);  
e) tropas das praças de guerra (artilheria de guarnição, metralhadores e sapadores);

f) serviço de saude (medicos, pharmaceuticos, enfermeiros e maqueiros);  
g) serviço veterinario (veterinarios e ferradores);  
h) serviço de subsistencias (os officiaes d'administração militar);

i) serviço de transportes (trem de combate, trem regimental, conductores).

4.º — Serviços auxiliares:

Justiça militar, capellães, correio e telegrapho de campanha, serviços de etapas e caminhos de ferro, serviço territorial, o secretariado do estado maior, as ordenanças dos officiaes, o serviço dos automoveis, a policia do exercito;

Serviços complementares (ver artigo 20.º).

A Assembleia Federal pode modificar ou completar esta enumeração.

Art. 39.º — O exercito subdivide-se em:

1.º — Unidades de tropas: a companhia, o esquadrão, a bateria, o comboio de montanha, a ambulancia, a columna sanitaria, o destacamento de obreiros dos caminhos de ferro;

2.º — Corpos de tropas: o batalhão, o grupo, o regimento, a brigada, o lazareto, o parque movel, o parque de deposito;

3.º — Unidades do exercito: a divisão, o corpo do exercito, a guarnição de fortificações.

(Continua.)

## GUIA MEDICO

PARA O

## COLONO DE ANGOLA

A varredura deve ser banida, porque levanta poeira que além de sujar os moveis, roupas, etc., introduz no nosso pulmão muitos germens de varias doencas de que a mais terrivel e que, infelizmente, grassa em abundancia, é a tuberculose.

A vassoura deve ser substituida pelo pano molhado e expremido.

A ornamentação e mobiliario deve ser o mais simples possível para evitar que se accumulem poeiras, se escondam insectos ou outros animaes prejudiciaes ou nocivos.

Finalmente com relação á cubagem, deve ella ser ao minimo de 25m<sup>3</sup> por pessoa, devendo a altura dos differentes tectos ser pelo menos de trez metros.

## Dependencias da habitação

Varias podem ser as dependencias da habitação; porém ha tres que são indispensaveis, necessarias a todas as casas e que devem merecer especial attenção e cuidado: a cosinha, a latrina e o diluidor septicó.

A cosinha deve ficar tanto quanto possível separada da casa, de forma que o incendio se não propague facilmente, e situada nas trazeiras da mesma de maneira que o calor e fumo se escape.

Além de bem illuminada e ventilada deve a cosinha ter as melhores condições de uma perfeita limpeza.

Deve ter uma pia de lavagem com esgoto de syphão hydraulico.

A latrina deve tambem ser collocada nas trazeiras da casa, afastada tanto d'esta, como da cosinha.

Deve tambem ser bem illuminada e ventilada e ter condições de perfeita impermeabilidade aos liquidos no pavimento e nas paredes, pelo menos até á altura de um metro.

Na latrina deve haver duas bacias: uma será o bidet que terá a forma usual, devendo ser de porcelana, ferro esmaltado ou de grés ceramico e coberto de ardo de madeira dura, envernizada, podendo tambem ter tampa que ajuste bem.

A outra será a bacia defecatoria que deverá ser tambem de porcelana, ferro esmaltado ou de grés ceramico e com ardo de madeira para assento e tampa, como a outra bacia. Terá forma oval como é de uso.

Cada uma d'estas bacias terá um canno de esgoto com syphão hydraulico independente, indo os dois esgotos reunir-se no canno commum.

O deluidor septicó.

Todos os esgotos da casa (dos lavatorios e banheiras), da cosinha e latrina devem convergir para um collector commum que irá despeja-los no deluidor septicó. Esta deverá ser do typo apresentado pela Sociedade do Saneamento Septico Limitada, de Lisboa.

(Continua.)

## O FRANCEZ

Inglez, allemão e italiano, sem mestre. Descoberta inapreciavel para o estudo das linguas. Novas edições melhoradas. Cada lingua, 25500 réis; cada fasc. (em Lisboa) 100 réis. O MESTRE POPULAR, de Gonçalves Pereira (pae), rua de S. Paulo 12, 4.º e Ferregial de Baixo, 31, 2.º — Lisboa. Cuidado com as falsificações.



**IMPrensa ACADEMICA**

153—Rua da Sophia—165

COIMBRA

Grande deposito de todos os modelos, nitidamente impressos, para o serviço dos Corpos do Exército, Districtos, R. e Reserva, Hospitales Militares, etc.

Execução rapida.

**Mario Paes & Com.<sup>ta</sup>**

ARMAZENS DE

Mercearias, Farinhas, Semeas e Tregaria

SÉDE—Rua Adelino Veiga—COIMBRA

Telegr. FARINHAS—Teleph. n.º 124 e 44

Vendas só por grosso

Preços em competencia com as melhores casas no nosso genero.

**Mata-sezões****VERDADEIRAS PILULAS MILAGROSAS****OU MALEITAS**

Estas pilulas podem tomar-se sem receio, **ABREM O APETITE** á comida e **NÃO EXIGEM DIETA**, podendo o doente comer de tudo. Preço da caixa 400 réis—meia caixa 240 réis (pelo correio mais 10 réis).

**Arranca-callos****Unguento de Villar**

Esta afamada pomada extrai os callos pela raiz, em 3 dias—Preço da caixa 150 réis (porte gratis). Este milagroso unguento, **EXPERIMENTADO NA MAIS DE 60 ANOS, cura as feridas e chagas**, por mais antigas que sejam, varizes e frieiras ulceradas, ulceras cancerosas e syphiliticas, **herpes, Impigens**, tinea, sardas, nodos de melancolia e outras molestias de pelle. Milhares de curas e muitas cartas de agradecimento comprovam os seus magnificos resultados. Preço da caixa 150 réis (porte gratis). Remette-se pelo correio a quem mandar a importancia em estampilhas ou vale.

**Pharmacia e drogaria FIGUEIREDO**

RUA DA SOPHIA, 30 COIMBRA

**Pastelaria e Confeitaria****TELLES**

150—Rua Ferreira Borges—152

COIMBRA

Nesta casa, regularmente montada no genero das de Lisboa e Porto, encontra-se á venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos desta natureza:

Doces de ovos com os mais finos recheios.

Doces de fructa de diversas qualidades, séccos e crystalisados.

Fabricam-se grandes peças de fantasia, proprias para brindes.

Variada pastelaria em todos os generos, especializando os de folhado.

Galantinas diversas. Tête d'Achar. Paté de Liever e Foie.

Saucisses Pudings de diversas qualidades, vistosamente enfeitados. Pão de ló, pelo systema de Margaride.

Especialidade em vinhos generosos e licores finos das principaes marcas.

Amendoas, bon-bons, chocolates, queijos, chás, etc.

**CAFÉ, BEBIDAS E CERVEJAS**

Deposito dos magnificos vinhos da Empreza Vinicola de Salvaterra de Magos, da finissima manteiga da Quinta de Fontello e dos productos da Fabrica de Bolachas e Biscoitos da Courega de Lisboa, 32.

Dão-se senhas da Bonus Conimbriense.

**Queijo fino da serra na**

Mercearia Lusitana

**ALFAIATE**

Antonio Ribeiro das Neves Machado

Fornecedor da Companhia dos Caminhos de Ferro

58—RUA DA SOPHIA—61

COIMBRA

Grande sortido de fazendas nacionaes estrangeiras. Colletes de phantasia, o que ha de maior novidade. Gravatas, suspensorios, collarinhos e muitos outros artigos. Especialidade em varinos de Aveiro.

Uniformes para militares.

Presunto de Melgaço (qualidade garantida), chegou a primeira remessa á

**MERCEARIA LUSITANA****DROGARIA VILLAÇA**

COIMBRA

Completo sortido de productos chimicos, especialidades pharmaceuticas e artigos de borracha.

Tintas, oleo de linhaça, vernizes, brochas e todos os artigos concernentes á pintura.

Deposito de aguas medicinaes.

**O melhor enchido de Portalegre**

Na casa Gaitto &amp; Cannas

**Methodo João de Deus**

Ensina-se a ler e escrever pelo referido methodo.

Lições nos domicilios dos interessados.

Trata-se na rua Joaquim Antonio de Aguiar, n.º 76.

OFFICIAL DO EXERCITO

**DIHETOL**

(Base de [nnamato de Sodio])

Empolas e frascos de solução purissima e aseptica

Formula do Dr. Marques dos Santos para o tratamento especifico da

**TUBERCULOSE PULMONAR**

Injecções hypodermicas e via buccal. Attestados medicos. Indicam-se doentes curados. Modificação ao methodo de Landerar, de Stuttgart. Baptista d'Abreu, preparador em Calvario (BEIRA ALTA)

Depositarios: Drogaria Villaça, Coimbra; Pharmacia Barral, Lisboa  
Pharmacia Magalhães, Porto

**VEROL & C.<sup>a</sup>**

CASA DO MILITAR Á PORTA

**Fundada em 1836**

Premiado nas exposições a que tem concorrido, obtendo na Exposição Nacional do Rio de Janeiro de 1908 Grand Prix e Medalha de Ouro.

**LIVRARIA E PAPELARIA**

COM OFFICINA DE

Typographia, Encadernação, Litographia, Pautação, Riscados e Dourador

Telephone n.º 1321

134—Rua Augusta—136

Lisboa—Portugal

**Catalogo de livros militares**

|  |       |
|--|-------|
| Regulamento dos corpos do exercito   | 500   |
| Idem, continencias e honras militares  | 120   |
| Regulamento de campanha, 1.ª parte   | 600   |
| Idem, 2.ª parte, infantaria  | 400   |
| Idem, 2.ª parte, engenharia  | 500   |
| Idem, 2.ª parte, cavallaria  | 500   |
| Idem, 2.ª parte, artilheria  | 500   |
| Instrucções para uso da carabina, 1.ª, 2.ª e 3.ª parte   | 400   |
| Jogo de espada   | 300   |
| Idem, de lança   | 300   |
| Equitação, 1.ª parte   | 300   |
| Idem, 2.ª parte  | 300   |
| Manejo da espingarda, 6.ª, 5.ª   | 200   |
| Escola do soldado  | 300   |
| Mobilisação do exercito  | 15000 |
| Manual de gymnastica   | 500   |
| Regulamento de étapes  | 200   |
| Exercicios de quadros  | 300   |
| Theoria nas casernas, broc.  | 500   |
| Idem, cart.  | 600   |
| Regulamento de reservas  | 200   |
| Cartilha militar   | 40    |
| Curso de habilitação para 1.ª cabos, broc.   | 300   |
| Idem, cart.  | 400   |
| Idem, para 2.ª sargentos, broc.  | 300   |
| Idem, cart.  | 400   |
| A Bandeira, poesia dirigida aos soldados portuguezes   | 100   |
| Notas sobre a cavallaria na actualidade, 1 vol. broc.  | 500   |
| Guia pratico dos commandantes de destacamentos, por Eduardo F. Vianna, 1 vol. broc. (2.ª ed. augmentada) | 800   |
| Idem, cart.  | 1500  |
| Problemas de tactica applicada nas cartas topographicas, por F. R. da Silva, 3 vol. broc.                | 5500  |
| Legislação militar, por Franco, 7 vol. broc.   | 12500 |
| Guia auxiliar do official para escripturação dos conselhos administrativos, 2 vol. broc.                 | 15400 |
| Idem, 1 vol. cart.   | 15700 |
| A cavallaria no campo da batalha, por F. Sá Chaves, 1 vol. broc.   | 300   |
| Telegraphia optica, seu papel tactico e estrategico, 1 vol. broc.  | 200   |
| Código de Justiça Militar, 1 vol. broc.  | 600   |
| Idem, cart.  | 900   |
| Campanha do Bailundo em 1902, por F. C. Moncada, 1 vol. broc.  | 15000 |
| Serviço de cavallaria em campanha, por F. Tamagnini, 1 vol. broc.  | 800   |
| Administração militar em   |       |

|   |       |
|---|-------|
| campanha, por A. D. Branquinho, 1 vol. broc.  | 600   |
| Heroe de Chaimite, por E. de Noronha, 1 vol. broc.  | 15000 |
| Regulamento de tiro, traducção do allemão, por J. Prata Dias, 1 vol. broc.  | 500   |
| Programma para 2.º sargento de infantaria, por Eduardo Ferreira Vianna  | 15000 |
| Dito, Varão e Coelho  | 15200 |
| Programma para 1.º sargento de cavallaria, Mascarenhas  | 400   |
| Dito 1.º sargento Varão e Coelho  | 15600 |
| Idem, para 1.º sargento de cavallaria e infantaria, Rodrigues   | 500   |
| Pró Patria, por Homem Christo, 1 vol.   | 900   |
| Album militar (commendas e uniformes)   | 500   |
| Exame para cabos  | 60    |
| Instrucções para cabos e soldados   | 100   |
| Apontamentos sobre tactica e estrategia, por José Cardoso, 1 vol.   | 600   |
| Manual do Colono, por Alfredo Leão Pimentel, 1.º vol.   | 700   |
| Idem, 2.º vol.  | 800   |
| Idem, 3.º vol.  | 15000 |
| Idem, 4.º vol.  | 15500 |
| Idem, para instrução de cabos e soldados, por Manuel Alexandre Montez, 1 vol.   | 150   |
| A função do exercito, por R. A. Esteves, 1 vol.   | 500   |
| Hygiene, por Arthur de Miranda Lemos, 1 vol.  | 300   |
| Manual de gymnastica, por D. Miguel Henrique de Alarcão, 1 vol. broc.   | 800   |
| Idem, cart.   | 15000 |
| Raças cavallares da Peninsula, por D. A. A. da C. Oliveira, 1 vol.  | 15800 |
| Appendice ao livro «Raças Cavallares», pelo mesmo auctor, 1 vol.  | 600   |
| Manual de instrução para as praças de infantaria da Guarda Fiscal, por Antonio da Graça Ferreira  | 900   |
| Elucidario de serviços fiscaes aduaneiros, pelo mesmo auctor  | 750   |
| Manual de fortification, por H. Plessix et E. Legrand   | 15000 |
| Programma da parte especial do curso para 1.ª cabos de infantaria, por José Maria «Guitton»   | 400   |
| Programma da legislação, administração e escripturação militar, para o curso de habilitação de 2.ª sargentos de infantaria, pelo mesmo auctor | 300   |
| Manual para os cursos de habilitação de 2.ª sargentos e 1.ª cabos, por Adriaõ Lucas   | 200   |
| Topographia   | 50    |
| Idem, Mendes d'Almeida, 2 vol. broc.  | 55000 |
| Metralhadoras, pelo capitão V. Bugalho  | 800   |
| Hygiene nas marchas de infantaria, por Joaquim Vieira   | 300   |
| Equitação e Hypologia, por conde Fornos d'Algodres  | 15200 |



# A VOZ DO SARGENTO

DEFENSOR DOS INTERESSES DOS SARGENTOS E EQUIPARADOS DO EXERCITO E DA ARMADA

Pela PATRIA e pela REPUBLICA

DIRECTOR E PROPRIETARIO — Antonio Rodrigues  
 EDITOR — Joaquim Ferreira  
 REDACTOR E ADMINISTRADOR — José Augusto Gomes  
 SECRETARIO — Mario da Costa Vasconcellos

PUBLICAÇÃO SEMANAL  
 Redacção e administração: RUA DA SOPHIA, 166  
 Composto e impresso na  
 Typographia do *Noticias de Coimbra*

ASSIGNATURAS  
 Continente, trimestre - 300 reis  
 Ultramar, semestre - 600  
 Numero avulso, 30 reis  
 ANNUNCIOS — Precos convencionaes  
 Annunciam-se todas as obras offercidas á redacção

## As readmissões Pela Patria Portugueza

A nova disposição da lei de recrutamento sobre readmissões, veio encher de descontentamento a classe dos sargentos e equiparados. Era de esperar.

O facto das readmissões serem annuaes, traz consigo gravissimos inconvenientes e não está em harmonia com o papel verdadeiramente util que nós prestamos ao exercito, nem com os principios salutarres em que se deve firmar a nossa Republica.

Não se explica que um profissional esteja sujeito d'anno para anno a poder ser excluido das fileiras; e nem é mesmo dentro d'um anno que esse profissional pode dar provas completas da sua competencia, muito principalmente aquelles que pela sua pouca idade ou pelo seu pouco tempo de serviço, preenchem os respectivos quadros.

Depois d'isso, ha ainda a considerar que o sargento e equiparado fica com a sua carreira exposta á contingencia de caprichos, más vontades e perseguições, que sempre campearam livremente nos quartéis e que não desaparecem enquanto os homens forem o que são.

A nossa aspiração chegava ao ponto de não haver readmissões, mas apenas uma diuturnidade, á semelhança do que se pratica com os officiaes; e em resposta reduzem d'uma maneira espantosa o tempo das readmissões, para assim mais facilmente nos destruirerem!

Chama-se a isto por entraves na vida d'aquelles que mereciam hoje mais do que nunca, que se lhes desse o valor que tem e compensações a que tem todo o direito.

A S. Ex.<sup>a</sup> o Ministro da Guerra pedimos pois para que essa disposição sobre readmissões a sargentos e equiparados, soffra a alteração aconselhada pelo que é de Justiça e pelo que é de Razão.

Tal como existe, ha de forçosamente produzir consequencias funestissimas no futuro.

Assim o preconisamos, com o fundamento da longa pratica da vida militar que já possuímos.

Ninguém, absolutamente ninguém pode contestar o ter o Povo d'este grande Portugal, saído com o raiar da aurora de 5 d'Outubro, do letargo e inercia que o evadia ha muito e apparecer resolvido a provar ao mundo civilizado, que lhe corre nas veias o sangue dos seus antepassados, os quaes em letras d'ouro gravaram na historia patria e universal, paginas immorredouras de gloriosa epopeia, e que respeitando essas tradições que rem occupar o logar que lhes pertence como Povo livre que é, que tem direito, que quer e ha de sê-lo.

Quem poderá deixar de reconhecer esse despertar?!

Logo após a Revolução, nós vimos dezenas d'actos commettidos pelo Povo, não de vingança ou de rancores, mas de philantropia e generosidade, vimo-lo fazendo a policia das ruas, guardando as casas bancarias, tratando dos feridos sem distincção, angariando fundos para socorrer as victimas dos vencidos e vencedores, organisando Batalhões Nacionaes de Voluntarios, que afinadamente com grande interesse e entusiasmo se estão preparando, para cooperarem com as unidades activas na defesa da Patria querida!

Como tudo isto honra, como tudo isto deve orgulhar aquelles que são verdadeiramente portuguezes!

Mas necessario é, não voltar ao letargo, á inercia que de nós se havia apossado, mas sim procurar educar esse bom Povo nosso irmão, com o comicio, onde se lhe ensinam os deveres e direitos civicos, onde se lhe diga ás roubalheiras e inconveniencias d'esse velho, podre e fallido regimen, onde francamente se lhe apaguem as patranhas, que lhe foram apregoadas como sã doutrina pelo padre ou pelo cacique, onde se lhe faça comprehender o perigo em vender ou dar, ligando somenos importancia, o voto, nomeando assim como seu procurador, um mal intencionado destituido por completo de caracter e de honestidade.

Outro tanto devemos fazer na caserna, transformando o soldado

boçal d'hontem n'um presunsoso cidadão d'amanhã.

E ainda devemos ir mais longe; devemos ir ás escolas, mesmo ás do A B C d'ambos os sexos e semear ali o amor Pela Patria, Pela Republica, Pela Bandeira, Pela Humanidade; semear ali os principios da sã doutrina democratica, preparando a Mãe, a mulher e o cidadão do futuro, e quando chegarmos á perfeição de vermos a creança, a mulher, todos em geral saudar com verdadeiro enthusiasmo, commovidamente e com o devido respeito a Bandeira e o Hymno Nacional, então seremos um Povo grande e tão grande como nunca o fomos.

## Empregos publicos

Do conjunto de pedidos que a classe apresentou ao illustre Governo Provisorio, depois do referente a promoções, julgo ter importancia primordial a melhoria dos empregos publicos, que, além de beneficiarem quem a elles concorre, trazem inherente a si um bem estar geral, pelas promoções a que dão logar, produzindo um continuo rejuvenescimento dos quadros.

Ainda que os meus camaradas e eu temos bastante confiança na illustrada commissão encarregada da analyse desses pedidos, restando-nos a absoluta certeza de que a iniqua lei de 1900 será votada ao olvido para a factura desta, alguns reparos me seja permitido aqui traçar.

Não enumerarei os empregos que nos devem ser destinados, porque isso demandaria aturada estuda para o qual não posso dispor de elementos precisos, limitando-me a esperar que do quadro de empregos, organizado pela distincta Commissão em face das relações fornecidas pelos diferentes ministerios, não conste somente o quadro de porteiros, continuos, correios ministeriaes e pouco mais, como succedia na lei a que me referi.

Para tal se poder dar, além dos cursos de habilitação e Escola Central, eu comprehendo que para a admissão a bons empregos, seja preciso um concurso em que, á parte as disciplinas naquelles tratadas, se exijam conhecimentos especiaes. Este concurso, porém, é meu parecer não dever ser feito em promiscuidade com individuos da classe civil candidatos ao mesmo emprego como, em tempos, succedeu com o logar de sub-chefes dos impostos a que alguns sargentos-afilhados foram admitidos, mas tão somente para preenchimento da percentagem que aos sargentos caiba. E isto, para impedir nefastas influen-

cias que, apesar do mais acrisolado amor á Justiça, eu penso sempre existirão.

Entre os empregos por concurso, um dos que eu vejo mais consentaneos ás nossas aspirações é o de professor primario, logar a que vi, com desvanecimento, referir-se no *Seculo* o sr. capitão Strech de Vasconcellos, porque nelle, á parte a irradiante luz da instrução—alavanca potente que no mundo remove a face das coisas—como lhe chama um distincto pedagogo, ministrada ás creanças como cidadão professor, poderia ainda o cidadão sargento, com verdadeiro conhecimento de causa, ministrar, em certo grau de adeantamento, a essas mesmas creanças a instrução militar cujo complemento viriam, mais facilmente, buscar á vida militar, volvidos alguns annos.

Além disto, bem salutar, tambem seria a influencia que pelo convívio, poderia exercer nos adultos pela orientação, sem preconceitos, da vida pratica que, na generalidade, na vida militar adquirimos.

O provimento deste logar, porém, pedido como o sr. capitão Strech de Vasconcellos quer, parece-me uma utopia. O curso que o respectivo regulamento impõe ao professor primario versa ramos d'instrução de bastante complexidade, não me parecendo, por isso, equitativo, que o curso de habilitação para 1.º sargento seja bastante para o substituir. Em meu entender, deve ser exigido o curso da Escola Central e o concurso especial a que acima me referi, que versará sobre methodos e processos pedagogicos e prova pratica de ensino.

Para que os sargentos, porém, possam fruir o direito destes provimentos que incentivo são para o seu desenvolvimento intellectual imprescindivel se torna aproveitar, desde já, a boa vontade que muitos teem de curar do seu futuro e augmentar a sua instrução, franqueando-lhes as portas da Escola Central, sem o que, a concessão dos bons empregos, será o mesmo que o seu offerecimento e recusa immediata. Com effeito, pela legislação em vigor, só chegam a adquirir aquelle curso, 1.º sargentos, normalmente, com 6 annos de posto, optando antes pela carreira militar em que consumiu os seus melhores annos de mocidade e que, ipso facto, se acostumaram a amar, e que, passado um praso relativamente pequeno, lhes pode trazer a consecução dos seus mais bellos sonhos na vida militar — o almejado posto de official.

Emquanto á classificação que na lei de 1900 não existia, pois a commissão respectiva tão somente indicava a categoria de empregos em que o candidato poderia ser provido, sem o classificar entre os concorrentes a um determinado emprego, deve ser somente das attribuições, bem definidas,



da Comissão de classificação para não nos vermos a braços com a syllepica determinação da referida lei que diz: — O secretario organizará a lista que tem de ser fornecida quando qualquer emprego tenha de ser preenchido por sargentos e da qual devem constar os elementos precisos para se fazer uma equitativa (sic) escolha.

Equitativa escolha! Que destempero!

Escolha dos afilhados, dos afilhados! que haviam de ser providos segundo as exigencias de ignobil politica, acobertados por estas e semelhantes disposições falsarias.

Mas para que a justiça seja plena, imprescindível se torna mais que de todos nós seja conhecida essa mesma classificação para que — o lapis de cor — não possa ter afilhados entre a Comissão. Para isso, deve ser organizada um mez depois de finalizar o anno lectivo, uma lista em que se indique o merito de cada um para o provimento dos empregos que pretendam, sendo, no decorrer do anno, publicadas, em documento que de todos seja notorio, as alterações que se derem para que o nosso quinhão não nos possa ser roubado, o que não é coisa nova nem em que deva deixar-se de fazer reparo, pois na republicana França vi eu num dos ultimos numeros do *Le journal des sous-officiers* o seguinte caso que justifica as minhas palavras: Em determinado emprego foi provido um 1.º sargento que, dias antes, havia fallecido. E evidente que dias depois era novamente indicado vago o lugar e assim foi beneficiado o individuo da classe civil que dando-se vacatura depois da que cabia aos sargentos a ella tinha direito; de pouca duração foi, porém, esse beneficio por causa dos alertas soldados por alguns interessados. E alli publicam-se as listas a que acima me referi, mensalmente!

Para poder ser classificado não deve o sargento precisar 9 annos de posto. Em 4 annos tem o sargento sobejas occasiões de mostrar o que é, e por isso não deve o tempo exigido ir alem de 4 annos.

Encontro uma anomalia na exclusão que a lei, infelizmente ainda em vigor, faz dos compellidos e refractarios para a admissão a pretendentes de empregos publicos, pois numa sociedade em que os direitos devem ser eguaes para todos os cidadãos do mesmo nivel intellectual e em igualdade de circumstancias especiaes, torna-se indigna tal disposição.

E se a nova lei que a digna Comissão trouxe a lume assim contiver producentes disposições, bastante se elevará o nosso fallido quadro de sargentos de reserva que alem dos serviços que poderá prestar um caso de mobilização, bastante poderá combater e attenuar o antimilitarismo irracional assaz espalhado em o nosso povo e que, num lance afflictivo, muitos pode levar á falta de patriotismo pelo horror instinctivo que as violencias exercidas nos seus filhos que já o digno Governo Provisorio minorou sensivelmente na recente Lei de recrutamento, e de que os mais bafejados da fortuna se livraram a troco de alguns patacos se imprimiu no seu espirito.

Bragança, 13-3-914.

MANOEL MARIA CANTISTA  
1.º sargento de infant. 10.

Visita amanhã esta cidade o sr. dr. Brito Camacho, illustre Ministro do Fomento.

A comissão municipal republicana offerece-lhe um banquete no Hotel Avenida.

### O novo regulamento disciplinar do exercito

II

2.º alvitre, por nós apresentado: «Que não seja dada publicidade aos castigos applicados aos sargentos».

Artigo 69.º — As penas disciplinares impostas por qualquer auctoridade militar competente, serão publicadas em ordem regimental, com excepção das de admoestação e reprehensão.

Este alvitre não foi aceite pela comissão, porque, se o fosse, ficaria sendo uma excepção, visto que não só os das outras praças, mas até os dos officiaes devem ser publicados.

E, será admissivel, uma tal excepção n'um regimen egualitario quanto possível? E, não será a publicidade dada ao castigo, uma garantia de que o militar só tem no registo aquillo que realmente deve ter? E, não seria a sonegação do castigo um processo algo ajusitado dando lugar a que superiores, eguaes e inferiores tivessem o individuo n'uma conta em que realmente elle não deveria ser considerado? E, depois, é necessario ter presente o seguinte: nenhum homem de bem tem receio da publicidade no que respeita aos seus actos officiaes.

Pensando bem; parece-nos que não ha razão para censuras, por não ter sido aceite tal alvitre. Nunca devemos defender excepções, que são sempre odiosas e, sobretudo faltas de moral, quando pedidas por quem d'ellas deve beneficiar.

3.º alvitre: «Que a prisão correccional só possa ser applicada aos sargentos, por commandantes de divisão e auctoridades superiores».

Como vêem nós aqui nem sequer pedimos a redução da competencia relativamente a tal pena, o que era aliás importante.

Pois, isso que nós não pedimos, não se esqueceram os legisladores de no-lo dar como se vê do seguinte mappa:

#### PRISÃO CORRECCIONAL

##### Regulamento disciplinar de 1896

|                           |         |
|---------------------------|---------|
| Ministro da Guerra...     | 60 dias |
| Commandante de divisão... | 40 »    |
| Commandante de brigada... | 20 »    |
| Commandante do corpo...   | 8 »     |

##### Novo regulamento disciplinar

|                           |         |
|---------------------------|---------|
| Ministro da Guerra...     | 25 dias |
| Commandante de divisão... | 15 »    |
| Commandante de brigada... | 8 »     |
| Commandante do corpo...   | 5 »     |

Assim é, que, com respeito a sargentos, se vê que a maxima competencia pelo antigo regulamento, dava 60 dias de prisão correccional, emquanto que pelo novo ficou reduzida a 25; e ainda o commandante de divisão podia castigar o sargento com 40 dias de prisão correccional e hoje só pode dar 15.

Pelo novo regulamento só o commandante do regimento pode castigar o sargento com prisão correccional por 5 dias, o de brigada por 8 e o de divisão por 15; as tres competencias sommadas dão 28 dias, menor que a antiga do commandante de divisão; 40 dias, e cuja redução se não pediu.

Conclue-se pois que ainda fomos beneficiados na parte de competencia disciplinar.

E' certo que cada dia de prisão correccional vale 4 dias de detenção, e que quarenta dias de detenção são sufficientes para eliminação do serviço; mas tambem é verdade, que é condição indispensavel para tal effeito produzir que esses castigos sejam applicados por tres vezes o minimo em um periodo de tres annos, porque se o forem por uma só vez, ou por duas, não pode resultar a eliminação, segue-se que é agora mais difficil por um sargento na rua do que antigamente, visto que nós temos á nossa disposição largos meios de defeza contra o superior prepotente.

E, de resto, o tempo, que é, em resumo, um grande mestre, nos dirá se temos razão.

M.

### Ao Ex.ºo Ministro da Guerra

Tendo sido concedido aos sargentos que frequentaram a Escola Central de sargentos até ao anno lectivo de 1908-1909, transportes em caminho de ferro para suas familias, e tendo sido suspensa essa concessão, que bastante beneficiava a classe dos sargentos, pela circular n.º 21 da 5.ª Direcção da Secretaria da Guerra com data de 27 d'outubro de 1909, e causando grandes transtornos na vida domestica tal suspensão, por isso que durante dez mezes, tem os sargentos casados que custear duas despesas, uma na Escola, e outra no lugar onde deixou a familia, ou quando queira que ella o acompanhe tem que dispender de prompto a importancia do transporte, o que nem sempre se está n'essas condições, principalmente aquelles que tem já familia em grande numero; vimos lembrar a V. Ex.ª que seria um grande beneficio, que novamente fosse concedido o referido transporte ás familias dos sargentos quando vão frequentar aquella escola.

F. M. S.

### Reunião de sargentos

Os sargentos de infantaria n.º 20 reuniram na passada quarta feira pelas 3 horas da tarde, afim de tratarem de interesses da classe.

Depois de discutidos varios assumptos, deliberaram expedir os seguintes telegrammas:

A Grande Comissão da União dos Sargentos, ratificando o apoio que ha tempos tinham dado á orientação dos trabalhos, manifestando-lhe ao mesmo tempo profundo desagrado e extranhese por na nova lei eleitoral não terem sido incluídos os sargentos no direito de votar; e

Ao Ex.ºo Sr. Dr. Afonso Costa agradecendo a forma como se tem interessado pela melhoria de situação da classe, transmittindo-lhe tambem o seu grande descontentamento pela exclusão dos sargentos do direito de votar.

### Consortio

Consortiou-se na terça feira, em Peso da Regoa, com a sr.ª D. Conceição dos Santos Ferreira, filha do sr. José dos Santos Ferreira, digno escrivão de fazenda naquelle concelho, o nosso amigo Augusto dos Santos Conceição, 1.º sargento d'infantaria n.º 23.

Felicitemos os noivos, desejando-lhes uma prolongada lua de mel.

Tem estado doente o nosso amigo e director, Antonio Rodrigues, a quem desejamos um prompto restabelecimento.

## PLACARD

Pedimos aos nossos colaboradores a fineza de não se melindrarem por não lhe ser dada immediata publicidade aos seus escriptos, porque attendendo ao pequeno espaço de que dispomos no nosso jornal, resolvemos publicá-los por ordem de chegada a esta redacção e urgencia do assumpto a tratar.

Pedimos aos nossos colaboradores que restrinjam, o mais que possam, os seus escriptos, pois que o pequeno espaço de que dispomos nos obriga muitas vezes, a lutar com difficuldades, para dar publicidade a originaes muito extensos.

Aos nossos assignantes que por qualquer motivo mudem de residencia, rogamos a fineza de nos prevenirem para não haver extravio na remessa; e aos que ainda estejam em debito, pedimos tambem, para que nos enyiem a importancia de suas assignaturas até ao fim do corrente mez, para regularidade da nossa escripturação e evictar despezas que muito podem prejudicar o fim a que nos propomos.

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao director.

Recebemos e muito agradecemos a importancia das assignaturas de um trimestre dos srs.: Duarte da Fonseca, 2.º sargento da guarda fiscal, Almeida; Luiz Baptista Duarte, rua Eduardo Coelho, e Manuel Rodrigues Simões Junior, rua das Cozinhas, Coimbra; Fernando da Fonseca Mesquita e Solla, 2.º sargento do D. R. R. 23, Coimbra; Viriato Nunes, professor official, Nabo, Villa-Fior; Sala dos sargentos de engenharia e José Francisco Guerra, 1.º sargento do mesmo regimento, Lisboa; José Martins, 2.º sargento da guarda fiscal, Fuzeta; Emygdio Augusto Virgilio, Evangelista Vieira do Amaral, 2.º sargentos e José da Silva Martins, 1.º cabo, todos d'infantaria 12, Pinhel; Henrique Ribeiro, sargento ajudante, Manuel Catarro e José Ribeiro da Silva, 2.º sargentos, todos d'infantaria 7, Leiria; Alipio José, mestre de ferradores, José Rodrigues da Cunha, serralleiro, e Manuel José Pinto, selheiro-correio, todos de artilheria n.º 5, Vianna do Castello; José Manuel, 2.º sargento da guarda fiscal, Paradinha; Diamantino Simões de Freitas, 2.º sargento do D. R. R. n.º 15, Thomar; Antonio José Pires, 1.º sargento d'infantaria 6, Porto; Francisco Grillo Fevereiro, 1.º sargento de cavallaria n.º 8, Coimbra; Francisco Correia, 2.º sargento e Frederico Ferreira de Jesus, 1.º sargento, ambos de infantaria 15, Vizeu; Antonio Pedro da Silva Soares Junior, 1.º sargento do D. R. R. 17, Lagos; José da Rosa Condução, 2.º sargento d'infantaria 17 na 8.ª brigada d'infantaria, Lagos; Luiz Aguiar, contra-mestre de musica, Manuel Sanches, Nicolau dos Santos Castro, musicos de 2.ª classe, todos d'infantaria 19, Chaves; João Baptista, Alberto Joaquim Correia, Anselmo da Matta Lobo, 1.º sargentos, Arthur Rodrigues de Sousa e José Augusto da Silva Monteiro, 2.º sargentos, todos de artilheria n.º 4, Amarante; e a importancia de um semestre dos srs.: Manuel Pombo, artifice d'infantaria 12, Vizeu; Cesar Augusto Gamba e Manuel Joaquim Ribeiro, 2.º sargentos da guarda fiscal, Caes do Sodré, Lisboa.

(Continua)



SECÇÃO HISTORICA

A defeza de Campo Maior

(14-22 de março de 1811)

A praça alemtejana de Campo Maior, fora em 1807 não só desartilhada mas quasi abandonada como inutil, apesar da sua importancia na frenteira.

A regencia cuidava assim da defeza nacional; e foi necessario a arjeação da invasão de Massena conjugada com a de Soult, para que em 1811 se pensasse em a tornar a defender convenientemente.

Mas... como as cousas são! A defeza que deram a Campo Maior foi o valeroso major de engenharia José Joaquim Talaia, como governador, cerca de 200 milicianos e uma força de artilharia 3 que manobrava com cinco peças.

E nada mais?... Pouco mais: em volta da villa havia as velhas muralhas abaluartadas do século XVII, de certo cobertas de musgo secular... (1)

Era quasi uma phantasia essa ideia de defender Campo Maior d'aquella forma; mas o que é certo é que, aos 14 de março de 1811, quando Massena retirava sobre o norte perseguido por Wellington, a guarnição da villa teve de se dispôr á investida do general Mortier como se houvesse lá dentro muito que defender e muita gente prompta para o combate.

De facto, Mortier (2), ao approximar-se da villa, em 14 de março, viu logo pela disposição dos defensores que a defeza seria energica—e nunca imaginou que por dentro daquellas muralhas tão pouca gente se dispôsse a resistir-lhe.

Estabeleceu o cerco, a sua divisão não ligando, no começo, importancia aquella operação militar, esperava que as portas da praça se abrissem e se seguisse a capitulação desejada. No entanto, as cousas não correram assim, e em breve o general francez, convencido de que lá dentro havia recursos para resistir com energia, apertou o cerco em que empregou 6 peças d'artilharia e 11 morteiros, co-

mo se estivesse num cerco em regra, contra uma forte guarnição!

Lá dentro, o major Talaia, com a pouca gente, de que dispunha, fazia das fraquezas forças e esperava anciosamente reforços salvadores; e, quando, apesar de tudo, no dia 19, o canhoneio dos francezes conseguiu abrir brecha, elle teve ainda o animo sereno para dirigir a defeza desse ponto ameaçado.

Na verdade os francezes abriram brecha no baluarte do Concelho; e, conscios da victoria, lançaram-se ao assalto. Como poderia resistir a praça, sem gente nem munições?

Pois resistiu, porque o ataque desse dia foi repellido!

Talaia foi então, segunda vez intimado para se render; pediu demora, ainda julgando qui viria reforço; mas sem gente, sem munições, sem mantimentos...

Emfim, a 22, com a consciencia de quem até á ultima cumpriu com o seu dever, capitulou honrosamente; e os francezes entraram na praça—talvez envergonhados de a terem cercado tanto tempo.

Nesse dia, Beresford, com uma divisão que Wellington destacou em 14, de Condeixa, partiu de Portalegre em soccorro de Campo Maior que retomou na manhã de 25 depois de um combate sem grande valor (3); e em abril desse mesmo anno, foi decretado que a villa se denominasse *leal e valerosa villa* e os seus defensores fossem dignamente galardoados (4).

Passa amanhã o primeiro centenario da capitulação tão-honrosa; e nós do canto modesto da nossa redacção saudamos a memoria desses bravos na simplicidade deste artigo, já que nos falta esforço para mais alta homenagem.

(3) Beresford commandava então 20.000 homens d'infantaria; 2.000 de cavallaria, e 18 bocas de fogo.

(4) Talaia foi promovido por distincção; aos officiaes, sargentos e soldados foi dada a gratificação de um mez de soldo; e ás ordenanças e habitantes que combateram uma gratificação menor.

(1) Dizem os dicionarios que foram mandadas construir por D. João IV em 1645.  
(2) Foi um dos marechaes de Napoleão, o duque de Treviso. Tornou-se notavel na campanha da Russia.

A' bandeira verde e vermelha

Verde e vermelho, alegre duo de cor,  
Que em toda a parte a Natureza canta,  
No sangue, seiva do homem, e na planta  
Que a essa seiva dá vida e dá vigor!

Como o vermelho prende o olhar, na flôr,  
E como o verde fructo o labio encanta,  
E como é lindo o Sol se se levanta  
Vermelho como á hora do Sol-Pôr!...

Dum vermelho que grita é a alegria,  
Dum verde que sorri, a doce Esp'rança  
Verde que lembra o Mar em calmaria...

Sendo assim as da Vida e da bonança,  
Tuas cores, bandeira excelsa, um dia  
Serão talvez as da humana alliança!

JOAQUIM GOMES

Organização militar

Confederação Suissa de 12 d'Abril de 1907

CAPITULO III

Estado maior — Estado maior general

O estado maior está aggregado ao commandante em chefe. Uma ordem do Conselho Federal fixa a sua organização.

Em tempo de paz o serviço do estado maior general, funciona com o estado maior do exercito.

Art. 41.º — Aos commandantes das unidades do exercito e corpos de tropas está aggregado um estado maior.

A attribuição dos officiaes e secretarios dos estado maior é determinada pelo departamento suiso, em virtude de prévias indicações dos commandantes interessados. São reservadas as prescripções dos estados maiores dos batalhões de fusileiros.

Em regra os officiaes ajudantes são reintegrados nos tropas depois de quatro annos.

Art. 42.º — O estado maior compõe-se do corpo d'officiaes do estado maior e dos officiaes do caminho de ferro, todos sob as ordens immediadum chefe.

Art. 43.º — Para ser admittido no corpo d'officiaes do estado maior é necessario ser capitão ou primeiro tenente, possuir um certificado de aptidão para o posto de capitão e ter seguido com distincção a primeira escola de estado maior.

Os capitães que cursam com exito a segunda escola central e que estão aptos para o serviço do estado maior, são dispensados de cursar a primeira parte daquella escola.

Art. 44.º — Em regra, de quatro em quatro annos, os officiaes de estado maior são mandados fazer serviço nos corpos, onde devem exercer um commando, inherente á graduacão do posto immediato daquelle que possuem.

Os officiaes do caminho de ferro são escolhidos entre os funcionarios dos caminhos de ferro e dos navios a vapor.

CAPITULO IV

Fraccionamento do exercito

Art. 45.º — Os corpos de tropas são assim constituidos:

Infantaria

O batalhão—de trez a seis companhias;

O regimento—de dois a quatro batalhões;

A brigada—de dois a trez regimentos.

Cavallaria

O regimento — de dois a trez esquadões de dragões;

A brigada — de dois a trez regimentos e duma companhia de metralhadores a cavallo.

Artilharia

O grupo — de duas a quatro baterias d'artilharia de montanha, companhia ou guarnição;

O regimento — de dois a trez grupos;

O parque movel — de quatro a seis companhias de parque e do trem necessario;

O parque de deposito — de duas a quatro companhias de parque.

(Continua.)

GUIA MEDICO

PARA O

COLONO DE ANGOLA

A vida na colonia

Escolhido o local em que se deve instalar o colono, escolhida a casa em que deve habitar com os requisitos indicados, resta saber como se deverá conduzir para viver hygienicamente e produzir o mais possivel de proficuo para a colonia e para si.

Já foi a traços largos indicada a maneira de viver e se conduzir a bordo durante a viagem, que constitue, por assim dizer, a iniciação da vida colonial.

Deve-se levantar cedo, ao amanhecer ou pelo menos, ao nascer do sol, que pouco se faz esperar, pois nos tropicos a aurora e o crepusculo vespertino são reduzidissimos.

Em seguida devem fazer-se as ablucões ordinarias, sendo perferivel o uso quotidianiano de banho geral fresco ou tepido se a temperatura do ar for baixa (estação fresca, districto da Huila, de Mossamedes e planaltos de todo o interior).

Toma-se depois uma ligeira refeição (pequeno ou primeiro almoço) de café com leite, chá ou só leite ou chá e torradas, pão com manteiga, etc.

Segue-se o trabalho ordinario de cada um que, sendo ao sol, deverá fazer-se protegendo-se a cabeça contra os raios solares pelo uso de capacete branco ou chapéu de palha, sempre de maneira que os olhos e a nuca sejam abrigados o melhor possivel.

Alem do abrigo da cabeça deverá acautelarse tambem o corpo com fatos leves, amplos e brancos, tendo junto da pelle camisolos de flanela fina ou de malha de lã. As botas serão brancas de preferencia.

Sendo o trabalho no campo, convem que o calçado seja forte, que se use polainas ou botas de cano alto que melhor protegem dos animaes nocivos (viboras, cobras, etc.), da humidade e de diversos traumatismos.

Neste caso os fatos serão mais fortes; como por exemplo de belvetina.

Se estiver na estação fresca ou se houver chuvas usar-se-ha o necessario abrigo; fatos mais pesados, capa de borracha, etc.

Se o trabalho for em sitio pantanoso ou por pantanos se tenha de passar e neste caso se esteja sujeito a picadas de mosquitos, bem como sendo sitios frequentados pelas moscas tzé-tzé, é indispensavel o uso de mosqueteiro pendente da aba do chapéu ou capacete e cahindo sobre os hombros de forma tal que nunca fique em contacto com a pelle, para o que poderá prender-se aos hombros de qualquer forma.

Pelo mesmo motivo deverá usar-se luvas fortes.

Assim se evitará a filariose, as sezões, a doença do somno, adengue, etc.

Ordiuariamente chegados ás 11 horas da manhã é tempo da segunda refeição ou almoço propriamente dito.

Tanto a esta refeição como ao jantar, sobretudo no tempo quente, deverá usar-se ventilação artificial quando a não haja natural sufficiente. Para esse effeito usa-se o simples, comodo e economico pankar que tão util e recommendavel é. Aqui não deverá esquecer-se o que já a bordo fora recommendado. (Veja-se o capitulo «Durante a viagem»).

(Continua.)



**IMPRESA ACADEMICA**

153—Rua da Sophia—165

COIMBRA

Grande deposito de todos os modelos, nitidamente impressos, para o serviço dos Corpos do Exército, Districtos R. e Reserva, Hospitales Militares, etc.

Execução rapida.

**Mario Paes & Com.<sup>ta</sup>**

ARMAZENS DE

Mercearias, Farinhas, Semeas e Tregaria

SÉDE—Rua Adelino Veiga—COIMBRA

Telegr. FARINHAS—Teleph. n.º 124 e 44

Vendas só por grosso

Preços em competencia com as melhores casas no nosso genero.

**Mala-sezões VERDADEIRAS PILULAS MILAGROSAS**

OU MALEITAS

Curam em poucos dias todas as febres intermitentes. Estas pilulas podem tomar-se sem receio, ABREM O APETITE á comida e NÃO EXIGEM DIETA, podendo o doente comer de tudo. Preço da caixa 400 réis —meia caixa 240 réis (pelo correio mais 10 réis).

**Arranca-callos****Unguento de Villar**

Esta afamada pomada extrae os callos pela raiz, em 5 dias — Preço da caixa 100 réis (porte gratis). Este milagroso unguento, EXPERIMENTADO HA MAIS DE 80 ANOS, cura as feridas e chagas, por mais antigas que sejam, varizes e fricções ulceradas, ulceras cancerosas e syphiliticas, herpes, impigens, tinea, sardas, nodos de melancolia e outras molestias de pelle. Milhares de curas e muitas cartas de agradecimento comprovam os seus magnificos resultados. Preço da caixa 150 réis (porte gratis). Remette-se pelo correio a quem mandar a importancia em estampilhas ou vale.

Pharmacia e drogaria FIGUEIREDO  
RUA DA SOPHIA, 30 COIMBRA**Pastelaria e Confeitaria****TELLES**

450—Rua Ferreira Borges—452

COIMBRA

Nesta casa, regularmente montada no genero das de Lisboa e Porto, encontra-se á venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos desta natureza:

Doces de ovos com os mais finos recheios.

Doces de fructa de diversas qualidades, seccos e crystalizados.

Fabricam-se grandes peças de fantasia, proprias para brindes.

Variada pastelaria em todos os generos, especializando os de folhado.

Galantinas diversas, Tête d'Achar, Paté de Liever e Foie.

Saucisses Pudings de diversas qualidades, vistosamente enfeitados. Pão de ló, pelo systema de Margaride.

Especialidade em vinhos generosos e licores finos das principaes marcas.

Amendoas, bon-bons, chocolates, queijos, chás, etc.

**CAFÉ, BEBIDAS E CERVEJAS**

Deposito dos magnificos vinhos da Empreza Vinicola de Salvaterra de Magos, da finissima manteiga da Quinta de Fontello e dos productos da Fabrica de Bolachas e Biscoitos da Cou-raça de Lisboa, 32.

Dão-se senhas da Bonus Conimbri-cense.

Queijo fino da serra na

Mercearia Lusitana

**ALFAIATE**

Antonio Ribeiro das Neves Machado

Fornecedor da Companhia dos Caminhos de Ferro

58—RUA DA SOPHIA—61

COIMBRA

Grande sortido de fazendas nacionaes estrangeiras. Colletes de phantasia, o que ha de maior novidade. Gravatas, suspensorios, collarinhos e muitos outros artigos. Especialidade em varinos de Aveiro.

Uniformes para militares.

Presunto de Melgaço (qualidade garantida), chegou a primeira remessa á

**MERCEARIA LUSITANA****DROGARIA VILLAÇA**

COIMBRA

Completo sortido de productos chimicos, especialidades pharmaceuticas e artigos de borracha.

Tintas, oleo de linhaça, vernizes, brochas e todos os artigos concernentes á pintura.

Deposito de aguas medicinaes.

O melhor enchido de Portalegre

Na casa Gaitto &amp; Cannas

Methodo João de Deus

Ensina-se a ler e escrever pelo referido methodo.

Licções nos domicilios dos interessados.

Trata-se na rua Joaquim Antonio de Aguiar, n.º 76.

OFFICIAL DO EXERCITO

**DIHETOL**

(Base de Innamato de Sodio)

Empolas e frascos de solução purissima e aseptica

Formula do Dr. Marques dos Santos para o tratamento especifico da

**TUBERCULOSE PULMONAR**

Injecções hypodermicas e via buccal. Attestados medicos. Indicam-se doentes curados. Modificação ao methodo de Landerar, de Stuttgart.

Baptista d'Abreu, preparador em Calvario (BEIRA ALTA)

Depositarios: Drogaria Villaça, Coimbra; Pharmacia Barral, Lisboa  
Pharmacia Magalhães, Porto**VEROL & C.<sup>a</sup>**

CASA DO MILITAR Á PORTA

Fundada em 1836

Premiada nas exposições a que tem concorrido, obtendo na Exposição Nacional do Rio de Janeiro de 1908 'Grand Prix' e Medalha de Ouro.

LIVRARIA E PAPELARIA

COM OFFICINA DE

Typographia, Encadernação, Litographia, Pautação, Riscados e Dourador

Telephone n.º 1:321

134—Rua Augusta—136

Lisboa—Portugal

**Catalogo de livros militares**

|  |        |   |       |
|--|--------|---|-------|
| Regulamento dos corpos do exercito   | 500    | campanha, por A. D. Branquino, 1 vol. broc.   | 600   |
| Idem, continencias e honras militares  | 120    | Heroe de Chaimite, por E. de Noronha, 1 vol. broc.  | 15000 |
| Regulamento de campanha, 1.ª parte   | 600    | Regulamento de tiro, traducção do allemão, por J. Prata Dias, 1 vol. broc.  | 500   |
| Idem, 2.ª parte, infantaria  | 400    | Programma para 2.º sargento de infantaria, por Eduardo Ferreira Vianna  | 15000 |
| Idem, 2.ª parte, engenharia  | 500    | Dito, Varão e Coelho  | 15200 |
| Idem, 2.ª parte, cavallaria  | 500    | Programma para 1.º sargento de cavallaria, Mascarenhas  | 400   |
| Idem, 2.ª parte, artilheria  | 500    | Dito 1.º sargento Varão e Coelho  | 15600 |
| Instrucções para uso da carabina, 1.ª, 2.ª e 3.ª parte   | 400    | Idem, para 1.º sargento de cavallaria e infantaria, Rodrigues   | 500   |
| Jogo de espada   | 300    | Pró Patria, por Homem Christo, 1 vol.   | 900   |
| Idem, de lança   | 300    | Album militar (commendas e uniformes)   | 500   |
| Equitação, 1.ª parte   | 300    | Exame para cabos  | 60    |
| Idem, 2.ª parte  | 300    | Instrucções para cabos e soldados   | 100   |
| Manejo da espingarda, 6.ª, 5.ª   | 200    | Apontamentos sobre tactica e estrategia, por José Cardoso, 1 vol.   | 600   |
| Escola do soldado  | 300    | Manual do Colono, por Alfredo Leão Pimentel, 1.º vol.   | 700   |
| Mobilisação do exercito  | 15000  | Idem, 2.º vol.  | 800   |
| Manual de gymnastica   | 500    | Idem, 3.º vol.  | 15000 |
| Regulamento de etapas  | 200    | Idem, 4.º vol.  | 15500 |
| Exercicios de quadros  | 300    | Idem, para instrucção de cabos e soldados, por Manuel Alexandre Montez, 1 vol.  | 150   |
| Theoria nas casernas, broc.  | 500    | A função do exercito, por R. A. Esteves, 1 vol.   | 500   |
| Idem, cart.  | 600    | Hygiene, por Arthur de Miranda Lemos, 1 vol.  | 300   |
| Regulamento de reservas  | 200    | Manual de gymnastica, por D. Miguel Henrique de Alarcão, 1 vol. broc.   | 800   |
| Cartilha militar   | 40     | Idem, cart.   | 15000 |
| Curso de habilitação para 1.º cabos, broc.   | 300    | Raças cavallares da Peninsula, por D. A. A. da C. Oliveira, 1 vol.  | 15800 |
| Idem, cart.  | 400    | Appendice ao livro «Raças Cavallares» pelo mesmo auctor, 1 vol.   | 600   |
| Idem, para 2.º sargentos, broc.  | 300    | Manual de instrucção para as praças de infantaria da Guarda Fiscal, por Antonio da Graça Ferreira.  | 900   |
| Idem, cart.  | 400    | Elucidario de serviços fiscaes aduaneiros, pelo mesmo auctor  | 750   |
| A Bandeira, poesia dirigida aos soldados portuguezes   | 100    | Manual de fortification, por H. Plessix et E. Legrand   | 15000 |
| Notas sobre a cavallaria na actualidade, 1 vol. broc.  | 500    | Programma da parte especial do curso para 1.º cabos de infantaria, por José Maria «Guitton»   | 400   |
| Guia pratico dos commandantes de destacamentos, por Eduardo F. Vianna, 1 vol. broc. (2.ª ed. augmentada) | 800    | Programma da legislação, administração e escripturação militar, para o curso de habilitação de 2.º sargentos de infantaria, pelo mesmo auctor | 300   |
| Idem, cart.  | 15100  | Manual para os cursos de habilitação de 2.º sargentos e 1.º cabos, por Adrião Lucas   | 200   |
| Problemas de tactica applicada nas cartas topographicas, por F. R. da Silva, 3 vol. broc.                | 55500  | Topographia   | 50    |
| Legislação militar, por Franco, 7 vol. broc.   | 125500 | Idem, Mendés d'Almeida, 2 vol. broc.  | 55000 |
| Guia auxiliar do official para escripturação dos conselhos administrativos, 2 vol. broc.                 | 15400  | Metralhadoras, pelo capitão V. Bugalho  | 800   |
| Idem, 1 vol. cart.   | 15700  | Hygiene nas marchas de infantaria por Joaquim Vieira  | 300   |
| A cavallaria no campo da batalha, por F. Sá Chaves, 1 vol. broc.   | 300    | Equitação e Hypologia, por conde Fornós d'Algodres  | 15200 |
| Telegraphia optica, seu papel tactico e estrategico, 1 vol. broc.  | 200    |   |       |
| Codigo de Justiça Militar, 1 vol. broc.  | 600    |   |       |
| Idem, cart.  | 900    |   |       |
| Campanha do Bailundo em 1902, por F. C. Moncada, 1 vol. broc.  | 15000  |   |       |
| Serviço de cavallaria em campanha, por F. Tamagnini, 1 vol. broc.  | 800    |   |       |
| Administração militar em   |        |   |       |







# CARIDADE

Caridade, phanal da desventura,  
Espalha o teu clarão ridente e santo,  
E envolve nos arminhos do teu manto  
Os partas d'este mundo d'amargura.

Quando surges, visão excelsa e pura,  
Que a tua nivea mão enxuga o pranto,  
Virtude que eu adoro tanto e tanto,  
Digo: das theologaes, és a mais pura!

Tu, que aos pobres mitigas fome e dor,  
Que, á beira d'um abysmo ou do atafalho  
Os tristes consolar vaes com amor...

Que desprezas, porém, pois não te illude,  
A lisonja escondida no louvor,  
Bem dita sejas tu, nobre virtude!

Tavira, 1911.

...LUCRINDA SERYTRAM

# ALERTA!

## Camaradas

Permetti que abstrahindo da sua forma singela, a minha obscura pessoa, venha desabafar convosco a indignação que me produz o facto seguinte, do qual, por este meio, vos informo e previno:

Se foi a nossa classe uma das que mais resignadamente soffreu o despotismo e escarneo do despresivel regimen monarchico, foi tambem sem duvida um dos mais poderosos elementos que directa e indirectamente contribuíram para o seu completo desmoronamento.

Depois d'um largo periodo de lucta insaciavel e de esperança calorosa no triumpho da Republica, raioi finalmente essa aurora redemptora do dia 5 de Outubro de 1910, e com ella o sol vivificante da justiça e da fraternidade, data aquella que, em letras de ouro, ficará registada não só nas paginas brilhantes da nossa epopeia nacional, mas ainda na historia dos progressos humanos.

Congratulemo-nos pois, com mais esta etape da regeneração da nossa querida Patria, ha tantos annos moribunda e por ultimo prestes a cahir sob a administração ou sob o dominio estrangeiro. E, d'ora avante, deixemos de constituir uma das automaticas peças d'uma anachronica engrenagem, para sermos uma força dinamica da nação, tornando-nos assim legitimos successores dos portuguezes d'outra ora que, pelo seu inexcédível heroismo nas luctas pela grandeza e pela liberdade da Patria, assombraram o mundo.

Unamo-nos todos, formando um corpo de policia perspicaz e vigilante contra os processos arditos do ultramontanismo que, na expansão desoçada das suas nocivas doutrinas, no meio da população incauta e ingenua, lançaram o desacato na familia militar, sem outro resultado que não seja o embarço e o descredito da florescente marcha da Republica.

Deiâmos caça, prompta e segura, a esse bando de maltrapilhos, o

qual servindo-se da hedionda mascara da hypocrisia e da roupeta pingada e rota dos masmarrros descendentes de Loyola, (esse bando) acaba de se atrever a assaltar o quartel d'infantaria 9, alliciando cabos genuinamente republicanos para conspirarem contra o unico regimen que ha de salvar a Patria de Camões!

Parece incrível, mas é um facto!

Portanto camaradas, perante tão arrojada gente tomae sentido e alerta! Enquanto não estiver devidamente consolidada a obra em que se sacrificaram tantas vidas e ainda muitas mais, esses retrogradados podem fazer sacrificar, portanto não devemos dormir o somno dos justos.

E oxalá que a justiça, na mão d'aquelles que teem de julgar, não possa fugir por alguma porta falsa, ficando os astuciosos freguezes sem a recompensa merecida.

Lamego, 23-3-1911.

FRANCISCO ANTONIO MARCOS

1.º sargento d'infantaria 9

# Dois pedidos

Acaba de ser publicada a nova lei de recrutamento para o exercito. E' mais um agigantado passo que conduz a nossa nobilissima raça, á vereda almejada, por onde, impávida e resoluta encarreirou na gloriosa madrugada de 5 d'Outubro,

O que n'ella se acha expellido, defue de uma maneira inilludível e sufficientemente logica, a grandeza de caracter, alta competencia e incomparavel imparcialidade do esclarecido espirito que presidiu á sua elaboração: O Illustradissimo Ministro da Guerra.

Só a S. Ex.ª, absolutamente a S. Ex.ª, a plebe, os filhos do povo, os operarios e artistas, essa gente nobre e rude, que com o seu braço potente, productivo e creador, sustentara na culminancia da sua honra, a meza em que á sua custa se realisavam ininterruptos, os festins da odiosa e alquebrada realcaza, deve a graça de serem para a nobilissima missão de defender a patria, eguaes á nobreza e por consequencia, ao capitalismo.

Resta agora que essa mesma gente, esse mesmo povo, saiba corresponder aos nobres intuitos d'um governo em geral e d'um ministro em especial, que brotando generosidade, complacencia e justiça, os mimoseia com uma lei tão equitativa quão humanitaria, com o seu incondicional apoio, dedicacão e leal cooperacão no resurgimento da nossa querida patria, ainda hoje aviltada por filhos degenerados.

Annuncia-se para breve, a publicacão da nova reorganisação do exercito. Julgo que n'ella serão consideravelmente augmentados os quadros dos graduados, isto pela synthetica analyse a que procedi na nova lei do recrutamento para o exercito.

Sendo assim, julgo não ser intempestivo, um pedido que em nome de algumas dezenas de meus camaradas, ultimamente rehabilitados pela amnistia, eu me apresso a fazer: Se pela pratica da nova organisação do exercito, resultarem, como julgo que sim, algumas vacaturas de 1.º sargento, para ellas, sob todos os pontos de vista e por todos os principios, deve

ser aberto concurso especial, a fim de que, a elle possam concorrer os sargentos ultimamente rehabilitados pela amnistia, não sendo ellas prehenchidas pelos sargentos que, desde o ultimo concurso realizado se acham habilitados, visto essas vagas não serem producto das eventualidades que dão direito a promoçào dos actualmente habilitados, mas sim, de um caso meramente especial.

Não se amofinem os carissimos camaradas, promptos a entrar na 1.ª, 2.ª e 3.ª fatias, que não desejo a nulidade do seu concurso, pois que isso não seria mais que conculcar os seus sagrados direitos adquiridos.

Ponderando pacientemente as palavras, verão que alguma justiça me assiste.

Realizando-se o concurso especial, concorriam a elle os actualmente habilitados que ficariam assim á bica para as promoções nas vagas que eventualmente se dessem (para que concorreram) e para as resultantes do alargamento do quadro, ficando apenas habilitados para esta ultima condiçào aquelles por quem me interesso, no numero dos quaes me conto.

Bom seria que terminasse tambem o actual systema de classificar os candidatos ao posto de 1.º sargento.

Alem de injusto, commette a iniquidade de condemnar a ser eternamente 2.º sargentos, os individuos d'esta classe, que concorrendo ao exame para 1.º sargento não tenham mais de 12 valores no respectivo curso de habilitação.

Villar Formoso, 20 de março de 1911.

HENRIQUE HERMINIO BRANCO

2.º sargento d'infantaria 21

# Licença graciosa

Sr. redactor

Li no Mundo de 12 de janeiro, que continua a prevalecer a recompensa de licença graciosa com todos os vencimentos, para os funcionarios civis e militares que tenham 5 annos de permanencia no ultramar.

Ao meu ver, julgo que as praças de prèt, devem tambem ser consideradas como funcionarios militares, o que nunca o entenderam assim os homens do antigo regimen, pois que exemplos ha de alguns sargentos terem requerido a dita licença a que julgavam ter direito pelo que viam preceituado, e afinal nunca lhes foi concedida.

Ora é por tal concisaõ e falta de clareza, que ficamos na mesma duvida, sobre a interpretação d'aquella doutrina.

E' sobre este ponto que venho sollicitar do sr. Ministro das Colonias para esclarecer mais amplamente este assumpto.

Africa Occidental—Mossamedes, 24 de fevereiro de 1911.

MANUEL RODRIGUES DA ROSA

Musico militar

## Ministro do fomento

E' na proxima quinta feira que visita esta cidade, o sr. dr. Brito Camacho, illustre ministro do fomento, seguindo d'aqui para Montemor-o-Velho.

# PLACARD

Aos nossos assignantes que por qualquer motivo mudem de residencia, rogamos a fineza do nos prevenirem para não haver extravio na remessa; e aos que ainda estejam em debito, pedimos tambem, para que nos enviem a importancia de suas assignaturas até ao fim do corrente mez, para regularidade da nossa escripturação e evictar despezas que muito podem prejudicar o fim a que nos propomos.

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao director.

Recebemos e muito agradecemos a importancia das assignaturas de um anno, do sr. Gervasio Albano Baptista de Sousa, 1.º sargento da 2.ª companhia disciplinar d'Angola; a importancia de um semestre dos srs. Eugenio Marques, 2.º sargento de engenharia, Guarda; Antonio Jorge, 1.º sargento e Bernardo Plicano de Brito e Abreu, 2.º sargento, todos d'infantaria 12, Guarila; Manuel Ferreira dos Santos Junior, correio da guarda republicana, Porto; João da Silva Diniz, 2.º sargento reformado, Murça; Antonio Angelo Baptista, 1.º sargento d'infantaria, Manuel Francisco e Arthur Mauricio Moraes Machado, 2.º sargentos, Alipio João de Mattos, 2.º sargento enfermeiro, e Valentim Lopes Tavares, musico de 1.ª classe, todos da cidade da Praia, Cabo Verde; José Augusto Ferreira Lopes, capitão d'infantaria, Lisboa; e a importancia de um trimestre dos srs. Americo J. A. Pires, 2.º sargento d'infantaria n.º 8, Braga; Antonio d'Oliveira, 1.º sargento, José Manuel da Silva e José Elizario da Graça, 2.º sargentos, todos do grupo de artilheria de guarnição n.º 2, Caxias; Antonio Pinto Teixeira, 2.º sargento reformado, Porto; José da Rosa, 2.º sargento de infantaria n.º 19, Chaves; Antonio Soares, 1.º sargento d'infantaria n.º 23, Coimbra; José Gonçalves Estorinho, 2.º sargento da guarda fiscal, Lagos; Eduardo d'Albuquerque, sargento ajudante de cavallaria 4, Lisboa; Bernardino Nunes Pereira, 1.º sargento de infantaria 14, Vizeu; Antonio Pereira Leite, 2.º sargento da guarda fiscal, Povoá do Varzim; Joaquim Antonio Rella, Celestino Pestana, Emygdio da Silva e Joaquim Ferreira, 2.º sargentos reformados, Penafiel; Manuel Mendes da Rocha e Maximino Marques, 2.º sargentos, José Luiz e Carlos Manuel Pires, 1.º sargentos, todos de artilheria n.º 2, Figueira da Foz; João Pedro Diegues, 2.º sargento d'infantaria n.º 16, Lisboa; Francisco Antonio Marcos, 1.º sargento d'infantaria 9, Lamego; Alberto Antonio Rodrigues Praça, 1.º cabo do D. R. R. n.º 10, Mirandella; Eduardo Simões de Faria Couto, rua Ferreira Borges, 146, Coimbra; Candido Moraes Ferreira, musico de 1.ª classe d'infantaria n.º 9, Lamego.

## Aos nossos assignantes

Por absoluta falta de espaço não publicamos hoje a «Organisação militar da Confederação Suissa» e o «Guia medico para o colono de Angola».

Pelo mesmo motivo não publicamos alguns artigos que nos foram enviados por varios colaboradores.

Foi collocado em infantaria 23, o 2.º sargento Jorge das Neves Larcher, nosso presado collaborador.



## SECÇÃO HISTÓRICA

## O baluarte de S. João

Ao amanhecer daquelle dia, os portuguezes vestiram-se de galas. (1) Por todas aquellas desmanteladas muralhas de Diu, havia uma alegria extranha, como de quem esquecera os sofrimentos passados; e por todos os pontos mais fracos daquelles muros heroicos, por todas as «estancias» onde poderia haver mais perigo, fidalgos e soldados, numa estreita confiança, estavam a postos, decididos e valentes.

D. João de Mascarenhas olhava, satisfeito e confiado: as poucas dezenas de defensores de Diu, julgavam que aquelle dia seria o da sua libertação — e elle, prevendo tudo, ordenando com prudencia e energia, estendia os olhos, aprehensivo porventura, para o campo inimigo onde o movimento era grande e aparatoso.

Bem sabia elle, o heroico capitão-mór, que era um exercito valoroso aquelle que Rume-Khan (2) ali tinha na sua frente, e que, com soberba, começava «derramando-se em torno da Fortaleza.» (3) Ah! bem o sabia elle pela dura experiencia das passadas refregas!

Mas elle lá vinha, o exercito inimigo, em evoluções combinadas e prometendo um grande assalto; a artilheria da fortaleza jogava certa sobre elle; mas os inimigos eram aos milhares e sempre, sem fazer paragens, avançando, apertando, chegaram a levantar com ousadia sobre as muralhas, as escadas d'assaltantes.

Era geral o combate; ao impeto dos turcos, respondia a galhardia dos portuguezes; e naquella luta corpo a corpo, naquella esforço herculeo, naquella pugna sobrehumana, era de ver como os nossos, vestidos alegremente de galas, cançados de tanto combate e de tanta vigilia, sabiam sempre impôr ao assalto violento, uma dura muralha de valor.

Mas D. João de Mascarenhas olhava: no baluarte de S. João, onde commandava D. Fernando de Castro (4), após uma luta vigorosa e medonha, o inimigo, de subito, retirava; inquieto, D. João ordenou logo que largas-

(1) Era o dia 10 d'agosto de 1516, durante o 2.º cerco de Diu que principiou em maio e durante o qual foi capitão-mór da fortaleza o heroico D. João de Mascarenhas.

(2) E' o Rumeão dos nossos chronicistas.

(3) Jacintho Freire: *Vida de D. João de Castro*, liv. II.

(4) Filho de D. João de Castro e que então não tinha mais que desenoze annos.

sem o baluarte, que alguma cousa de traicoeiro se iria passar...

Ah!... mas quando todos sahiam, e Diogo de Reynoso, num rasgo de heroismo, quiz ver nesse abandono uma covardia e fez com que todo, voltassem aos seus postos, uma explosão colossal se deu, e num pavoroso conjunto, o baluarte cahiu por terra, num montão informe de escombros, sepultando os seus defensores e lançando sobre o campo inimigo uma chuva de pedras envolvidas em sangue e em fogo.

Pó e fumo se levantou espessamente e entobriu aquella immensa desgraça; e o terror pairando naquelles primeiros momentos, fez com que todos, amigos e inimigos, voltassem os olhos para aquelle extranho e assembroso espectáculo.

Mas, quando a atmosfera começou a limpar e, por entre o fumo já tenue se viam os primeiros escombros, cerca de 500 turcos se lançaram de roldão sobre a preza abatida. Tão facil a victoria!

Pedras amontoadas, cadaveres trucidados e carbonizados, sangue tinto o entulho, fogo lambendo as madeiras... eis a preza difficil que 500 turcos iam conquistar, em furia, «de tropel» com o restante do campo!

Correram, subiram por sobre as primeiras pedras, estavam quasi senhores da desejada estancia, quando, mal vistos pelo fumo, mais fantasmas que homens, numa attitude de lenda, cinco homens, cinco portuguezes heroicos, numa decisão extranha e numa loucura epica, lhes tomaram o passo e lhes sustiveram o impeto! (1) E os turcos, num assombro, viram aquelles cinco homens, largas horas sustentando o pezo de tão nova batalha. (2) até que D. João de Mascarenhas os veio socorrer com... quinze homens!

Venceram os turcos?

Não: simplesmente venceram os portuguezes; os turcos retiraram com o cahir da noite deixando centenas de mortos no campo — e nós, somos obrigados hoje a repetir com o chronicista:

— Verdade tão extranha!... como se devesse causar extranheza o valor e o patriotismo!

(1) Foram elles Sebastião de Sá, Antonio Pessanha, Bento Barbosa, Bartholomeu Correia e João Cirurgião.

(2) *Vida cit.*, liv. II.

apresentar ao seu ministro a receita e despesa feita com o pessoal superior ao seu serviço.

Famosos tempos da «Falperra Monárchica», que, não podendo repetir-se nas secretarias do Terreiro do Paço, se conservam porém, nas provincias, com outro aspecto nos estabelecimentos do Estado.

Antes de traduzir a intenção com que epigraphiei este meu artigo, era necessário que mostrasse aos meus amigos e camaradas que não são somente os grandes e os de farda agaloada que tem o maior interesse para que se trate sem demora, da produção da riqueza publica.

Dentro do exercito, cabe aos sargentos uma grande responsabilidade, principalmente aos que respondem por companhia e aos que fazem destacamentos. Os primeiros tem a seu cargo a conservação do material de guerra, da mobilia, do fardamento

das praças, e tem também a seu cargo a gerencia do rancho geral. Todos sabemos que os soldados, apesar de viverem durante alguns mezes na mesma caserna e de comerem a mesma meza, tem opiniões, indoles, etc., diferentes. Assim dois soldados que se alistaram no mesmo dia e que permanecerem no serviço activo os mesmos dias podem fazer despesas á Fazenda Nacional de differença consideravel. Ora não é desconhecido para ninguem que a informação do 1.º sargento na pretensão d'uma praça influe necessariamente para o deferimento d'essa pretensão, e justo seria pois que ás informações de caracter disciplinar se lhes adicionasse se era ou não cuidadoso na conservação e asseio dos seus artigos de fardamento e equipamento distribuidos.

A execução pratica d'esta doutrina seria precedida de conferencias ou pequenos conselhos em estylo vulgar feitos á formatura do recolher, á da revista de saúde e á do rancho, formatura esta ultima onde as praças, para não terem o incommodo de vestir a roupa de cotim, é frequente vê-las vestidas de fato preto, dando logar a que a roupa de panno appareça muitas vezes em estado de não se poder uma praça apresentar decentemente em passeio. Com respeito ao capote, é uma verdadeira desgraça. Com a applicação do que deixo mencionado seria facil fazer-se um calculo da economia que resultaria para a Fazenda Nacional, e não julgemos que, para applicar, seria necessário castigar, ter energia, etc.; não, bastava simplesmente a nossa boa vontade, a assiduidade ás alludidas formaturas. Já vai para seis mezes que fui transferido, a meu pedido d'um dos regimentos da capital para um dos do norte; n'aquelle regimento nunca o official d'inspecção teve o prazer de, á revista da parada da guarda, mencionar ou mesmo de apontar uma praça da minha companhia, e no regimento onde actualmente pertenco tem succedido outro tanto. Digo isto por simplesmente verdadeiro e não com vaidade.

Relativamente á gerencia do rancho, todos os 1.ºs sargentos devem ter, acima de tudo, brio e caracter militar, julgo que assim é; mas o que eu não comprehendo é que, com a Republica, succeda o mesmo que succedia com a monarchia. Fiz ou faço rancho, e tenho notado nos meus aranchados um sorriso de satisfação a despontar-lhe nos labios! Vejo e aprecio a forma como me cumprimentam e como se levantam á minha passagem! Ouço dizer: — «Este é o nosso primeiro que está de rancho...»

Tem razão os soldados, porque quem está de rancho é um 1.º sargento que, havendo dedicado todo o seu estudo á questão dos serviços administrativos no exercito, deseja saber a quanto monta a despesa feita com o mesmo exercito e, portanto, é de sua vontade que todas as quantias transcriptas no orçamento do Ministerio da Guerra tenham a sua verdadeira applicação!

A tabella é excellente, hão de entrar na confecção do rancho os generos que ella ordena, nada de percentagens para a machina de estragar batata, havemos de alimentar o soldado, da mesma forma de que se alimenta um homem, pois só assim se comprehende que o escalemos para serviço e que se lhe applique o regulamento disciplinar. Temos que rodear o soldado de todos os cuidados para que a nação possa delles exigir tudo quanto elle pode offerter.

Relativamente aos sargentos que fazem destacamentos, tem ao seu cuidado, em circumstancias limitadas,

a execução da doutrina que deixo exposta.

Talvez julguem alguns mal intencionados ou pessimistas que o nosso esforço nada valerá em opposição ás illegalidades que por esse paiz fora se praticam. Mas que importa que outros sigam caminho errado, quando nós temos obrigação de resistir até com prejuizo do nosso futuro, visto que é um beneficio á patria?

Tivesteis a prova do valor da minha intransigente opposição e da força moral que me coage, a romper contra todos quantos tem funcções administrativas numa unidade!

Agora só me resta esperar a acção da justiça, não para mim, mas para aquelles que delinquiram, pois a accusação, em face do codigo de justiça militar, foi tão energica, que seria uma ousadia deixar criminosos em paz.

Eu espero só, naturalmente a minha transferencia, não por receio de perseguições, visto que a monarchia já não existe, mas para tranquilidade da minha alma revolucionaria e do meu cerebro pensador.

Até breve.

SCHUMMANN

## Errata

No ultimo numero, devido a erro de revisão, sahiu em artigo de fundo a palavra *preconizamos* em vez de *presagiamos*.

## Protesto

Cidadão director

Permitta-me que venha por intermedio do nosso advogado, lavar sentida e sinceramente o meu protesto, contra a negação do direito de votar, á classe de sargentos a que me orgulho de pertencer, inserta na nova lei eleitoral.

Lastimo bastante, porém, ver-me forçado a vir por este meio patentear o meu desagrado contra este facto, porque nunca esperei que os dirigentes do nosso paiz, dentro d'um regimen, que foi, por todos os verdadeiros patriotas, tão anciosamente desejado, viessem crer impôr uma tão degradante e inconcebivel humilhação perante a sociedade, a uma classe trabalhadora e honesta, como é a nossa, pois que negando-nos o direito de votar, negam-nos todos os direitos que tem qualquer cidadão, collocando-nos consequentemente no plano baixo e deshonoroso da mais vil escoria da sociedade.

Não seja, portanto, só apregoar justiça e igualdade, essés sublimes principios do socialismo, seja-se também coherente em dar-lhe cumprimento.

Terminando estas linhas, espero que toda a nossa classe se una, e que n'um rasgo de altivez manifeste aos poderes constituídos, que é composta de cidadãos dignos, e por isso, como tal quer e deve ser considerada.

Thomar, 17-3-914.

DIAMANTINO SIMÕES DE FREITAS  
2.º sargento do D. R. R. 15

## O FRANCEZ

Inglês, allemão e italiano, sem mestre. Descoberta inapreciavel para o estudo das linguas. Novas edições melhoradas. Cada lingua, 25500 réis; cada fasc. (em Lisboa) 100 réis. O MESTRE POPULAR, de Gonçalves Pereira (pae), rua de S. Paulo 12, 4.º e Ferregial de Baixo, 34, 2.º — Lisboa. Cuidado com as falsificações.

## Ao exercito republicano do meu paiz

A acção dos 1.ºs sargentos no exercito é principalmente administrativa e economica.

Todos nós, grandes e pequenos, burguezes e plebens, e mesmo a canalha, sabemos as condições financeiras em que se encontra o paiz. No tempo da monarchia estavam os cofres do thesouro abertos á disposição da aristocracia pelintra, saccando a descoberto todas as quantias que a sua ambição e vaidade necessitavam para occorrer ás mais extraordinarias e illegaes despesas. Nem ao menos ao porteiro do ministerio da Fazenda lhe era entregue uma conta corrente para



**IMPRESA ACADEMICA**

153—Rua da Sophia—165

COIMBRA

Grande deposito de todos os modelos, nitidamente impressos, para o serviço dos Corpos do Exército, Districtos R. e Reserva, Hospitais Militares, etc.

Execução rapida.

**Mario Paes & Com.<sup>ta</sup>**

ARMAZENS DE

Mercearias, Farinhas, Semeas e Tregaria

SÉDE—Rua Adelino Veiga—COIMBRA

Telegr. FARINHAS—Teleph. n.º 124 e 44

Vendas só por grosso

Preços em competencia com as melhores casas no nosso genero.

**Mata-sezões****VERDADEIRAS PILULAS MILAGROSAS****OU MALEITAS**

Curam em poucos dias todas as febres intermitentes.

Estas pilulas podem tomar-se sem receio, **ABREM O APETITE** á comida e **NÃO EXIGEM DIETA**, podendo o doente comer de tudo. Preço da caixa 400 réis—meia caixa 240 réis (pelo correio mais 10 réis).**Arranca-callos**

Esta afamada pomada extrae os callos pela raiz, em 3 dias—Preço da caixa 150 réis (porte gratis)

**Unguento de Villar**Este milagroso unguento, **EXPERIMENTADO NA MAIS DE 60 ANOS, cura as feridas e chagas**, por mais antigas que sejam, varizes e frieiras ulceradas, ulceras cancerosas e typhiliticas, **herpas, impigons, tinha, sardas, nodos de melancolia** e outras molestias de pelle. Milhares de curas e muitas cartas de agradecimento comprovam os seus magnificos resultados. Preço da caixa 150 réis (porte gratis). Remette-se pelo correio a quem mandar a importancia em estampilhas ou vale.Pharmacia e drogaria **FIGUEIREDO**

RUA DA SOPHIA, 30 COIMBRA

**Pastelaria e Confeitaria****TELLES**

450—Rua Ferreira Borges—452

COIMBRA

Nesta casa, regularmente montada no genero das de Lisboa e Porto, encontra-se á venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos desta natureza:

Doces de ovos com os mais finos recheios.

Doces de fructa de diversas qualidades, seccos e crystalizados.

Fabricam-se grandes peças de fantasia, proprias para brindes.

Variada pastelaria em todos os generos, especializando os de folhado. Galantinas diversas. Tête d'Achar. Paté de Liever e Foie.

Saucisses Pudings de diversas qualidades, vistosamente enfeitados. Pão de ló, pelo systema de Margaride.

Especialidade em vinhos generosos e licores finos das principaes marcas.

Amendoas, bon-bons, chocolates, queijos, chás, etc.

**CAFÉ, BEBIDAS E CERVEJAS**

Deposito dos magnificos vinhos da Empreza Vinicola de Salvaterra de Magos, da finissima manteiga da Quinta de Fontello e dos productos da Fabrica de Bolachas e Biscoitos da Cou-raça de Lisboa, 32.

Dão-se senhas da Bonus Conimbriense.

Queijo fino da serra na

**Mercearia Lusitana****ALFAIATE**

Antonio Ribeiro das Neves Machado

Fornecedor da Companhia dos Caminhos de Ferro

58—RUA DA SOPHIA—61

COIMBRA

Grande sortido de fazendas nacionaes estrangeiras. Colletes de phantasia, o que ha de maior novidade. Gravatas, suspensorios, collarinhos e muitos outros artigos. Especialidade em varinos de Aveiro.

Uniformes para militares.

Presunto de Melgaço (qualidade garantida), chegou a primeira remessa á

**MERCEARIA LUSITANA****DROGARIA VILLAÇA**

COIMBRA

Completo sortido de productos chimicos, especialidades pharmaceuticas e artigos de borracha.

Tintas, oleo de linhaça, vernizes, brochas e todos os artigos concernentes á pintura.

Deposito de aguas medicinaes.

O melhor enchido de Portalegre

Na casa **Gaitto & Cannas****Methodo João de Deus**

Ensina-se a ler e escrever pelo referido methodo.

Lições nos domicilios dos interessados.

Trata-se na rua Joaquim Antonio de Aguiar, n.º 76.

OFFICIAL DO EXERCITO

**DIHETOL**

(Base de Cinnamato de Sodio)

Empolas e frascos de solução purissima e aseptica

Formula do Dr. Marques dos Santos para o tratamento especifico da

**TUBERCULOSE PULMONAR**

Injecções hypodermicas e via buccal. Attestados medicos. Indicam-se doentes curados. Modificação ao methodo de Landerar, de Stuttgart. Baptista d'Abreu, preparador em Calvario (BEIRA ALTA)

Depositarios: Drogaria Villaça, Coimbra; Pharmacia Barral, Lisboa  
Pharmacia Magalhães, Porto

**VEROL & C.<sup>a</sup>**

CASA DO MILITAR Á PORTA

**Fundada em 1836**

Premiado nas exposições a que tem concorrido, obtendo na Exposição Nacional do Rio de Janeiro de 1908 Grand Prix e Medalha de Ouro.

**LIVRARIA E PAPELARIA**

COM OFFICINA DE

Typographia, Encadernação, Litographia, Pautação, Riscados e Dourador

Telephone n.º 1:321

434—Rua Augusta—436

Lisboa—Portugal

**Catalogo de livros militares**

|  |        |   |       |
|--|--------|---|-------|
| Regulamento dos corpos do exercito .....   | 500    | campanha, por A. D. Branquinho, 1 vol. broc. ....   | 600   |
| Idem, continencias e honras militares .....  | 120    | Heroe de Chaimite, por E. de Noronha, 1 vol. broc. ....   | 15000 |
| Regulamento de campanha, 1.ª parte .....   | 600    | Regulamento de tiro, tradução do allemão, por J. Prata Dias, 1 vol. broc. ....  | 500   |
| Idem, 2.ª parte, infantaria. ....  | 400    | Programma para 2.º sargento de infantaria, por Eduardo Ferreira Vianna  | 15000 |
| Idem, 2.ª parte, engenharia. ....  | 500    | Dito, Varão e Coelho .....  | 15200 |
| Idem, 2.ª parte, cavallaria. ....  | 500    | Programma para 1.º sargento de cavallaria, Mascarenhas .....  | 400   |
| Idem, 2.ª parte, artilheria. ....  | 500    | Dito 1.º sargento Varão e Coelho .....  | 15600 |
| Instrucções para uso da carabina, 1.ª, 2.ª e 3.ª parte   | 400    | Idem, para 1.º sargento de cavallaria e infantaria, Rodrigues .....   | 500   |
| Jogo de espada .....   | 300    | Pró Patria, por Homem Christo, 1 vol. ....  | 900   |
| Idem, de lança .....   | 300    | Album militar (commendas e uniformes) .....   | 500   |
| Equitação, 1.ª parte .....   | 300    | Exame para cabos .....  | 60    |
| Idem, 2.ª parte .....  | 300    | Instrucções para cabos e soldados .....   | 100   |
| Manejo da espingarda, 6.ª, 5.ª   | 200    | Apontamentos sobre tactica e estrategia, por José Cardoso, 1 vol. ....  | 600   |
| Escola do soldado .....  | 300    | Manual do Colono, por Alfredo Leão Pimentel, 1.º vol. ....  | 700   |
| Mobilisação do exercito. ....  | 15000  | Idem, 2.º vol. ....   | 800   |
| Manual de gymnastica .....   | 500    | Idem, 3.º vol. ....   | 15000 |
| Regulamento de étapes. ....  | 200    | Idem, 4.º vol. ....   | 15500 |
| Exercicios de quadros. ....  | 300    | Idem, para instrucção de cabos e soldados, por Manuel Alexandre Montez, 1 vol. ....   | 150   |
| Theoria nas casernas, broc. ....   | 300    | A funcção do exercito, por R. A. Esteves, 1 vol. ....   | 500   |
| Idem, cart. ....   | 600    | Higiene, por Arthur de Miranda Lemos, 1 vol. ....   | 300   |
| Regulamento de reservas. ....  | 200    | Manual de gymnastica, por D. Miguel Henrique de Alarcão, 1 vol. broc. ....  | 800   |
| Cartilha militar .....   | 40     | Idem, cart. ....  | 15000 |
| Curso de habilitação para 1.ª cabos, broc. ....  | 300    | Raças cavallares da Peninsula, por D. A. A. da G. Oliveira, 1 vol. ....   | 15800 |
| Idem, cart. ....   | 400    | Appendice ao livro «Raças Cavallares,» pelo mesmo auctor, 1 vol. ....   | 600   |
| Idem, para 2.ª sargentos, broc. ....   | 300    | Manual de instrucção para as praças de infantaria da Guarda Fiscal, por Antonio da Graça Ferreira. ....   | 900   |
| Idem, cart. ....   | 400    | Elucidario de serviços fiscaes aduaneiros, pelo mesmo auctor .....  | 750   |
| A Bandeira, poesia dirigida aos soldados portuguezes   | 100    | Manual de fortification, por H. Plessix et E. Legrand   | 15000 |
| Notas sobre a cavallaria na actualidade, 1 vol. broc. ....   | 500    | Programma da parte especial do curso para 1.ª cabos de infantaria, por José Maria «Guitton» ...   | 400   |
| Guia pratico dos commandantes de destacamentos, por Eduardo F. Vianna, 1 vol. broc. (2.ª ed. augmentada) ..... | 800    | Programma da legislação, administração e escripturação militar, para o curso de habilitação de 2.ª sargentos de infantaria, pelo mesmo auctor ..... | 300   |
| Idem, cart. ....   | 15100  | Manual para os cursos de habilitação de 2.ª sargentos e 1.ª cabos, por Adrião Lucas .....   | 200   |
| Problemas de tactica applicada nas cartas topographicas, por F. R. da Silva, 3 vol. broc. ....                 | 55000  | Topographia .....   | 50    |
| Legislação militar, por Franco, 7 vol. broc. ....  | 125000 | Idem, Mendes d'Almeida, 2 vol. broc. ....   | 50000 |
| Guia auxiliar do official para escripturação dos conselhos administrativos, 2 vol. broc. ....                  | 15400  | Metralhadoras, pelo capitão V. Bugalho .....  | 800   |
| Idem, 1 vol. cart. ....  | 15700  | Higiene nas marchas de infant.ª por Joaquim Vieira  | 300   |
| A cavallaria no campo da batalha, por F. Sá Chaves, 1 vol. broc. ....  | 300    | Equitação e Hypologia, por conde Fornos d'Algodres  | 15200 |
| Telegraphia optica, seu papel tactico e estrategico, 1 vol. broc. ....   | 200    |   |       |
| Codigo de Justiça Militar, 1 vol. broc. ....   | 600    |   |       |
| Idem, cart. ....   | 900    |   |       |
| Campanha do Bailundo em 1902, por F. C. Moncada, 1 vol. broc. ....   | 15000  |   |       |
| Serviço de cavallaria em campanha, por F. Tamagnini, 1 vol. broc. ....   | 800    |   |       |
| Administração militar em   |        |   |       |